A UNIÃO

Ano CXXXI Número 069 | R$ 3,50

João Pessoa, Paraíba - DOMINGO, 21 de abril de 2024

Fundado em 2 de fevereiro de 1893 no governo de Álvaro Machado

auniao.pb.gov.br | @jornalauniao

MÉDIA PARAIBANA

Por dia, oito recém-nascidos são registrados sem o nome do pai

Ausência causa prejuízo afetivo, restringe acesso a direitos e preocupa especialistas no assunto. *Página 7*

Casarões antigos guardam memórias de João Pessoa

Foto: Carlos Rodrigo

Edificações imponentes da capital paraibana resistem ao tempo e permanecem presentes no imaginário popular. *Página 5*

Indígenas lutam para ampliar presença na política da PB

Apenas quatro dos 223 municípios do estado têm representantes dos povos originários em cargos eletivos.

Página 13

Belo inicia, hoje, participação na Série C do Brasileiro

Time paraibano enfrenta o Floresta no Estádio Presidente Vargas, em Fortaleza, a partir das 19h.

Página 21

Projeto auxilia contribuintes a preencher declaração do IR

Iniciativa da Receita, em parceria com instituições de ensino, oferece serviços gratuitos para os cidadãos.

Página 17

Pesquisadores alertam sobre importância de preservar abelhas

Manutenção da biodiversidade depende dos insetos, que correm risco de extinção.

Página 20

Foto: Edson Matos/Arquivo

Memórias

*Martinho Sampaio acompanhou a evolução técnica de **A União***

Profissional passou por todos os estágios da oficina do jornal até se tornar o elo entre a redação e a impressão. Tornou-se editor com mais de mil obras publicadas e hoje é responsável pelo Diário da Justiça.

Páginas 14 e 15

■ "Quanta gente boa eu mesmo escanteei da leitura por uma miséria dessas na biografia, por ideologia! Foi preciso ler 'Nordeste', o poema de Gilberto Freyre, para adentrar sua 'Casa Grande & Senzala'".

Gonzaga Rodrigues

Página 2

■ "Se o vídeo é o protagonista da comunicação, a TV linear ainda é a grande estrela nas casas dos brasileiros. Prova disso é que, em 2023, o alcance desse sistema foi de 99,2%".

Angélica Lúcio

Página 26

Pensar

Educação inclusiva para alunos com Transtorno do Espectro Autista é o tema desta edição do Pensar. Especialistas e familiares debatem o papel da escola no desenvolvimento de crianças e adolescentes.

Páginas 29 a 32

Foto: Divulgação

Silvia Machete detalha o novo projeto musical

A premiada multiartista lança "Invisible Woman", mais um disco do projeto Rhonda, iniciado em 2021, e que perfaz uma trilogia. Álbum, com 12 músicas, chegou às plataformas digitais na última sexta-feira e, em breve, será editado em vinil.

Página 9

Editorial

A melhor política

As incertezas dos tempos atuais, relacionadas aos eventos climáticos extremos, como, por exemplo, estiagens e enchentes, secas e inundações, correntes de ar frio e ondas de calor, impõem à sociedade planetária uma mudança radical de comportamento. É preciso adaptar-se da melhor maneira possível a esse período marcado pela imprevisibilidade, para evitar danos maiores, no que diz respeito à vida e ao patrimônio material.

A prevenção é uma das melhores políticas. Se as altas temperaturas afetam drasticamente o ciclo hidrológico, favorecendo, portanto, a queda de chuvas cada vez mais intensas, faz-se necessário adotar medidas protetivas para as regiões em situação de risco, tanto nas zonas rurais como nos espaços urbanos. Não se pode deixar tudo para depois dos temporais, sob pena de se continuar amargando perdas de bens valiosos.

Os rios e açudes devem estar livres de assoreamento ou de qualquer outro processo, provocado pela natureza ou pela ação humana, para que não transbordem facilmente, colocando em risco as populações que os margeiam. Muitas barragens estouram, desperdiçando água e causando prejuízos materiais e humanos simplesmente porque não passaram antes por um processo de profilaxia.

Os prédios e as casas devem passar por vistorias sistemáticas, para que eventuais problemas relacionados à infiltração sejam solucionados antes das chuvas caírem. O mesmo vale para as árvores – das ruas, dos quintais e dos jardins -, que devem ser podadas ou mesmo retiradas quando apresentam sinais de doença ou decrepitude. A queda de árvores é uma adversidade recorrente nos temporais.

O fato é que não de deve mais fechar a porta depois de roubado. O clima está indócil, para não dizer feroz, e como não se tem a menor esperança de se reverter tão cedo as causas dos desequilíbrios ambientais, ser prudente é a melhor política. Passear de barco quando o tempo prenuncia chuvas fortes, hoje em dia, é candidatar-se à tragédia. É como buscar abrigo sob árvores, quando relâmpagos cortam o espaço.

Governo e sociedade civil organizada devem dar as mãos, ajudando-se mutuamente na caminhada por essa geografia tão cheia de perigos em que o mundo se transformou. A natureza agredida e o capital ambicioso como que se uniram contra a espécie humana, que não tem alternativa, caso queira melhorar, de fato, a qualidade de vida, a não ser cuidar com maior afeição tanto do meio ambiente como das pessoas.

Artigo

Rui Leitão
iurleitao@hotmail.com

"Romanceiro da Inconfidência"

O fato histórico que relembramos na data de hoje integra a história da conspiração mineira ocorrida em fins do século 18 na então capitania das Minas Gerais, narrada de forma poética, no livro Romanceiro da Inconfidência, da escritora Cecília Meireles, publicado em 1953, dividido em cinco partes e contendo 85 romances ou poemas, faz parte da segunda fase do modernismo brasileiro, conhecida como a "fase da reconstrução". A professora Norma Seltzer Goldstein, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP, especialista em Cecília Meireles, comentando sobre essa obra literária da poetisa carioca, afirma: "Quando lemos Romanceiro da Inconfidência, percebemos um diálogo com três épocas: a época da autora, que escreve em meados do século 20, a época dos fatos relatados, em meados do século 18, e a era medieval, que é o berço do gênero romanceiro, um relato popular em versos". A autora explica que ao assumir sozinho, a culpa da revolta contra a Coroa, Tiradentes se tornou um mártir heróico.

A personalidade histórica que reverenciamos a cada dia 21 de abril liderou o movimento de libertação da colônia brasileira contra a metrópole portuguesa. Cecília Meireles descreve o alferes como uma figura mítica: "O passado não abre a sua porta e não pode entender a nossa pena. Mas, nos campos sem fim que o sonho corta, vejo uma forma no ar subir serena: vaga forma, do tempo desprendida. É a mão do Alferes, que de longe acena. Eloquência da simples despedida:

"Adeus! que trabalhar vou para todos!..."(Esse adeus estremece a minha vida.)".

Chico Buarque encontrou inspiração no livro "Romanceiro da Inconfidência", para compor a canção Os Inconfidentes, gravada em 1970. A obra igualmente estimulou a produção de vários filmes e peças de teatro, onde se destacaram personagens femininas como Chica da Silva e Marília de Dirceu, também homenageada como título de um dos famosos poemas de Tomaz Antônio Gonzaga.

A Inconfidência Mineira, tema da obra de Cecília Meireles, foi um movimento de caráter separatista, objetivando romper com Portugal, acabando com o monopólio comercial da Coroa lusitana, e adotar um regime republicano que teria São João del Rei como capital. A bandeira do estado de Minas Gerais traz a frase latina "Libertas quae sera tamen" (Liberdade ainda que tardia). No entanto, três dos inconfidentes, dentre eles o coronel Joaquim Silvério dos Reis, procuraram o governador Visconde de Barbacena e delataram a conspiração. Em razão disso Tiradentes foi condenado à morte e executado no dia 21 de abril de 1792, no campo de São Domingos, no Rio de Janeiro. Após o cumprimento da sentença, o corpo foi esquartejado e ficou exposto à execração pública.

Fatos históricos e lendários de Minas Gerais se fazem presentes no livro, onde ela inicia evocando a escravidão dos africanos na região central do planalto em episódios da exploração do ouro e dos diamantes. Em outro momento se dedica a relatar o destino dos heróis da chamada Inconfidência Mineira, denunciando, inclusive, o sistema colonial que favorecia a exploração dos desamparados pelo poder central sediado em Portugal. Foram anos de laboriosa pesquisa histórica, que resultou num verdadeiro retrato da sociedade mineira do final do século 18 e dos acontecimentos da Inconfidência. No texto encontramos referências às ideias de liberdade que inspiravam o movimento, a organização dos inconfidentes, a ação dos delatores e a morte exemplar de Tiradentes, enforcado e esquartejado.

Ela dá voz a um bêbado que testemunhava o enforcamento de Tiradentes, para assim se expressar sobre o funesto acontecimento: "Vi o penitente de corda ao pescoço. A morte era o menos: mais era o alvoroço. Se morrer é triste, porque tanta gente vinha pra rua com cara contente?(…) Não era uma festa".

A personalidade histórica que reverenciamos a cada dia 21 de abril liderou o movimento de libertação da colônia brasileira contra a metrópole portuguesa

Rui Leitão

Foto Legenda

Ortilo Antônio

A festa dos pombos

Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

Lembrando Genolino Amado

Uma das minhas antigas quizilas com a crítica literária sempre foi a de não encontrar o cronista Genolino Amado entre os elencados nas antologias brasileiras do gênero. O cronista que chegava a nossas páginas para adoçar as noites compridas do revisor, mesmo já iniciado nas "Sombras que Sofrem" de Humberto de Campos, da biblioteca de Alagoa Nova. (Ia dizendo bibliotequinha de Alagoa Nova - que injustiça, que grossa ingratidão!)

Pois bem. Devo a esse cronista sem referência maior na crítica, mesmo na mais criteriosa e isenta de um Afrânio Coutinho, a alternativa da minha preguiçosa dispersão literária. A União de Juarez Batista enxertava esse antigo doce "similares" no pão seco das nossas noites. E nele me adocei até hoje.

Mas onde está Genolino que as artes de um Rubem Braga, de um Sabino, de um Drummond o encobriram?

Não foi só omitido. Numa memória literária, só como exemplo, o grande mestre Álvaro Lins (logo quem, Senhor Deus?!) o descompõe: omite seu nome no texto, limitando-se a chamar o leitor de "Vida Literária" para as inicias G.A. ao pé de página.

Por que isso? Por acaso, procurando outra coisa, dou com Genolino na Enciclopédia Literária do grande Afrânio. Dez linhazinhas somíticas, não mais que referência seca ao jornalista, ensaísta, professor, tradutor e (matando a charada) chefe da Censura Teatral e Cinematográfica de São Paulo, redator-chefe do Departamento de Propaganda do Rio de Janeiro. A crítica não o perdoou.

E baixei a cabeça. Quanta gente boa, eu mesmo escanteei da leitura por uma miséria dessas na biografia, por ideologia! Foi preciso ler "Nordeste", o poema em prosa de Gilberto Freyre, para adentrar sua "Casa Grande & Senzala". Seu salazarismo me impedia. Gustavo Corção, um dos escritores mais lidos e influentes, não conseguiu prender-me ao romance que o consagrou, "Lições de abismo". Seu catolicismo não parecia uma religião, uma doutrina, mas um fanatismo ideológico. E me senti excluído de sua leitura.

Vem o tempo e, nas "Horas de Leitura" de Brito Broca, tocando nos velhos "folhetins" de França Júnior, um dos principais precursores da crônica de costumes, lá vem Genolino Amado como "um dos maiores escritores do gênero em nossos dias". Exatamente os meus dias de aliciado por um texto que custava entender como passou a ser subestimado e esquecido. Atuando na censura, foi sua crônica que me botou nas mãos um dos livros ideologicamente mais influentes, o romance de Michael Gold, "Judeus sem dinheiro". Ao lado do Booker Washinton, traduzido por Graciliano Ramos, podia-se descobrir que só não havia riqueza nos Estados Unidos.

Tempos depois encontro na nossa Grafset, convocada para assessorar a editora na publicação de um atlas de Sergipe, uma professora universitária que se abre comigo quando lhe falo no historiador Manuel Bonfim: "Sua terra (Sergipe), como a minha, só perde em estrelato literário para o Maranhão." Ela não se deu por satisfeita, e entre Bonfim, Silvio Romero, Tobias Barreto e Gilberto Amado, levanta-se eufórica e exaltada: "Há um, da minha paixão, que você não conhece: Genolino Amado, irmão de Gilberto, este muito mais famoso, mas não tão amado quanto o cronista dos "Inocentes do Leblon".

"...que você não conhece" – quanto ela se enganava!

"Mas onde está Genolino que as artes de um Rubem Braga, de um Sabino, de um Drummond o encobriram?

Gonzaga Rodrigues

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA, FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC
Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

Gisa Veiga
GERENTE EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / 99117-7042
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509
E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)
ASSINATURAS: Anual ..... R$350,00 / Semestral ..... R$175,00 / Número Atrasado ..... R$3,00
CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

OUVIDORIA: 99143-6762

Foto: Evandro Pereira

Jeniffer da Silva, que mora em Salgado de São Félix, passa a semana em João Pessoa com seu filho Diego Santos, de seis anos, que faz tratamento de quimioterapia no Hospital Napoleão Laureano

GOVERNO DO ESTADO

PB amplia rede de atenção para pacientes com câncer

Plano de ação prevê o destino de recursos no valor de R$ 40 milhões por ano

Emerson da Cunha
emersoncsousa@gmail.com

No último dia 9, o Governo do Estado anunciou a ampliação da rede de tratamento contra o câncer na Paraíba a partir do programa Paraíba Contra o Câncer, dentro da rede de atenção ao paciente com doenças crônicas, abrangendo rastreio, diagnóstico, estadiamento, tratamento e cuidados paliativos.

O plano de ação prevê o destino de recursos no valor de R$ 40 milhões por ano e envolve a expansão dos serviços nos hospitais da rede estadual, assim como também hospitais filantrópicos e privados com convênio, incluindo cirurgia, diagnóstico e quimioterapia, e implementação de um sistema de regulação com fila única para otimizar o acesso aos tratamentos.

Também estão previstos: auxílio da telemedicina; implementação de regulação única para pacientes com câncer; além da priorização dos cânceres mais frequentes, com foco nas linhas de cuidado prioritárias, a exemplo do colo de útero, próstata, aparelho digestivo e pele não melanoma.

Atualmente, cinco hospitais na Paraíba realizam atendimento a pacientes com câncer pelo Sistema Único de Saúde (SUS): São Vicente de Paula e Napoleão Laureano, em João Pessoa, Hospital Universitário Alcides Carneiro e o Hospital da FAP, em Campina Grande, e o Hospital Regional Deputado Janduhy Carneiro, em Patos, esse sendo uma unidade hospitalar gerido pelo próprio Governo do Estado.

Com a ampliação, passarão a realizar as cirurgias oncológicas os seguintes hospitais: na 1ª macrorregião de saúde, os Hospitais Edson Ramalho, Regional de Mamanguape, Regional de Guarabira, Regional de Itabaiana, Arlinda Marques e Maternidade Frei Damião. Na 2ª macrorregião de saúde, farão as cirurgias os Hospitais de Clínicas de Campina Grande, Regional de Picuí, Regional de Taperoá, Santa Filomena, em Monteiro; e Hospitais Regionais de Sousa, Cajazeiras, Piancó, Catolé do Rocha e Pombal, na terceira macrorregião de saúde. Outro ponto é a aquisição de um PETScan, um aparelho de custo milionário e que é de fundamental importância no tratamento do câncer.

Programa terá hospitais do Estado e privados

A primeira fase do programa, iniciada logo no primeiro semestre de 2024, consistirá na ampliação da rede própria do estado para linhas de cuidado prioritárias, como os casos de câncer de mama, colo de útero, próstata, aparelho digestivo e pele não melanoma. No segundo semestre será iniciado o processo de contratualização de rede complementar, que envolverá hospitais privados, filantrópicos, clínicas e laboratórios credenciados pelo Governo do Estado, como o Hospital Napoleão Laureano e o Hospital São Vicente, em João Pessoa, o Hospital da FAP, em Campina Grande e o Hospital do Bem, em Patos.

A ampliação deverá melhorar a vida de pacientes como Luciana Galdino, de Cajazeiras, que leva cerca de nove horas para fazer seu tratamento no Hospital Napoleão Laureano, na capital. Embora esteja em um período de aplicação de quimioterapia uma vez por semana, juntando as horas de viagem também com outros serviços, como consultas regulares e fisioterapia, ela acaba perdendo um dia inteiro por semana ou mais para realizar seu tratamento, comprometendo as atividades diárias.

"É muito cansativo pra gente que vive no Sertão fazer o tratamento e voltar no mesmo dia. Leva o dia inteiro aqui, mais que um dia talvez. Afeta o tratamento. Se essa ampliação acontecer no Sertão, vai ser muito bom porque tem muita gente fazendo tratamento de câncer aqui [em João Pessoa]", coloca Galdino.

Há também quem precise ir todo dia para fazer o acompanhamento, transformando o tratamento em uma grande jornada de idas e vindas diárias. Andreia Barros é de Solânea, no Brejo paraibano, e faz tratamento contra o câncer de linfoma de Hodgkin há 13 anos, quando descobriu o diagnóstico ainda durante uma gravidez. Desde então, segue fazendo o acompanhamento no Napoleão Laureano.

Todos os dias, ela leva cerca de duas horas e meia na ida e na volta do percurso até o Napoleão Laureano. Nesse caso, a ampliação pode trazer a esperança de um tratamento de que seja realizado próximo de casa e da comunidade.

"Eu acordo muito cedo pra vir pra cá. Duas horas da manhã, eu já estou acordada. Aí pego a estrada de madrugada também, chega aqui de manhãzinha, a gente vai esperar as outras pessoas terminarem o tratamento ou os outros me esperarem terminar também. Essa dificuldade existe, e também o risco da estrada, que é muito cansativo, viagem longa. Sempre que você fica o dia inteiro, não deixa nada pra fazer em casa porque não vai dar tempo. E não só com paciente, também com acompanhante, que tem seu trabalho", reforça Barros.

Mais pessoas vão ter acesso ao tratamento

Mesmo quem tem a oportunidade de realizar tratamento perto de casa reconhece a necessidade da ampliação para que mais pessoas possam ter acesso tanto ao diagnóstico como às etapas do cuidado contra o câncer. É o caso de Rozana Braz que recebeu o diagnóstico de câncer de mama na véspera de seu aniversário, em setembro do ano passado. Moradora do município de Pocinhos, a alternativa foi recorrer ao Hospital da Fundação Assistencial da Paraíba (FAP), em Campina Grande.

Hoje em dia, ela realiza quimioterapia a cada 15 dias, fazendo um deslocamento em torno de duas horas de forma regular. A força que encontrou no processo a levou a formar um grupo de amigas que passava pela mesma situação e a tornou uma defensora das causas das pessoas que hoje vivem com câncer. Criou com outras pacientes o grupo de apoio Lindas Borboletas e alimenta o seu perfil do Instagram @rozana_braz com vídeos inspiradores de sua jornada.

"Eu amo viver, amo a vida. Nesse meio eu comecei a me engajar e buscar as pessoas que estavam passando pela mesma dor, fui encontrar forças e dar forças para outras. Foi quando conheci a ONG Mulheres de Peito, fui atrás de eventos, entrei em grupos. Na FAP, me envolvi nas atividades do Outubro Rosa, e fui ressignificando minha vida. O câncer não é uma sentença de morte, mas não é fácil".

Não apenas os adultos sofrem com a distância que precisam percorrer. Diego Santos, filho de Jeniffer da Silva, que está na terceira recaída de um câncer de fígado, com o qual convive há três anos dos seus poucos seis anos de vida. O tratamento de Diego atualmente é composto de sessões diárias de quimioterapia durante a semana. Naturais de Salgado de São Félix, no Agreste, mãe e filho seguem para João Pessoa às segundas e voltam às sextas, em viagens de cerca de duas horas e meia, para o Hospital Napoleão Laureano.

"Quanto mais perto de casa, melhor. Seria bom estar em casa todo dia. Aqui tem todo conforto, apoio, tem carinho, tem amor, que é o que a gente precisa, mas se pudéssemos ir e voltar todo dia pra nossa casinha, seria bom. Já faz quase quatro anos que a gente está nessa luta e passa muito pouco tempo em casa. Um hospital perto ajudaria bastante, estar mais perto da família, da comunidade ajudaria bastante", salienta Jeniffer.

UN Informe
Da Redação

DEPUTADO QUER GARANTIA DOS DIREITOS DE PCD PARA OS FIBROMIÁLGICOS

A Assembleia Legislativa da Paraíba (ALPB) promoverá, nesta semana, um debate sobre os direitos das pessoas com fibromialgia no Estado. A Audiência Pública da Fibromialgia acontecerá na próxima quinta-feira, às 9h, no Plenário Deputado José Mariz. A iniciativa é uma propositura do deputado estadual Wilson Filho (Republicanos), autor da Lei nº 1.340/2023, que assegura aos fibromiálgicos os mesmos direitos das pessoas com deficiência. A matéria já foi aprovada pela Comissão de Constituição e Justiça (CCJ). Mas, antes de seguir para o Plenário, Wilson Filho solicitou que fosse realizada uma audiência pública para discutir o tema junto à Funad, Secretarias de Saúde e demais órgãos envolvidos no processo. No mês passado, pessoas com fibromialgia passaram a ser reconhecidas como pessoas com deficiência (PcD) no Distrito Federal. Mas, desde o ano passado, Assembleias Legislativas vêm aprovando projetos de lei nesse sentido, como Amazonas, Minas Gerais e Espírito Santo, por exemplo. Também, em março, começou a tramitar projeto de lei que considera a fibromialgia como deficiência para todos os efeitos legais, e obriga o Sistema Único de Saúde (SUS) a fornecer gratuitamente medicamentos para tratar a doença.

MULHERES EMPREENDEDORAS

Nesta semana, chega à reta final a disputa pela Reitoria da Universidade Federal da Paraíba. Na próxima sexta-feira, professores, servidores e docentes vão às urnas escolher o preferido da maioria para gerir a maior universidade do Estado durante o quadriênio 2024 - 2028. Após a consulta acadêmica, o Conselhão da UFPB deverá elaborar uma lista tríplice com os indicados ao cargo de reitor e vice-reitor. A escolha dos dirigentes fica a cargo do Presidente da República. Em 2020, o escolhido foi o professor Valdiney Gouveia, preterido pelas urnas, porém mais alinhado ideologicamente com a presidência da República. Neste ano, a expectativa dos acadêmicos é que a consulta pública seja respeitada, ou seja, que a chapa mais votada seja a nomeada.

CONVOCADOS PELOS DEPUTADOS

O presidente da Assembleia Legislativa da Paraíba, Adriano Galdino (Republicanos), definiu as datas em que o secretário de Estado da Educação, Antônio Roberto Souza, a secretária executiva de Administração, Suprimentos e Logística, Pollyanna Loreto, e a secretária executiva de Gestão Pedagógica, Maria Elizabete Araújo, vão prestar esclarecimentos aos deputados estaduais. A primeira a ser ouvida é Pollyana Loreto, na próxima quarta-feira. Em seguida, será a vez de Maria Elizabete, no dia 5 de maio, e, por fim, o secretário Antônio Roberto Souza, no dia 15 de maio.

DESTINO JOÃO PESSOA

O Destino João Pessoa foi apresentado na última sexta-feira para cerca de 300 agentes de viagens do Nordeste e de estados do Sudeste e Centro-Oeste, durante a 8ª Rodada de Negócios da Foco Operadora, que se encerra hoje, em Cabo de Santo Agostinho (PE). A ação da Prefeitura da capital contou com a presença do secretário de Turismo de João Pessoa, Daniel Rodrigues.

PRÊMIO ARARA AZUL

A Paraíba foi contemplada com uma Menção Honrosa no prêmio Arara Azul, concedido pela Azul Linhas Aéreas às agências que mais vendem a operadora, durante noite de comemoração pelos 14 anos da Azul Viagens, em São Paulo. A homenagem destaca a excepcional contribuição do Governo da Paraíba para a promoção do turismo brasileiro.

CINCO RESIDENCIAIS NA CAPITAL

A Prefeitura de João Pessoa anunciou, ontem, que abriu licitação convocando empresas que atuam na construção civil para habilitação, junto à Caixa Econômica Federal, destinada à execução de projetos habitacionais para construção de cinco residenciais na capital. As moradias devem atender a 793 famílias, e o projeto é executado por meio da Secretaria de Habitação Social do Município (Semhab), a partir do Programa Minha Casa, Minha Vida.

Foto: Evandro Pereira

Louise Nathalie

Diretora-geral do Hospital Metropolitano

"Com concursados, poderemos realizar mais atendimentos"

Gestora aguarda certame e convocação de novos profissionais para ampliar atendimentos e cirurgias na unidade

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

Desde que assumiu a gestão do Hospital Metropolitano Dom José Maria Pires, em Santa Rita, no ano de 2023, a paraibana Louise Nathalie Queiroga Serejo Pontes trouxe na bagagem não apenas a sua experiência como médica, com passagens pelo Samu de João Pessoa e Hospital Samaritano, mas também sua *expertise* como gestora. Anteriormente, ela já havia atuado nos hospitais Senador Humberto Lucena e Santa Isabel, além de ter gerenciado o Serviço Móvel de Urgência e Emergência da cidade de Alhandra entre os anos de 2016 e 2020. Agora, como diretora-geral do Metropolitano, seu desafio é consolidar a unidade, gerenciada pela Fundação Paraibana de Gestão em Saúde (PB Saúde), como referência nas áreas de Cardiologia, Neurologia e Cirurgia Endovascular em toda a Paraíba, ampliando ainda mais sua capacidade de atendimento. E os bons números já apontam para um futuro promissor: em 2022, eram cinco salas de cirurgia à disposição da população, hoje são 11 funcionando de segunda a segunda no período diurno, com a expectativa de que a rotina se expanda também para a noite. Isso é apenas uma das novidades que devem movimentar o Metropolitano nos próximos meses, como ela bem mostra nesta entrevista exclusiva ao Jornal **A União**. Com o concurso da PB Saúde no horizonte, Louise Nathalie aguarda por um bem-vindo reforço em seu quadro de profissionais, impulsionando o hospital à direção certa.

A entrevista

O Hospital Metropolitano (HM) é conhecido na Paraíba por realizar cirurgias de alta complexidade nas áreas de Cardiologia, Neurologia e Endovascular. Como o hospital tem avançado nessas especialidades?

A princípio, tínhamos cinco salas de cirurgia funcionando plenamente, mas o objetivo era dobrar esse número, o que fizemos em 2023. Foi quando as 11 salas do hospital passaram a funcionar de segunda a segunda no período do diurno. Agora, a nossa proposta é expandir essa rotina para a noite. Começamos com as cirurgias endovasculares, mas a ideia é ampliar. Nossas equipes são terceirizadas e podem aumentar a demanda conforme a necessidade. Temos, por exemplo, seis equipes de cardiologia. No ano passado, tivemos um aumento de 118% no número de cirurgias, passando das 1.750 registradas em 2022 para 3.349. Agora, nesse primeiro trimestre de 2024, já estamos em 956, ou seja, 54% do total de 2022.

Pensando na estrutura do hospital, quais são as novidades?

O ano de 2023 foi importante porque demos andamentos a alguns projetos. Como aumentamos as salas cirúrgicas, os leitos também foram aumentados. Afinal, não adianta operar mais se eu não tenho mais leitos de retaguarda. Então, acrescentamos mais 25 leitos de pré-operatório em cardiologia. No total, saímos de 200 para 268. No caso das UTIs, passamos para 72, um número bem significativo para a Grande João Pessoa. E ainda temos o projeto de abrir mais 36 leitos de UTI. Vamos iniciá-lo agora em 2024 e finalizar no próximo ano.

O hospital é referência dentro da Grande João Pessoa. Como funciona essa dinâmica de atendimentos pensando na Paraíba como um todo?

O HM é referência para a primeira macrorregião, porém toda a parte das subespecialidades de Neurologia e Cardiologia é realizada aqui no hospital. A ritmologia, por exemplo, que é ligada à Cardiologia, não tem no interior. Por isso, o paciente vem para João Pessoa. É uma dinâmica natural dentro do estado.

A área da Neurologia também é destaque no hospital. Quais tratamentos são oferecidos à população?

Desde o fim de 2023, estamos muito focados no tratamento de problemas na coluna. Isso inclui pacientes com hérnias não traumáticas, pessoas acamadas e em cadeiras de rodas. Já fizemos em torno de 213 cirurgias nesses primeiros meses de 2024, a partir da ampliação dos serviços para os sábados e domingos. Quando tivermos o expediente noturno, o número de procedimentos será ainda maior. Também temos o setor especializado em Doença de Parkinson e oferecemos tratamentos de problemas relacionados à base do crânio, dores crônicas, tumores e doenças como epilepsia e hidrocefalia. Enfim, quase toda a parte cirúrgica de alta complexidade é com a gente.

Com o concurso anunciado da Fundação PB Saúde, qual é a expectativa em relação ao reforço no quadro de funcionários?

A nossa expectativa em relação ao concurso tem a ver com a nossa meta de ampliação. Esse concurso vai nos ajudar muito. Houve terceirização de neurologistas, cardiologistas e cirurgiões por conta dessa falta de profissionais, mas com o concurso vamos suprir essa demanda, deixando a terceirização de lado. Serão quatro mil vagas, sendo 1.400 imediatas, para toda a rede da PB Saúde. Por enquanto, não temos ainda um número específico para o HM, mas acredito que os profissionais serão alocados aqui conforme a demanda. Como somos referência em Cardiologia e Neurologia, virão mais especialistas dessas áreas para cá. Os concursados devem ser convocados já neste ano. Saiu o resultado, já tem o chamamento. Estamos precisando muito desse pessoal.

Com o concurso no horizonte, os anos de 2024 e 2025 serão ainda melhores?

Mesmo com esse déficit de mão de obra e com a demanda sendo maior do que conseguimos proporcionar, estamos fazendo um trabalho muito positivo. Para você ter ideia, com relação ao marca-passo, todo mundo do interior vem para cá. E conseguimos ampliar em 41% a extensão desse projeto, mesmo com poucos profissionais. Com mais profissionais, vamos atender melhor a população. E em 2025 esses números serão ainda mais expressivos.

No ano passado, o hospital bateu a meta de atendimentos ambulatoriais. Como isso funciona e o que tem sido feito para ampliar o atendimento?

Saltamos de 15 mil para mais de 19 mil no ano passado, ou seja, ampliamos em quatro mil a quantidade de consultas ambulatoriais realizadas. Mais de 60% de aumento. Na realidade, a nossa meta é fixa e reajustada conforme o estímulo da SES (Secretaria de Saúde do Estado da Paraíba) que é a nossa contratante. Então, ela nos dá a meta e precisamos atingi-la. Ou seja, a meta se mantém igual, mas estamos sempre a superando. Em dezembro, a meta mensal era de 930 consultas ambulatoriais, de todas as especialidades. Já no mês passado, fizemos 1870.

As consultas estão dobrando, o que demonstra uma demanda bem alta. Você considera que está dentro de uma normalidade, considerando a estrutura do hospital?

Já está sufocante, sim. Anteriormente, a meta era de um profissional atender dez pacientes por turno, mas já ampliamos para 14. Por falta de mão de obra, estamos aumentando o que podemos aumentar, sem prejudicar o atendimento. Até por isso não tenho como dizer qual a meta para este ano, porque estamos batendo mês a mês.

E o tempo de espera para o paciente ser atendido?

A primeira consulta nunca é marcada por nós, sempre vem por demanda da Secretaria de Estado da Saúde (SES). O paciente se torna responsabilidade do HM assim que é atendido pelos nossos médicos. A partir daí, ele faz seu cadastro na central de agendamento e pode marcar o retorno. O tempo de espera pelas cirurgias é muito relativo, porque vai depender da gravidade de cada caso. Tem gente que pode esperar três meses devido à baixa complexidade do caso, enquanto outro paciente não pode nem aguardar um mês. Dessa forma, casos de altíssima complexidade passam na frente. Essa dinâmica de reagendamento é de todo hospital. Mas, de fato, o concurso vai ajudar a encurtar o tempo de espera. Vamos poder ampliar o atendimento para o período noturno. Uma equipe não consegue fazer três cirurgias cardíacas em um dia, são procedimentos que duram até doze horas. Então, com certeza, com mais mão de obra, a lista de espera vai diminuir.

O HM realizou em 2022 o primeiro transplante cardíaco feito 100% pelo SUS na Paraíba. De lá para cá, quantos transplantes já foram feitos no hospital?

Foi uma ascensão, de fato. Naquele ano realizamos um transplante de coração, em 2023, mais quatro; e neste primeiro trimestre já estamos no terceiro, o que representa um grande avanço para a Paraíba. A novidade é que realizamos no mês de abril a captação e o transplante de forma simultânea. O doador numa sala, e o receptor na outra. Isso é muito valioso, pois ganhamos tempo. Cada órgão tem seu tempo de transporte, tempo de espera. Se o paciente já está preparado na sala ao lado, ganha-se muito tempo e a recuperação também é melhor.

Como acontece o processo da doação até o transplante?

Primeiro, a Central de Transplantes verifica a lista de prioridades e identifica quais pacientes são compatíveis entre si. Quando há um doador, até de outro estado, ela o encaminha por via aérea ou terrestre, dependendo da distância. Nesse meio tempo, o hospital já está se preparando para realizar o transplante, organizando inclusive a internação do paciente que irá receber o órgão. Todo esse processo envolvendo a compatibilidade é conduzido pela Central de Transplantes. O receptor, inclusive, precisa estar com o telefone ligado 24 horas e com a mala pronta para correr para o hospital. Se o paciente estiver em outra cidade, a gente manda buscar. Fazemos o necessário para não perder o tempo do órgão.

E como se dá a assistência aos familiares dos pacientes?

Quando a família do doador está no hospital, temos todo um trabalho para acolhê-la. Mas, quando o paciente vem de outro hospital, não temos o contato com essa família. A captação ocorre nesse outro hospital, mas com uma equipe da gente auxiliando por teleconsulta. Nesse caso, trabalhamos efetivamente apenas com o transplantado e sua família. Após o procedimento, se tudo ocorrer perfeitamente bem, a gente contabiliza cinco dias de UTI, depois mais cinco de enfermaria e o paciente vai para casa com 10 a 12 dias de internação. Considerando a complexidade do procedimento, é um processo muito rápido. Também atuamos com a conscientização em relação à importância da doação. Afinal, o transplante só pode acontecer se for doado o órgão, o que depende das famílias envolvidas.

Em 2023, o hospital recebeu a certificação da Anvisa em relação às práticas de segurança do paciente. Qual é a importância disso para o paraibano?

Batemos metas que englobam desde baixo risco de infecção e queda até identificação correta do paciente e boa comunicação entre os profissionais. Esse é um dos indicadores mais importantes e diz respeito à segurança das cirurgias. O HM é um hospital limpo. Não podemos fazer uma cirurgia cardíaca se o paciente tiver suspeita de algo infeccioso. Quando ele dá entrada no hospital, temos 48 horas para fazer o *checkup* dele. Nesse sentido, queremos implantar um ambulatório pré-ambulatório para não perdemos tempo durante a internação. Às vezes, o paciente vem e só aqui é identificada uma infecção urinária. São sete dias no antibiótico, atrasando o procedimento que seria feito.

Poderia explicar como funciona a parceria com o InCor, ligado ao Hospital das Clínicas de São Paulo, para a realização de cirurgias telemonitoradas?

Se eu pudesse dar outro nome a essa parceria, chamaria de Projeto Cirurgia Compartilhada. A equipe do InCor vai acompanhar em tempo real a cirurgia que está acontecendo aqui por meio de câmeras e telas, que permitem a interação entre os médicos. Então, quando nosso médico estiver suturando ou fazendo algum procedimento no paciente, um colega do InCor poderá ajudá-lo a aprimorar a sua técnica. Ou seja, as duas equipes vão dialogar para aperfeiçoar o atendimento. A primeira experiência desse projeto vai envolver as cirurgias pediátricas. O InCor, inclusive, vai mandar todos os equipamentos tecnológicos necessários para que possamos iniciar essa parceria. Só existem três hospitais no Brasil com esse projeto de cirurgia compartilhada, e o HM é um deles. Dando tudo certo, vamos ampliar para a parte de adulto.

O HM trabalha com demanda apenas da Paraíba ou também recebe gente de fora do estado?

O cartão do SUS na Paraíba praticamente triplicou e descobrimos que tem gente do Ceará e do Rio Grande do Norte vindo aqui para ser tratado no estado. Por sermos referência, essa é a parte complicada. Se o paciente chega ao HM, ele será tratado, mas isso também prejudica quem é daqui, que está aguardando por atendimento. Essa demanda também tem a ver com o aumento da população de João Pessoa.

O hospital também coordena o Programa Coração Paraibano. Qual avanço já foi identificado?

Só no ano passado, reduzimos em mais de 40% a mortalidade por infarto agudo do miocardio, que é uma das doenças que mais mata no mundo. Como coordenador do projeto, o HM atua na capacitação das outras unidades que estão no interior, com o objetivo de interiorizar o tratamento por infarto agudo do miocardio. Então, antes uma pessoa que morava em Patos precisava vir até o HM para poder fazer a cirurgia. Agora, ele não precisa mais. O médico daqui orienta os profissionais de lá, por telemedicina. Se o paciente está em uma cidade do interior que não possui estrutura adequada, ele é levado para uma de nossas unidades mais próximas. A PB Saúde já trabalha com essa integração entre equipes.

Em relação à gestão, o HM também está habilitando cada vez mais leitos. Isso é fundamental para a saúde financeira do hospital?

Antigamente, o hospital não era habilitado em quase nada. E o que isso quer dizer? A renda que vinha do SUS, de retaguarda, era de R$ 500 mil e hoje o retorno chega a R$ 15 milhões. Éramos o 15º hospital e hoje somos o primeiro em retorno financeiro por conta dessas habilitações. Dos 70 leitos de UTI, nenhum era habilitado e, portanto, não recebia retorno do SUS. O hospital era mantido quase que 100% com dinheiro do Estado, sem retorno do SUS. Temos trabalhado bastante, tanto que conseguimos habilitar 40 UTIs. Hoje, nós somos uma unidade cardiológica e estamos trabalhando para nos tornarmos um centro cardiológico, o que também já ampliará o repasse. Se virarmos um centro, teremos um retorno maior. E quanto maior o retorno, mais cirurgias serão realizadas.

CASARÕES ANTIGOS

Testemunhos da história de JP

Edificações imponentes da capital paraibana estão na memória afetiva dos moradores e resistem ao tempo

João Pedro Ramalho
joaopramalhom@gmail.com

Caminhar por lugares de João Pessoa, como a Rua das Trincheiras e a Avenida João Machado, remete a um passeio pela história da urbanização da cidade no século 20. Contadas por meio das paredes, jardins e portões dos casarões antigos, que povoam a memória afetiva da população, essas narrativas lutam para resistir ao tempo. E, apesar de muitos imóveis estarem em mau estado de conservação, há casos que caminham na direção contrária, com edificações preservadas. Uma parte delas segue utilizada, seja como residências, seja como empreendimentos comerciais.

Um exemplo desses casarões é o "Castelinho de Jaguaribe", localizado na Praça Bela Vista, em Jaguaribe. A edificação de dois andares tem uma torre frontal, sustentada por colunas gregas em estilo coríntio, além de salas e quartos com janelas de madeira e vitrais coloridos. Tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (Iphaep) desde 1980, a casa foi construída, inicialmente, para ser a residência do advogado João da Mata Correia Lima, entre as décadas de 1920 e 1930. Segundo registros divulgados em blogs de jornalistas, João da Mata era amigo de João Dantas, autor do assassinato do ex-governador da capital paraibana, João Pessoa, em 1930.

As histórias sobre a época da construção são recontadas pelos moradores mais antigos, como José Araújo, de 57 anos, que vive no bairro desde a infância. "Minha avó contava que João da Mata ia casar e construiu esse castelo para morar com a noiva. Só que ele teve um sonho de que ia para Recife e morria no acidente, mas ele não acreditava. E aí ele acabou morrendo em um acidente", afirma. Após o falecimento do proprietário original, a casa chegou a abrigar outros moradores. Na vizinhança, relata-se, inclusive, que o cantor Benito di Paula residiu no "Castelinho". Lá, também já funcionaram empreendimentos diversos, desde um salão de festas a um escritório de apostas de futebol.

O casarão da Praça Bela Vista é símbolo de um período de expansão urbana em João Pessoa. Nas primeiras décadas do século 20, as elites econômicas da cidade deixaram o centro e decidiram ocupar terrenos menos valorizados, como as Trincheiras, a orla e a Zona Sul. O guia de turismo e especialista em gestão pública voltada à preservação patrimonial, Helton Medeiros, conta que os novos imóveis passaram a ser conhecidos como casarões ou castelinhos de açúcar, devido à ligação das famílias proprietárias com o plantio e o beneficiamento da cana-de-açúcar.

Ele também explica que, com a mudança de endereço, houve uma transformação no estilo das construções. No Centro Histórico de João Pessoa, antigo domicílio desses moradores, os casarões de fachada eram geminados, refletindo uma prática comum no período colonial. As novas residências, contudo, seguiram outras tendências, como o movimento artístico conhecido por ecletismo.

"O ecletismo é um dos principais estilos arquitetônicos que vigora durante as primeiras décadas do século 20 e, entre outras, ele tem influência do estilo neorromânico, que faz uma referência aos castelos europeus. Assim, essas casas do início do período republicano se caracterizam por uma arquitetura mais aburguesada, com a grande grade na frente, o casarão no centro do terreno, cercado por área desocupada verde de todos os lados, com jardim, quintal, grandes becos laterais, e esse formato arquitetônico que nos remete ao castelo", esclarece Helton Medeiros.

Outro imóvel marcante que segue preservado é a casa branca, na Avenida Epitácio Pessoa, onde funciona um escritório de advocacia. Construído em estilo neoclássico, o casarão pertencia à família Ribeiro Coutinho, uma das mais ricas de João Pessoa no século passado. O empreendimento conservou as características arquitetônicas do local e abriga, atualmente, a Exposição Ariano Suassuna, que conta a história do poeta e dramaturgo paraibano, com itens como a máquina na qual ele escreveu a peça "O Auto da Compadecida". A exposição é aberta ao público um sábado por mês, das 14h às 18h, e pode ser visitada no próximo dia 18 de maio. A entrada é gratuita, mas é necessário, antes, reservar o ingresso on-line.

Imagem instiga curiosidade da população

A referência às construções medievais, presente nos casarões "de açúcar", pode ser percebida em outro local notável no imaginário pessoense: o "Castelinho do Miramar". Situada na esquina das ruas Coronel Souza Lemos e Manoel Gualberto, a casa foi construída na década de 1960, assumindo o estilo de um castelo após reforma, em 1983. Seus atuais proprietários são um casal de idosos: João Pereira, de 89 anos, e Matildes Brasileiro, de 83 anos. Por conta da idade avançada, eles não moram mais no imóvel, e a família optou por alugá-lo para um novo projeto, ainda em desenvolvimento, que deverá preservar suas principais características arquitetônicas.

Foto: Evandro Pereira

"Castelinho do Miramar" ganhou forma medieval em 1983, após reforma

O estilo do casarão, aliás, foi o que motivou o casal, antes residente em Campina Grande, a mudar-se para o novo endereço em 1993. É o que relata uma de suas netas, a gestora de projetos Bianca Brasileiro. "A casa chamou a atenção do meu avô, porque era uma construção moderna, com muitos cômodos, a fachada de pedra, o formato de castelo, os lustres grandes, os pisos de taco, a cerâmica com os arabescos e os cobogós. E como meus avós têm cinco filhos, meu avô já vislumbrava que todo mundo fosse para lá no futuro, quando os filhos tivessem netos", explica.

A projeção de seu João Pereira se concretizou e as lembranças de sua família, com mais de 20 integrantes, entre filhos, netos e bisnetos, foram moldadas pelas festividades celebradas nos cômodos de sua casa. Bianca considera gratificante o fato de algumas de suas melhores recordações compartilharem a mesma referência que marca a memória afetiva de tantos pessoenses. "Eu lembro que várias vezes, na infância, quando eu estava passando férias na casa dos meus avós, era frequente ver pessoas passando na frente da casa e tirando foto, questionando quem morava ali, e até crianças que, no imaginário delas, falavam que era um castelo. A gente se sente muito privilegiado, porque aquela casa icônica, que tantas pessoas também têm admiração, é também a casa que foi palco de tanta coisa massa que aconteceu na nossa família", celebra Bianca.

Capital tem 65 decretos de tombamentos

Em João Pessoa, estão em vigor 65 decretos de tombamentos de imóveis, sob responsabilidade do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (Iphaep). Os dados são fruto de um levantamento feito pela coordenadora de Arquitetura e Ecologia do Instituto, Katharina Ayres de Moura, e pelo arquiteto analista, Artur Medeiros Veiga Rodrigues. Somente na Rua das Trincheiras e na Avenida João da Mata estão localizadas 13 edificações tombadas, enquanto, na Avenida João Machado está a própria sede do Iphaep, que integra a lista.

Além das construções ligadas ao período inicial do século 20, a exemplo do "Castelinho de Jaguaribe", há outras regiões da cidade protegidas por decretos estaduais, como o Centro Histórico, que engloba mais de sete mil imóveis, em uma área de aproximadamente 400 hectares.

Para Katharina Ayres de Moura, um dos maiores desafios na preservação desses espaços é a falta de uso de parte dos imóveis, que leva ao esvaziamento. Ela também acredita que a educação patrimonial é uma importante ferramenta para combater esse cenário. "O Iphaep realiza palestras em diversos setores, como escolas, faculdades e diferentes categorias profissionais, como comerciantes, engenheiros e corretores imobiliários. Também realiza parcerias com faculdades de João Pessoa para desenvolvimento de pesquisas realizadas ao Centro Histórico e mantém um grupo de pesquisa contínua sobre a história da Paraíba, para reconhecimento e valorização da nossa cultura", declara a coordenadora de Arquitetura e Ecologia do Iphaep.

Foto: Carlos Rodrigo

"Castelinho", em Jaguaribe, é tombado pelo Iphaep desde 1980

TRANSPORTE RODOVIÁRIO

Opção para vários perfis de viajantes

Passageiros de ônibus utilizam essa modalidade de deslocamento para trabalhar, passear e visitar familiares

Alinne Simões
alinnesimoesjp@gmail.com

Todos os dias, milhares de pessoas embarcam e desembarcam nas rodoviárias de todo o país. Há quem use o transporte rodoviário diariamente para trabalhar em cidades circunvizinhas, para visitar amigos e familiares ou apenas para turismo. Os motivos são os mais variados possíveis. Mas o que leva as pessoas a optar pelo transporte rodoviário, quando temos opções mais rápidas e, por vezes, até mais econômicas a depender da relação custo benefício, como os aeroviários? O desejo de conhecer novos lugares e fazer amizades pode ser uma das razões.

Para Marcos Góes, 43 anos, promotor de eventos, que estava na rodoviária esperando transporte para a cidade de São Paulo-SP, viajar de ônibus é uma questão cultural, pois permite contatar novas pessoas, fazendo amizades que muitas vezes perduram para vida toda, conhecer novos lugares e acumular conhecimento. "Hoje em dia, ninguém fala mais com ninguém, é cada um por si. Quando você entra em um avião, a viagem é muito rápida, você não conhece ninguém. Mas, num ônibus não, são três dias de viagem. Nesse período, você faz amizade, conhece outras histórias, aprende sobre muitas outras culturas", revela.

Ele conta que, dependendo da viagem, opta pelo avião, porém na maioria das vezes prefere mesmo é ir de ônibus. "O ser humano, hoje, perdeu a essência. Tudo é muito fácil. Viajar de ônibus é bacana. Eu não sabia, por exemplo, a história daquele ditado: 'quem tem boca vai a Roma'. Eu só descobri que o ditado correto é 'quem tem boca vaia Roma', na viagem vindo para cá, quando uma moça que eu conheci no ônibus me falou".

O operador de máquinas, Fábio Júnior Figueiredo, 38 anos, estava voltando para o Paraná, após vir ao Nordeste realizar uma "missão" familiar, e conta que mesmo com todas as vantagens do transporte aeroviário, ele ainda prefere viajar de ônibus, pois, pode economizar um pouquinho e gastar essas economias na viagem. "Mesmo sendo uma viagem longa, eu acho confortável e é mais em conta, eu consigo economizar e usar o dinheiro em outras coisas", declara Fábio.

Em relação à diferença de taxas cobradas pelas empresas, tanto de ônibus quanto de avião, o promotor de eventos, Marcos Góes, frisa que tudo é muito relativo, que se você fizer um planejamento, e tirar um tempinho para pesquisar, pode comprar passagem num bom valor em qualquer tipo de transporte. "Se você parar para pensar, tudo tem que pesquisar. Ontem a passagem de ônibus para São Paulo estava custando R$ 538 no *site*, hoje pela manhã, aqui no guichê, já era R$ 930. Tudo é o *time*, você tem que pegar a hora certa, mesmo se for viajar de avião", explica ele, reforçando que a economia é o menor dos motivos para fazer com que ele opte por viajar de ônibus.

Foto: Roberto Guedes

Na opinião de usuários, viajar de ônibus é uma questão cultural, que permite aos passageiros fazerem novas amizades, conhecerem lugares e acumularem conhecimento

Foto: Evandro Pereira

Mesmo sendo uma viagem longa, eu acho confortável e é mais em conta, eu consigo economizar e usar o dinheiro em outras coisas

Fábio Júnior Figueiredo

Foto: Evandro Pereira

Quando você entra em um avião, a viagem é muito rápida, mas, no ônibus não, são três dias de viagem e você faz amizade e conhece outras histórias

Marcos Góes

Em JP, 18 empresas atuam no terminal

A gerente da Socicam, em João Pessoa, Sabrina Dellaqua, afirmou que 18 empresas atuam no Terminal Rodoviário Severino Camelo, que fica localizado no Varadouro. As empresas oferecem passagens em diversos horários, de Norte a Sul do país. Em média, 140 ônibus saem diariamente da rodoviária levando passageiros para vários destinos.

Dentro do Estado, os mais procurados são Campina Grande, Guarabira, Patos, Sousa e Cajazeiras. Fora do Estado, a maior procura é para as capitais de Recife, Natal e Fortaleza, mas cidades como Juazeiro do Norte, Mossoró, São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília, Vitória do Espírito Santo e Belém do Pará também são bastante procuradas, tendo ônibus saindo todos os dias para esses locais. Além disso, durante os feriados e períodos festivos há um aumento significativo no número de viagens.

Gratuidade

Atualmente, a maioria das empresas oferece a possibilidade de comprar a passagem de forma on-line, pelo *site*, porém algumas orientam que a melhor forma ainda é ir ao guichê na rodoviária. Principalmente, para quem deseja adquirir o bilhete com desconto de meia-passagem ou gratuidade, a exemplo dos idosos.

De acordo com Maria Rennalia, funcionária da Expresso Guanabara, considerada uma das principais empresas de ônibus do país, normalmente são disponibilizadas duas passagens com o benefício da gratuidade nos veículos convencionais, seguindo o que estabelece o artigo 40 da Lei nº 10.741/2003. "A gente começa a agendar com 30 dias de antecedência para os carros convencionais. Se preencher esse número de vagas, ele não tem gratuidade, mas pode garantir a passagem com desconto de 50% no valor", ressalta.

Os estudantes portando carteira estudantil também têm direito a meia-passagem nas viagens, contudo, são disponibilizados apenas 18 bilhetes por veículo.

Foto: Roberto Guedes

Maioria das empresas oferece, ao passageiro, a possibilidade de comprar a passagem on-line, por meio do site

Atraso está entre as principais reclamações

As principais reclamações dos viajantes de ônibus são sobre a questão dos atrasos, é o que revela Antonio Fleming, diretor da gerência de transportes do Departamento de Estradas de Rodagem da Paraíba (DER). Porém, ele conta que esse tipo de reclamação é muito relativo, pois o órgão considera uma tolerância de 15 minutos, e só quando ultrapassa esse tempo a empresa pode ser notificada.

"Tem a questão das condições de limpeza, eventualmente, porque às vezes a empresa faz bate e volta, e não dá tempo de fazer a limpeza do veículo. Isso não é permitido. Então, a gente detecta a empresa e notifica. Se for preciso, aplicamos multa."

O DER mantém também patrulheiros que fazem a fiscalização nas saídas dos ônibus rodoviários e nas rodovias, além disso, fiscaliza os veículos para que eles circulem oferecendo segurança aos passageiros. "As empresas têm que apresentar uma série de documentação para comprovar que aquele veículo foi inspecionado. O CRLV, um laudo assinado por engenheiro mecânico, comprovando que aquele veículo está em condições de ser utilizado, por exemplo".

A Agência Nacional de Transportes Terrestres (ANTT) também realiza fiscalizações rotineiras nos principais fluxos logísticos do transporte rodoviário interestadual de passageiros, e, no caso específico de João Pessoa, conta com um escritório regional de fiscalização na rodoviária. De acordo com a assessoria de comunicação do órgão, a agência verifica diversos quesitos dos veículos e empresas, tais como: o cumprimento das gratuidades, itens de segurança, higiene, conforto, pontualidade, condições de uso dos veículos e regularidade dos serviços prestados. E, assim como o DER, as principais queixas recebidas referem-se a atrasos e a defeitos em equipamentos dos veículos.

Tanto o DER quanto a ANTT oferecem canais de atendimento para que os usuários façam as reclamações e sugestões. "Queria destacar que temos a Ouvidoria na página do Governo do Estado e o telefone 0800 083 0789, que funciona de segunda a sexta-feira", frisa o diretor do DER. Já a ANTT recebe reclamações dos usuários por intermédio da Ouvidoria, pelo telefone 166 ou no portal da Agência.

POR DIA

Oito bebês são registrados sem pais

Em 2024, um a cada 17 recém-nascidos no estado só tem nome da mãe na certidão; DPE faz alerta sobre a situação

Lilian Viana
lilian.vianacananea@gmail.com

Thais Cirino
thaiscirinojornal@gmail.com

Foto: Marcelo Camargo/Agência Brasil

Das quase 734 mil crianças nascidas em 2024 no Brasil, mais de 50,3 mil ainda esperam reconhecimento de paternidade

Ter a certidão de nascimento com o nome do pai é um direito fundamental garantido pela Constituição Federal e pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Mesmo assim, na Paraíba, dos pouco mais de 15,4 mil nascimentos ocorridos neste ano, 904 foram registrados sem a informação sobre a paternidade. Isso significa que, por dia, oito bebês chegaram ao mundo sem o reconhecimento de seus genitores no estado.

Em todo o Nordeste, dos 189 mil nascimentos registrados até a última sexta-feira (19), 14,7 mil não tinham o nome do pai. Na Paraíba, o total de crianças que têm apenas o nome da mãe na certidão é de quase 6%, menor que a média brasileira e da região Nordeste, que giram em torno de 7% e 8%, respectivamente, segundo a página Pais Ausentes, do Portal da Transparência do Registro Civil. A plataforma, administrada pela Associação Nacional dos Registradores de Pessoas Naturais (Arpen-Brasil), reúne as informações referentes aos nascimentos, casamentos e óbitos registrados nos 7.654 cartórios de Registro Civil do Brasil, presentes em todos os municípios e distritos.

De acordo com os dados, no país, a situação só é melhor nos estados do Paraná, Minas Gerais e Santa Catarina, com 5% cada.

Embora o cenário da Paraíba seja considerado menos grave em relação a outros estados do Nordeste, ainda é alarmante, já que os números têm crescido a cada ano. Em 2022, o percentual registrado no estado foi 5,01%. No ano passado, o dado subiu para 5,29%.

"É preocupante, porque estamos em uma escalada. Esse número já foi de 4%. Precisamos agir para diminuir esse percentual e, quem sabe, zerar de vez", alerta o defensor público, Rodrigues Júnior, que também é coordenador do Núcleo de Proteção à Infância e da Juventude (Nepij) da Defensoria Pública do Estado da Paraíba (DPE-PB).

A comerciante Elza Lima faz parte das estatísticas das mulheres que não conseguiram registrar sua filha com o nome do pai. Sua luta começou há 35 anos, época em que, socialmente, a figura da mãe ainda era condicionada ao estado civil da mulher. "Antes, a sociedade virava as costas para a mulher e o seu filho, em vez de punir aquele que deveria estar presente e, simplesmente, escolheu não ser pai. Pelo visto, parece que isso não mudou muito, porque minha filha passou pelo mesmo problema. Só que ela conseguiu registrar meu neto com mais facilidade", relata Elza, mãe de Juliana e avó de Joaquim.

Morando com a filha, também mãe solo, Elza comenta que sente um pouco mais fácil a questão do registro de nascimento e a pressão social sofrida pelas crianças com pais ausentes e mães solo. "Minha filha também é mãe solo, mas, na hora do registro, ela conseguiu colocar o nome do pai no meu neto. Na minha época, eu não consegui. Fui expulsa de casa e fiquei sozinha, com a minha filha. Acho que essa facilidade maior para registrar acaba diminuindo os casos de crianças sem o nome do pai, né?", avalia.

Balanço

Em 2022, percentual registrado no estado foi 5,01%. No ano passado, dado subiu para 5,29%. Agora, em 2024, falta de reconhecimento chega a quase 6%

Realidade nacional

Em todo o país, dos quase 734 mil nascimentos registrados em 2024, até a última semana, cerca de 50,3 mil não tinham o nome do pai na certidão. Entre as regiões, destaque para o Norte, onde em 9,48% dos documentos não consta o nome do genitor. O Nordeste aparece em segundo lugar com quase 7,8%, seguido pelo Centro-Oeste, 6,69%. Sudeste e Sul registraram 6,07% e 5,53%, respectivamente.

Bayeux lidera percentuais na Grande JP

Dos 223 municípios do estado, 142 tiveram casos de crianças registradas sem o nome do pai neste início do ano. O percentual mais alto foi verificado em Vista Serrana, no Sertão, onde 40% dos documentos foram emitidos com o dado do genitor ausente. O município de Coxixola aparece em segundo lugar, com 33% dos casos. Já na Região Metropolitana de João Pessoa, o maior percentual ficou com Bayeux (15%).

Em números absolutos, a capital paraibana lidera com 208 registros em situação de ausência paterna dos 4.135 documentos emitidos, ou seja, 5% do total. Santa Rita vem em segundo lugar, com 41 dos 536 nascimentos ausentes (8%). Na sequência, estão Bayeux, com 29 dos 197 registros emitidos sem a informação; Conde, com 15 dos 177 registros sem os dados completos (8%); e Cabedelo, com 10 dos 114 nascimentos sem o nome do pai (9%).

No interior do estado, em Patos, dos 516 nascimentos, 52 estavam com a informação ausente (quase 10%), situação que se repete em Cajazeiras (9%), Sousa (5%) e Catolé do Rocha (4%). Em Campina Grande, dos 2.268 nascimentos registrados neste ano, 132 não incluíram o nome do pai (6%).

Consequências

Para a psicóloga e psicanalista Naiara Cavalcanti, a ausência do pai no registro de nascimento tem impactos relevantes na vida da criança, mesmo que a mãe seja presente. "Para a psicanálise, a função paterna busca oferecer segurança, proteção e limites claros. A ausência desse papel deixa uma marca profunda, que persiste ao longo da vida, apesar dos esforços das mães para preencher esse vazio", destaca.

A profissional ressalta, ainda, que a ausência paterna pode prejudicar o desenvolvimento psíquico e social, desde a infância até a vida adulta. "Cada indivíduo e cada família têm uma dinâmica única, tornando impossível prever exatamente como cada criança reagirá à ausência paterna. Mas é inegável que essa falta é uma variável central no desenvolvimento do psiquismo. A experiência clínica nos mostra que crianças com figuras paternas ausentes podem apresentar inseguranças, baixo rendimento escolar, problemas de autoestima, dificuldades em lidar com normas; e podem apresentar comportamentos desafiadores. Em casos extremos, podem desenvolver tendências antissociais, além de se envolverem precocemente em relacionamentos disfuncionais e abusivos", alerta Naiara.

O pessoense Waldir Alves sabe bem como é o sentimento da ausência paterna. Mesmo com uma infância feliz, ao lado da mãe e dos irmãos, ele carregou o vazio da convivência com o pai por 40 anos. "Eu ficava muito triste na escola, quando tinham as festas, as reuniões, e eu não tinha meu pai para ir comigo, e nem para brincar comigo, como acontecia com os meus colegas", relata.

Foto: Arquivo pessoal

Waldir Alves procurou o pai, Manoel, por 40 anos

Determinado a encontrar seu pai, Waldir pesquisou em redes sociais e iniciou um processo de investigação da paternidade, na Defensoria Pública da Paraíba. Até que, em 2020, ele achou Seu Miguel, morador de Sertãozinho, a cerca de 113 km de distância de João Pessoa.

"Eu e minha filha entramos em contato com a rádio comunitária da cidade dele, que conseguiu achá-lo. Na mesma hora, ele se identificou e entrou em contato comigo e me chamou para ir até lá. Foi o dia mais feliz da minha vida. A gente se emocionou muito. Depois, a Defensoria nos encaminhou para fazer o exame de DNA e confirmar tudo", detalha.

Situação impede direitos

A falta do reconhecimento paterno não provoca apenas a perda afetiva. Além do conhecimento da ancestralidade e origem familiar, o direito ao auxílio material, financeiro, alimentos, direitos previdenciários e sucessórios das crianças ficam comprometidos com a ausência da informação.

"O reconhecimento paterno garante diversos direitos à criança, a exemplo da pensão alimentícia e a plano de saúde corporativo – quando a empresa do pai oferece como benefício aos funcionários", explica o defensor público Rodrigues Júnior.

O reconhecimento da paternidade é um direito da criança, independente da vontade do pai querer conviver ou dos pais serem casados. O defensor esclarece, ainda, que existem duas maneiras de realizar o registro da paternidade: voluntariamente ou por meio judicial.

"Nós incentivamos, sempre, o reconhecimento voluntário da paternidade. Mas, quando não é possível, é muito importante que a mãe procure a Defensoria Pública, para podermos dar entrada no processo de investigação da paternidade", detalha o defensor. Em João Pessoa, a DPE funciona na Rua Monsenhor Walfredo Leal, 503, Tambiá.

Para facilitar o acesso a esses registros, a DPE-PB realiza, periodicamente, o mutirão "Meu Pai Tem Nome". Durante a ação, a instituição atende famílias que desejam reconhecer a paternidade, seja de forma voluntária ou através do exame gratuito de DNA, ofertado pelo Hemocentro. Na ocasião, também é realizado o reconhecimento da paternidade (ou maternidade) socioafetiva, reconhecimento jurídico do laço familiar com base no afeto.

O último mutirão foi realizado na semana passada e encaminhou 26 famílias ao processo de reconhecimento de paternidade. "A gente busca estagnar esse número e reduzir para que essas crianças possam ter direitos garantidos", conclui o defensor.

Saiba Mais

O registro de nascimento, quando o pai for ausente ou se recusar a realizá-lo, pode ser feito somente em nome da mãe que, no ato de registro, é orientada a indicar o nome do suposto pai ao cartório, que dará início ao processo de investigação judicial de paternidade. Uma vez notificado, caso o homem se negue a comparecer ao exame, a Justiça entenderá que há presunção da paternidade e autorizará a emissão do registro de nascimento com o nome do suposto genitor.

Fotos: Prefeitura Municipal de Curral de Cima

CURRAL DE CIMA

Lugar pacato, ameno e convidativo

Com pouco mais de cinco mil habitantes, município promove festas religiosas e cavalgada pelo meio ambiente

Anderson Lima
Especial para A União

Localizada a 81 quilômetros de João Pessoa, Curral de Cima integra a Região Metropolitana do Vale do Mamanguape, na Zona da Mata paraibana. Segundo dados de 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a cidade conta com 5.254 habitantes em uma área total de 86.428 km².

Como um município rural, as atividades econômicas de Curral de Cima são pautadas na agricultura e na pecuária, sendo a principal delas o plantio de cana-de-açúcar e abacaxi, além de produtos da agricultura familiar, como batata-doce, milho, feijão e mandioca. Lugar pacato e ameno, a cidade soma 22 comunidades rurais, entre as quais se destacam três distritos – Estacada, Pedra Furada e Laranjeiras –, além de um local de assentados, o Assentamento Jardim.

Embora o turismo ainda seja pouco desenvolvido e explorado em Curral de Cima, a advogada e professora curralense de cima Maria da Conceição Aguiar Ribeiro, atual secretária municipal de Finanças, destaca que a cidade oferece belas paisagens para seus visitantes, incluindo barragens, o antigo curral de pedras que inspirou seu nome e o recém-construído Portal Turístico, que marca a entrada e a identidade do município.

Entre as principais festividades locais, estão: a celebração da emancipação política de Curral de Cima, que completa 30 anos no dia 5 de maio; a Festa de São Sebastião, padroeiro do distrito de Estacada, em janeiro; e a Festa de São Miguel, padroeiro da cidade, comemorada em novembro.

Além dos tradicionais eventos carnavalescos, juninos e natalinos, outro destaque do calendário curralense de cima é a Cavalgada em Defesa do Meio Ambiente, realizada no último sábado de julho e considerada a maior em toda a região do Vale do Mamanguape. Reunindo cavaleiros e amazonas, além de atrações musicais, com o objetivo de promover a conscientização pela preservação da natureza e a valorização da terra, a cavalgada chega neste ano à sua 15ª edição. Para aquecer ainda mais a economia nessas ocasiões, é concedido um incentivo local para comerciantes venderem bebidas, comidas típicas e artigos de presente.

Cidade cresceu a partir de propriedade rural

A origem de Curral de Cima remonta a uma propriedade local no século 18, onde seu dono, o português Alferes Lisboa, estabeleceu dois currais para remanejamento de gado. Um deles se situava em uma área elevada próxima a uma lagoa, onde o gado poderia matar sua sede. Sempre que o curral da parte baixa ficava alagado por conta das enchentes, era comum se dizer: "Levem o gado para o curral de cima" – indicando a parte mais alta das terras. Especula-se que o curral de baixo se situava no Sítio Alagadiço, que, até hoje, continua a se alagar durante as chuvas.

É importante salientar que os currais não eram pequenas áreas em que os animais se aglomeravam, mas sim grandes cercados envolvendo extensas regiões. Com o tempo, trabalhadores da fazenda se estabeleceram na zona, originando o embrião de uma vila que começou a tomar forma com a construção de uma capela. A população local cresceu e se espalhou, e, com a fundação da Igreja de São Miguel, em 1810, várias famílias se instalaram em seu entorno, formando a Vila de Curral de Cima. Entre esses primeiros moradores, destacam-se os parentes de Vidal de Negreiros, Antônio Fernandes Farias, Antônio Lisboa, Manoel Higino, João da Mata, Pedro Régis, Joaquim Pereira, Manuel dos Santos, Manuel Felipe dos Santos e Francisco Ribeiro.

O nome da vila se manteve para batizar o distrito de Curral de Cima, criado pela lei estadual nº 1.943, em 10 de janeiro de 1959, sob a jurisdição da cidade de Mamanguape, assim permanecendo em divisões territoriais de julho de 1960 e janeiro de 1991.

Em 29 de abril de 1994, pela lei estadual nº 5.930 (com alterações posteriores pela lei estadual nº 6.426, de 27 de dezembro de 1996), o distrito foi elevado à categoria de município, separando-se de Mamanguape. Instalada em 1º de janeiro de 1997, a sede da nova cidade foi estabelecida no antigo distrito de Curral de Cima, constituído apenas pelo distrito sede – mantendo-se dessa forma nas divisões territoriais de 2003 e 2007.

Comunidade católica

Uma característica muito acentuada entre os curralenses de cima, como se percebe no calendário de festividades da cidade, é sua religiosidade. E, apesar de haver uma parcela de cristãos protestantes e, de maneira mais reduzida, adeptos de religiões afro-brasileiras, a população local é majoritariamente católica. Além de as comunidades rurais manterem 20 capelas dos mais diversos padroeiros, os habitantes do município dispõem de sua principal igreja, a bicentenária Paróquia de São Miguel Arcanjo e Nossa Senhora das Dores.

De acordo com a Prefeitura Municipal, a devoção a São Miguel rememora o nascimento de Curral de Cima, já que suas primeiras famílias ocupavam áreas próximas à igreja batizada com o nome do santo padroeiro.

À frente da paróquia, o padre Bruno Eufrásio de Oliveira Melo se tornou, em novembro de 2023, o primeiro administrador paroquial residente e exclusivo da comunidade católica curralense de cima. De acordo com ele, a adoração ao santo arcanjo, que venceu a soberba e a desobediência demoníaca com humildade e obediência angelical, é ainda mais perceptível durante o novenário do padroeiro, devido à intensa participação dos fiéis nas atividades propostas, além das celebrações litúrgicas.

"Como neossacerdote, surpreendo-me com as atitudes de amor a Deus e de carinho comigo que os paroquianos demonstram no cotidiano. Sempre agradeço ao nosso redentor Jesus Cristo por ter concedido a mim esse grande presente e peço sua graça para que os fiéis e eu façamos sua vontade", declarou o padre.

Além da Paróquia de São Miguel Arcanjo e Nossa Senhora das Dores, há 20 capelas em Curral de Cima

> **"Como neossacerdote, surpreendo-me com as atitudes de amor a Deus e de carinho comigo que os paroquianos de Curral de Cima demonstram no cotidiano**
>
> Padre Bruno Eufrásio

MÚSICA

O novo ato de Silvia Machete

"Invisible Woman" é mais um disco do projeto Rhonda

Esmejoano Lincol
esmejoanolincol@hotmail.com

Ela canta, atua, dança com bambolê e toca maracas. É carioca e é mineira ao mesmo tempo e já morou na América do Norte e na Europa. Mas a aura "tudo ao mesmo tempo agora" que tornou conhecida a multiartista Silvia Machete foi temporariamente substituída por uma persona mais intimista e mais voltada para a música, a partir do projeto Rhonda, que começou em 2021: este trabalho perfaz uma trilogia iniciada com um disco homônimo e segue com agora com *Invisible Woman*, que chegou às plataformas digitais na última sexta-feira e em breve será editado em vinil.

As canções, todas com letras em inglês, foram compostas "meio a meio" (nas palavras de Sílvia) com Alberto Continentino, músico e amigo de longa data. A exceção é o clássico "Two kites", música de Tom Jobim, que conta com a participação de sua filha Maria Luiza. São doze faixas, com letras românticas e densas – algumas de nomes sugestivos como "Sentimental thief" ("ladrão sentimental").

A última vez que Silvia esteve na Paraíba foi em 2011, em evento promovido pela Funjope para o Dia da Cidadania LGBTQIAP+. "Gostaria muito de poder voltar à cidade, desta vez para conhecer também as praias", conta a artista.

Sobre sua origem, a cantora rememora que sua mãe foi levada para Belo Horizonte para ter seu parto realizado por um tio obstetra. De volta ao Rio, o pai a registrou em um cartório fluminense. A sua última visita a Minas foi justamente para o lançamento do disco.

"Eu voltei para as minhas raízes reais. Acabou que tudo se encaixa e faz sentido, porque BH é uma cidade muito cultural com um público muito caloroso. E eu também quis sair do eixo Rio-SP, que são cidades muito privilegiadas em relação a eventos artísticos", explica Silvia.

Intrépida Trupe

A atividade circense, presente em muitas de suas performances ao longo de quase três décadas de carreira, nasceu de seu contato com a capoeira. "Eu sempre fui muito das atividades que mexem com o corpo. Na juventude, eu conheci a Intrépida Trupe, grupo carioca que reúne malabaristas e palhaços. Entrei nessa turma querendo investigar como lidavam com seus corpos também. No circo, você tem a parte física e atlética e a parte artística. Foi onde me encontrei", recorda.

Para aprimorar suas técnicas circenses, ela decidiu se mudar para a França nos anos 1990, onde trabalhou durante algum tempo como artista de rua. "A palhaçaria faz parte da cultura francesa. Famílias inteiras costumam frequentar circos", detalha Silvia. Anos depois ela se mudou para os Estados Unidos, onde permaneceu trabalhando como *performer*, ao lado de seu ex-marido.

De volta ao Brasil em 2006, ela escreveu um espetáculo circense em que interpretava uma cantora. "Eu fazia trapézio, malabarismo, dança, equilibrismo... mas depois que o show acabava, as pessoas vinham me falar: 'Gostei mais de ouvir você cantar'", brinca Silvia. De lá para cá foram sete álbuns.

Quando indagada se é a "mulher invisível" de seu disco, Silvia afirma que esta é a melhor forma de definir o seu trabalho no momento. "Quando eu cheguei de volta no Brasil, as cantoras que faziam sucesso por aqui eram mais introspectivas. E lá estava eu, fazendo shows com uma pomba na cabeça. Com o passar dos anos, acabo fazendo o caminho inverso. O brasileiro também pode transgredir na introspecção", finaliza.

Foto: Divulgação

A premiada cantora e compositora criou a persona artística para uma abordagem mais cool da música

Foto: Divulgação

'Invisible Woman' conta com dueto de Silvia com a filha de Tom Jobim

Através do QR Code acima, ouça o disco de Silvia Machete

EDIÇÃO: Renato Félix
EDITORAÇÃO: Luciano Honorato

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | colaborador

"Curtindo a Vida Adoidado"

Poucas pessoas admitiriam abertamente, pelo temor de parecerem politicamente incorretas: matar aula é uma experiência importante para formação moral, intelectual e cultural de qualquer adolescente.

Não há na história do cinema – acho muito improvável que tenha existido na vida real – um gazeador de aulas mais espetacular, carismático, inteligente e criativo que Ferris Beuller. Personagem principal do filme *Curtindo a Vida Adoidado*, do diretor e roteirista John Hughes, de 1985, interpretado por Matthew Broderick.

Numa das varias leituras filosóficas possíveis sobre Ferris Bueller, diria que se trata do arquétipo do gazeador. Seu ideal platônico. Em outras palavras, quando Deus pensou na ideia do gazeador de aulas, em sua perfeição, nasceu Ferris Bueller. Daí que sua essência pode ser encontrada em todos os gazeadores do mundo, de todas as épocas, planetas, galáxias e universos. Em milhões e milhões de experiências vividas.

Ele representaria também um modelo ético, uma maneira como devemos encarar a vida e ser feliz. É verdade que Ferris Bueller não apresenta grandes ideias políticas, mas alternativas práticas para viver a adolescência ao máximo, e invejável habilidade em lidar com problemas típicos dessa fase. Como uma escola repressora, aceitação social, pressões sobre o futuro e o tédio. É importante lembrar o momento histórico que o mundo e os EUA viviam. Época posterior aos movimentos de contracultura e de crise Soviética, em que o capitalismo se afirmava vorazmente.

Muitas vezes ele reage por meio de sutis micro-rebeliões à autoridade. Bueller é hedonista, no melhor e mais profundo sentido do termo. Não lhe escapa, no entanto, reflexões políticas a partir de uma visão individualista, comum ao espírito norte-americano. Em uma das cenas do filme, durante o banho, ele comenta a respeito de uma prova sobre política europeia que vai perder. E diz assim: "Não que eu condene o fascismo, ou qualquer outro 'ismo'. 'Ismos' em minha opinião não são bons. Uma pessoa não deveria acreditar em 'ismo', ela devia acreditar em si mesma."

Acho que Bueller e todos gazeadores de aula possam dar boas lições sobre o trabalho e as instituições escolares. Sempre que assisto ao filme, sinto saudades desses momentos – gazear aula é um das melhores experiências escolares. É engraçado como na universidade matar aula não tem a mesma magia como na escola.

Bertrand Russell no seu famoso ensaio *O Elogio ao Ócio* observa os diversos males produzidos pela crença na virtude do trabalho. Pensamos muito em trabalho ou estamos tão dependentes dele que nos resta pouco tempo para aproveitar a vida. Os norte-americanos, por exemplo, possuem o hábito de trabalhar muito além da conta, por horas e mais horas, mesmo quando já se tem economicamente o suficiente. Ele era defensor da redução da carga horária de trabalho para, no máximo, quatro horas, e do ócio, seja ele criativo ou não. Dizia que precisamos dar mais atenção a atividades não utilitárias, encorajando assim nosso espírito científico e artístico. O que concordo plenamente.

Bob Black, anarquista e advogado norte-americano, é ainda mais radical quando diz que "ninguém nunca deveria trabalhar". Para ele, e toda uma tradição de pensadores, boa parte dos problemas do mundo é resultado do trabalho; que como não pode ser totalmente abolido, afinal de contas não podemos deixar de fazer coisas, precisa ser revolucionado. Precisamos de mais tempo, diversão, preguiça e criatividade.

Ferris Bueller planejou o dia perfeito, curiosamente fora da escola, com sua namorada e seu melhor amigo. Livre do tédio, da rotina. Visitou uma exposição de arte, assistiu a uma partida de beisebol no estádio, dirigiu uma Ferrari, almoçou num dos melhores restaurantes de Chicago, cantou "Twist and shout" em cima de um carro alegórico durante desfile de rua na cidade, etc.

O que, obviamente, seria impossível se estivesse "enjaulado" dentro de uma sala de aula. "A vida passa muito depressa", diz ele, "se não paramos para curti-la de vez em quando, ela passa e você nem vê!".

Estética e Existência

Klebber Maux Dias
klebmaux@gmail.com | colaborador

Saúde do bem-estar

Os conflitos humanos, geralmente, destroem a dignidade humana. Essas tensões conduzem a voracidade de dominar o outro. Uma das suas consequências é a falta de sensibilidade diante das necessidades vitais do ser humano e a existência da banalidade do ódio entre todos. O norte-americano Avram Noam Chomsky (1928), filósofo, sociólogo, cientista cognitivo, analista político e de economia, professor de Linguística no Massachussetts Institute of Technology (MIT) analisa que toda crise é um problema institucional. Ela pode ser resolvida por meio da forte pressão popular, mesmo que receba ataques de ódio. Para Chomsky, a participação dos cidadãos na construção do bem-estar social é necessária para a sobrevivência de todos, da harmonia social e das instituições e do fortalecimento da democracia, a fim de evitar guerras para preservar a vida humana. A pressão pública - por meio da democracia e do respeito no diálogo entre as diferenças de ideias - elimina os sistemas autocrático ou autoritário.

Uma das finalidades da Política é construir a harmonia social e garantir o direito às condições dignas para a sobrevivência humana. O filósofo grego Aristóteles (384 a.C. - 322 a.C.), em seu livro *A Política*, apresenta a tese de que os cidadãos são os protagonistas da própria felicidade, e o Estado deve dar condições para todos se tornarem honestos e virtuosos para exercerem suas virtudes. No Aristotelismo, a Política é a doutrina moral social e deve preservar a felicidade da cidade. A Ética é o agir individual pela virtude e todos devem construir o bem-comum. No livro acima, segundo Aristóteles: "Vemos que toda cidade é uma espécie de comunidade, e toda ela se forma com vistas a algum bem-comum, pois todas as ações de todos os homens são praticadas com vistas ao que lhes parece um bem; se todas as comunidades visam a isso, é evidente que a mais importante de todas elas - e que inclui todas as outras - tem mais que todas este objetivo e visa ao mais importante de todos os bens, ela se chama cidade e é a comunidade política".

Foto: Reprodução

Konrad Hermann Adenauer foi o chanceler alemão entre 1949 e 1963

A desigualdade social e a crise econômica mundial exigem uma nova economia globalizada e regionalizada. Para isso, há o modelo de "economia social de mercado" que teve sua origem na Alemanha Ocidental após a Segunda Guerra Mundial de 1939 a 1945. O modelo foi apresentado por um dos seus criadores o advogado, sociólogo e democrata-cristão Konrad Hermann Joseph Adenauer (1876 - 1967). Exerceu a presidência da chancelaria da República da Alemanha de 1949 até 1963 e presidiu a União Democrata-Cristã (CDU). Enquanto Chanceler da Alemanha Ocidental, Adenauer reconstruiu a Alemanha como uma potência europeia pós-Segunda Guerra Mundial. Ele conseguiu gerar o forte crescimento econômico do seu país e do continente europeu ao unir uma política de estado de bem-estar social com a economia de livre mercado, com uma democracia liberal como base política interna. Ele também restabeleceu em seu país o Serviço Federal de Inteligência.

Konrad Adenauer foi cofundador do partido da União Democrática Cristã da Alemanha (CDU) e orientou a política deste partido popular com o objetivo de unir cidadãos (homens e mulheres) de todas as camadas da sociedade e de tradições democráticas: conservadores; liberais e social-cristãos; católicos e protestantes. Ele gerou a unidade entre países de vários continentes. Sua maior contribuição foi de ter implantado a "economia social de mercado" por meio das democracias e participação popular, dessa forma, aproximou o mundo de uma cooperação global ao fortificar a saúde financeira em muitos países.

As suas teses foram aplicadas como uma política em vários estados. Algumas delas são:

- Conduzir o povo para uma liberdade, igualdade e empreendedorismo;
- Inserir confiança no país numa comunidade pacifica;
- Incentivar uma unidade entre os estados e países.

Konrad Adenauer, a partir de 1949, priorizou um equilíbrio de desenvolvimento econômico como bem-estar social. Ele potencializou a economia de consenso e de cooperação. Harmonizou a relação entre os sindicatos e patrões, de forma a coordenar os salários com as produtividades, a fim de dignificar a participação dos rendimentos dos trabalhadores. Adenauer criou acordos para manter os empregos e os financiamentos para investir nos recursos naturais das regiões e na sua produção local pela força de trabalho. Ele implantou a lei que une o trabalhador com a empresa em um só conselho de administração, o qual os sindicatos estavam nesse conselho para participar das decisões estratégicas nas empresas. O modelo dessa "economia social de mercado" estimula o sistema financeiro a priorizar a manutenção do emprego e da renda e se fortalece na política de créditos das cooperativas e de bancos públicos para os cidadãos e empresas por meio de políticas públicas como bem comum aplicado à saúde financeira de todos.

Sinta-se convidado à audição do 466º. *Domingo Sinfônico*, deste dia 21, das 22h às 0h. Em João Pessoa (PB), sintoniza na FM 105.5 ou acesse o aplicativo www.radiotabajara.pb.gov.br. Comentarei as interpretações e a virtuosidade da pianista e violinista alemã Júlia Fischer (1983).

Kubitschek Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Somos todos do clube

(para Jória Guerreiro)

O sonho, o menino, a escada, a mãe do Lô, a caipirinha, a cidade, a família, o patins, o belo e o horizonte, o sol, tantas vezes, o resto de sol, o nada e nunca será como antes. A rural, a esquina, o pão, a voz, o violão, o Wagner e o Tiso e o mais sublime nascimento da música de Milton. A coisa mais triste, mais alegre, a solidão, a saudade, outra travessia, o Brant e o Fernando, o trigo, o vinho, os amigos, a paixão e a fé, a brincadeira e o despertar, o juízo e o sem fim. A faca e o irmão. Tá tudo lá no filme *Nada Será Como Antes*, de Ana Rieper.

A música do Clube da Esquina é um concerto (é um documentário), é um filme que cresce a cada esquina, a cada tomada sobre o grupo de artistas responsáveis pela criação dos álbuns *Clube da Esquina* 1 e 2, mas não é exatamente sobre isso – mais sobre a voz, o estender das mãos, como se as trevas não existissem ou certamente esperassem o sol para não resistir.

Tanta gente não sabe quem é Milton Nascimento... Tanta gente não vai ao cinema – como se não fizesse sentido. O filme é mais que um documento, é alimento, quase um lamento, uma forma de não morrer sozinho. O fazer a fé e o sentido.

É um longa sobre a criação das canções desses discos, já disse, do Clube da Esquina, mas mostra o processo criativo da vida, o começo dos (a)fetos e amizade, que às vezes a lucidez esconde, a gênese, os Beatles e Debussy.

Lá estão os músicos Lô Borges que na época com 16 anos, hoje parece um garotão como se a vida fosse só alegria e tem o Nivaldo Ornelas, Toninho Horta, Beto Guedes, Robertinho Silva e Wagner Tiso.

As cenas mudam, mas as canções não, o cenário é o mesmo, porque o filme mergulha na musicalidade da nossa memória e todo processo criativo desses artistas que Minas deu ao mundo, e são excepcionais, incluindo os lugares, pessoas e outras referências que influenciaram a criação das mais belas canções.

Não tem como não se sentir pequeno diante da tela, pai e mãe, a mobília e o fogo do sol nas imagens; um filme que fala de amor e todos brincam numa cidade que sonha com o tempo que não se perdeu. Um filme em que não restam cenas, talvez atalhos, de variar o nosso juízo, ainda que muitos prefiram o silêncio.

Um filme sem detalhes, devaneios, sem morte e glória, nada, só o idioma de Minas, como se Minas é que não fosse como era antes, cenas antigas coloridas misturadas à cidade malgasta de hoje, dando tanto anseio a quem ainda não está com o pé na estrada.

Passam os dias, passam as horas dos tempos em que só tínhamos para nos entreter as cantorias de roda, a voz que vinha das ruas. Somos todos desse clube, cada um com sua esquina e a triste realidade das pessoas que perdemos e haveremos de perder.

Caminhos de ferro, de barro, mas não tem os deuses da chuva, a ponta de areia, de me perguntar se há outras línguas? Outras léguas e se poderiam ter nos tocado tanto.

Janelas, quintais, casas esquecidas, imagens que não nos impediriam de chorar. O mundo de nos ser conhecido, os nomes e as vozes ecoando - uns gritam, outros cantam.

Nada Será Como Antes contorna às coisas, como então a vida se torna difícil, o envelhecimento, a ofensiva lá fora com as imagens que se decompõem em cada olhar.

O sonho, o menino, a escada, o violão, o cego, um filme na palma da mão, um pinhão, uma luz radiante, um grão, uma pedra e a expansão mais bela do Clube da Esquina. Nós estamos lá.

Kapetadas

1 - *Água mole em pedra dura, pra começar a água não é mole, é líquida.*

2 -Se existe uma indústria bélica como podemos viver sem guerras?

Foto: Divulgação

'Nada Será como Antes', documentário sobre o Clube da Esquina

Colunista colaborador

Alex Santos
Cineasta e professor da UFPB | colaborador

Lembrando para não esquecer do cinema (II)

Naquela manhã, agora mais tranquilos por estarem todos juntos, Severino e sua família assistiam, perplexos, pela Rádio Tabajara um pronunciamento dramático do então governador Pedro Moreno Gondim, da Paraíba: "Não posso e não devo, neste instante de tanta inquietação nacional, deixar de definir minha posição, na qualidade de governador dos paraibanos...". Fala assessorada pelo seu genro, o deputado campinense Antônio Vital do Rêgo, tornando ainda mais crítica a situação na cidade de Santa Rita. Mesmo porque, no dia anterior já se sabia da existência de fortes contingentes armados de 1.500 homens, prontos para o que desse e viesse, aquartelados na região de Tibiri, fora do centro de Santa Rita, onde ficava a fazenda do sogro do então deputado Joacil de Brito Pereira, tido como pessoa ligada ao governador Pedro Moreno Gondim.

Reconhecido amplamente em toda sua cidade, sobretudo, pelo exercício e comércio cinematográfico que processava, sem jamais se envolver com partido político algum, mesmo assim, Severino temia pelas mudanças que teria de enfrentar, a partir de então. O filho, por sua vez, quase não ouvira seu pai falar de política. Salvo, quando se referiu uma vez sobre o sentido comunitário e de resistência social, por ocasião da passagem da Coluna Prestes pela Paraíba. Fato ocorrido alguns anos antes. Sabia também o filho das opiniões que o pai tinha, apenas em recinto doméstico, sobre o prefeito Diógenes Chianca, de gestão passada, como um realizador de obras importantes para sua cidade, como o Mercado Central, por exemplo. Para Severino Alexandre, referência especial de homem público. Mas, só isso. Independente, se o governante municipal seria "pessedista" ou taxado como "político aliado dos comunistas de Santa Rita".

"Seu" Severino do cinema, como era conhecido na sua cidade, jamais se sentia entusiasmado com as questões partidárias, mesmo nas vezes em que fora contatado por candidatos locais em suas campanhas municipais, para prefeito ou vereador. De qualquer modo, ele se mostrava, como pode se dizer, "um discreto simpatizante das esquerdas". Ciente, o filho buscava sempre explicações sobre assuntos políticos e culturais com o seu professor Luiz Soares (*foto*), residente na Rua Juarez Távora. Também, gostava de ouvi-lo tocar no velho piano da sala as músicas de Chopin. Professor Soares era da família do deputado Heraldo da Costa Gadelha, que era prefeito de Santa Rita, em pleno período da ditadura.

Sempre admirado pelos políticos, Severino rendia-lhes o voto de maneira discreta, sem que necessitasse pedir-lhes algo em troca. Como também, nunca solicitou à própria família dar preferência a qualquer candidato, oferecendo a todos ampla liberdade de escolha. Não obstante, jamais lhe faltou consciência social sobre os valores de sua cidade e seu desenvolvimento; mesmo, em razão das mudanças que estavam acontecendo. Influências transformadoras oriundas da capital, que se irradiavam por todo o estado.

Foto: Arquivo pessoal

Professor Luiz Soares, fonte de informações políticas e culturais na cidade de Santa Rita

Tais fatos se confirmariam muito mais tarde, nos escritos de um dos nossos influentes historiadores para a Academia Paraibana de Letras: "O ano de 1964 e tempos seguintes são de uma forte dinâmica política e social, na Paraíba. Deslocando as atenções do plano meramente político ao plano cultural. Fato que possibilitaria, à época, o crescimento de manifestos e criação de associações de jornalistas, intelectuais, professores e advogados, e de entidades estudantis e religiosas que valorizavam a cultura e as artes." (*continua*) – Mais "Coisas de Cinema", acesse nosso blog: www.alexsantos.com.br

Zezita Matos em 'O Sertão Vai Vir ao Mar'

Durante a reunião mensal da Academia Paraibana de Cinema, realizada quarta-feira passada no Cine Mirabeau, no Bessa, a secretária-geral da APC, atriz Zezita Matos, presente ao encontro, foi felicitada pela diretoria da instituição, por sua participação em *O Sertão Vai Vir ao Mar*. O "especial" foi gravado nas cidades de Pilar e São Miguel de Taipu, e apresentado antes para todo o Brasil em *Tela Quente*, na Globo, depois exibido publicamente, em forma de cinema, nas duas cidades.

Para a Zezita Matos – atriz bastante requisitada para longas-metragens e curtas, sendo Anna Margot um dos seus últimos trabalhos –, "foi um duplo prazer ter voltado à cidade em que nasci". Zezita Matos é natural de Pilar.

Em cartaz

ESTREIAS

ABIGAIL (*Abigail*). Irlanda/EUA, 2024. Dir.: Matt Bettinelli-Olpin e Tyler Gilelett. Elenco: Kathryn Newton, Giancarlo Esposito. Terror. Bandidos sequestram menina, mas ela tem poderes. 1h49. 16 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: leg.: 21h40. CENTERPLEX MAG 2: dub.: 18h. CINÉPOLIS MANAÍRA 3: dub.: 14h15, 19h15; leg.: 16h45, 21h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: 15h, 17h45, 20h15. CINESERCLA TAMBIÁ 2: dub.: 16h35, 21h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 16h35, 21h. **Patos:** CINE GUEDES 1: dub.: 17h, 21h10.

GUERRA CIVIL (*Civil War*). EUA/ Reino Unido, 2024. Dir.: Alex Garland. Elenco: Kirsten Dunst, Wagner Moura. Guerra/ drama/ aventura. Jornalistas registram guerra civil nos EUA. 1h49. 18 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 3 (Atmos): dub.: 16h, 18h30; leg.: 21h. CINÉPOLIS MANAÍRA 5: sab. e dom.: dub.: 13h30, 16h, 21h; leg.: 18h40; seg. a qua.: dub.: 16h, 21h; leg.: 18h40. CINÉPOLIS MANAÍRA 9 (macro-XE): dub.: 14h, 19h; leg.: 16h30, 21h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): leg.: 15h, 17h45, 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: 14h, 16h30, 19h, 21h30. CINESERCLA TAMBIÁ 5: dub.: 16h10, 18h20, 20h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: 16h10, 18h20, 20h30. **Patos:** CINE GUEDES 3: dub.: sab. e dom.: 14h50, 17h, 19h10, 21h15; seg. a qua.: 17h, 19h10, 21h15. MULTICINE PATOS 1: leg.: 21h10. MULTICINE PATOS 4: dub.: 16h55, 19h40.

JORGE DA CAPADÓCIA. Brasil, 2024. Dir.: Alexandre Machafer. Elenco: Alexandre Machafer, Roberto Bomtempo. Drama/ religioso. Militar romano encara perseguição aos cristãos. 1h50. 16 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: 20h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 2: 15h30, 18h, 20h40. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: 17h, 22h.

VIDENTE POR ACIDENTE. Brasil, 2024. Dir.: Rodrigo Van der Put. Elenco: Otaviano Costa, Evelyn Castro. Comédia. Arquiteto passa a ter o poder de descobrir a vocação das pessoas. 1h33. 10 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: 19h30. CENTERPLEX MAG 2: 19h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: qui. a ter.: 15h15, 17h15, 19h30, 22h; qua.: 15h15, 22h. CINESERCLA TAMBIÁ 3: dub.: 17h05, 20h45. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 5: 17h05, 20h45.

ESPECIAL

AESPA - WORLD TOUR IN CINEMAS (*Aespa – World Tour in Cinemas*). Coreia do Sul, 2024. Dir.: Oh Yoon-Dong. Documentário/ show. Registro do primeiro show do girl group coreano Aespa em Londres, encerrando sua turnê mundial. 2h. 10 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 8: leg.: qua.: 19h.

CONTINUAÇÃO

AS BESTAS (*As Bestas*). Espanha/França, 2022. Dir.: Rodrigo Sorogoyen. Elenco: Marina Fois, Denis Menóchet. Suspense. Casal no campo entra em conflito com vizinhos. 2h17. 14 anos.

João Pessoa: BANGUÊ: leg.: dom.: 19h; qua.: 19h.

EU, CAPITÃO (*Io Capitano*). Itália/ Bélgica/ França, 2023. Dir.: Matteo Garrone. Elenco: Seydou Sarr, Moustapha Fall. Drama. Dois jovens deixam o Senegal para chegar à Europa. 2h01. 16 anos.

João Pessoa: BANGUÊ: leg.: sab.: 19h; ter.: 19h.

EVIDÊNCIAS DO AMOR. Brasil, 2024. Dir.: Pedro Antonio. Elenco: Fábio Porchat, Sandy, Evelyn Castro. Comédia/ romance. Abandonado, homem viaja no tempo ao ouvir "Evidências". 1h45. 12 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: 17h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 1: 15h20, 17h40, 20h. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): 14h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: 14h30, 19h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: 13h30. CINESERCLA TAMBIÁ 4: 18h10. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3: 18h10. **Patos:** CINE GUEDES 1: 19h05. MULTICINE PATOS 1: 16h05.

UM FILME DE CINEMA Brasil, 2023. Dir.: Thiago B. Mendonça. Elenco: Bebel Mendonça, Isadora Mendonça. Infantil. Menina resolve fazer um filme com os amigos. 1h23. Livre.

João Pessoa: BANGUÊ: dom.: 15h.

UM GATO DE SORTE (*10 Lives*). Reino Unido/ Canadá, 2024. Dir.: Christopher Jenkins. Comédia/ animação. Gato entra em jornada transformadora quando perde a última de suas vidas. 1h28. Livre.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 2: dub.: sáb e dom.: 13h20. CINESERCLA TAMBIÁ 2: dub.: sab. e dom.: 14h50. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: sab. e dom.: 14h50.

GHOSTBUSTERS – APOCALIPSE DE GELO (*Ghostbusters – Frozen Empire*). EUA/ Canadá/ Reino Unido, 2024. Dir.: Gil Kenan. Elenco: Paul Rudd, Mackenna Grace, Finn Wolfhard, Bill Murray, Dan Aykroyd. Comédia/ aventura. Caça-Fantamas lutam para evitar segunda era do gelo. 1h55. 12 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: dub.: 15h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 6: dub.: 14h45, 17h30, 20h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): leg.: 17h, 19h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 18h15, 20h45. CINESERCLA TAMBIÁ 2: dub.: 18h45. CINESERCLA TAMBIÁ 4: dub.: 15h50, 20h15. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: 15h50, 20h15. CINESERCLA PARTAGE 2: dub.: 18h45. **Patos:** CINE GUEDES 2: dub.: sab. e dom.; 14h45, 19h; seg. a qua.: 19h. MULTICINE PATOS 1: dub.: 18h40.

GODZILLA E KONG – O NOVO IMPÉRIO (*Godzilla x Kong – The New Empire*). EUA, 2024. Dir.: Adam Wingard. Elenco: Rebecca Hall, Brian Tyree Henry, Dan Stevens. Aventura/ ação. Dois monstros se unem para combater ameaça. 1h55. 12 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: dub.: 17h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 7: dub.: 16h15, 18h45, 21h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: 15h45, 18h30, 21h15. CINESERCLA TAMBIÁ 3: dub.: 14h50. CINESERCLA TAMBIÁ 6: dub.: 18h20, 20h40. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 2: dub.: 18h20, 20h40. CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 14h50. **Patos:** CINE GUEDES 2: dub.: 16h50, 21h10. MULTICINE PATOS 3: 3D: dub.: 20h30.

KUNG FU PANDA 4 (*Kung Fu Panda 4*). EUA/ China, 2024. Dir.: Mike Mitchell. Vozes na dublagem brasileira: Lúcio Mauro Filho, Danni Suzuki. Comédia/animação. Panda precisa encontrar o novo dragão guerreiro. 1h34. 10 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: dub.: 15h. CINÉPOLIS MANAÍRA 4: dub.: sab. e dom.: 13h40, 15h45, 18h45; seg. a qua.: 15h45, 18h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 13h45, 16h. CINESERCLA TAMBIÁ 3: dub.: 18h35. CINESERCLA TAMBIÁ 6: dub.: 14h40, 16h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 2: dub.: 14h40, 16h30. CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 18h35. **Patos:** CINE GUEDES 1: dub.: 15h. MULTICINE PATOS 3: 3D: dub.: 15h40, 18h10.

A MATÉRIA NOTURNA. Brasil, 2024. Dir.: Bernard Lessa. Elenco: Shirlene Paixão, Welket Bunguê. Drama/ romance. Mulher começa uma experiência profunda com moçambicano. 1h29. 14 anos.

João Pessoa: BANGUÊ: sab.: 17h.

O MELHOR ESTÁ POR VIR (*Il Sol dell'Avenire*). Itália/França, 2023. Dir.: Nanni Moretti. Elenco: Nanni Moretti, Margherita Buy, Mathieu Almaric. Comédia/ drama. Nos anos 1950, cineasta enfrenta problema para terminar seu filme. 1h35. 12 anos.

João Pessoa: BANGUÊ: leg.: sab.: 15h; seg.: 19h.

NADA SERÁ COMO ANTES – A MÚSICA DO CLUBE DA ESQUINA. Brasil, 2024. Dir.: Ana Rieper. Documentário. O processo criativo do grupo de músicos mineiros do Clube da Esquina. 1h18. 10 anos.

João Pessoa: BANGUÊ: dom.: 17h.

A PRIMEIRA PROFECIA (*The First Omen*). EUA/ Itália/ Reino Unido, 2024. Dir.: Arkasha Stevenson. Elenco: Nell Tiger Free, Ralph Ineson, Sonia Braga, Bill Nighy, Rachel Hurd-Wood. Terror. Noviça começa a descobrir uma conspiração que deseja provocar o nascimento do anticristo. 2h. 16 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 4: leg.: 20h45.

Serviço

• **Funesc** [3211-6280] • **Mag Shopping** [3246-9200] • **Shopping Tambiá** [3214-4000] • **Shopping Partage** (83)3344.5000 • **Shopping Sul** [3235-5585] • **Shopping Manaíra** (Box) [3246-3188] • **Sesc - Campina Grande** [3337-1942] • **Sesc - João Pessoa** [3208-3158] • **Teatro Lima Penante** [3221-5835] • **Teatro Ednaldo do Egypto** [3247-1449] • **Teatro Severino Cabral** [3341-6538] • **Bar dos Artistas** [3241-4148] **Galeria Archidy Picado** [3211-6224] • **Casa do Cantador** [3337-4646]

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho
hildebertopoesia@gmail.com

Visões de Augusto

Em 19 de julho de 1907, Gilberto Amado escrevia, em sua coluna "Golpes de Vista", do *Diário de Pernambuco*, as seguintes palavras, depois transcritas no segundo volume de suas memórias, *Minha Formação no Recife* (1955):

> "A maioria [dos jovens] atira-se a fazer versos pelo simples motivo de que no Brasil é costume tradicional dos 20 aos 25 anos ser poeta. Começa também um movimento de imitação a um rapaz histérico mas de extraordinário talento que vive isolado, misantropo, no interior da Paraíba, Augusto dos Anjos".

É curioso que, na visão do escritor sergipano, Augusto já apareça como figura catalítica de um movimento poético, uma vez que o *Eu* só seria publicado em 1912, inclusive em meio ao quase absoluto desconcerto da crítica.

Vê-se, no entanto, que o poeta do engenho Pau d'Arco, apesar do isolamento em que vivia na várzea paraibana, marcava presença nos meios literários através de suas colaborações com os jornais da época, em especial com *O Comércio*, de Arthur Aquiles. Poeta inédito em livro, tinha, não obstante, ressonâncias estéticas nos ambientes literários da cidade da Paraíba e do Recife, principalmente na Faculdade de Direito desta capital cultural do Nordeste, fermentada pela forte tradição de sua escola filosófica e científica.

Chama-nos a atenção, no trecho citado, a caracterização do poeta Augusto dos Anjos como "histérico" e "misantropo", embora de "extraordinário talento".

Quanto ao talento, não se discute. O tempo e o destino da fortuna crítica de sua obra vão confirmar a opinião do memorialista. Quanto ao "histérico" e ao "misantropo", não se sabe, ao certo, em que se baseou Gilberto Amado para emitir parecer tão taxativo, de certo modo contribuindo para a construção de uma imagem, senão extravagante, pelo menos exagerada, da personalidade do poeta. Até porque, a levarmos em conta as páginas de suas memórias, o autor não chegou a conhecer pessoalmente o bardo paraibano.

Orris Soares, no célebre prefácio que escreveu em 1919 para a edição do *Eu*, acrescentado de "outras poesias", em 1920, sem usar termos médicos que sinalizassem para alguma enfermidade psíquica, reforça, ainda, a imagem insólita do poeta, quando assinala: "Foi magro meu desventurado amigo, de magreza esquálida – faces reentrantes, olhos fundos, olheiras violáceas e testa descalvada". E, mais à frente, recordando o momento em que iniciou suas relações pessoais com o poeta, ressalta: "Feriu-me de chofre o seu tipo excêntrico de pássaro molhado, todo encolhido nas asas com medo da chuva".

Há quem diga que esse prefácio caricaturiza a figura física do poeta e serve de apoio a certas leituras de sua poesia, vendo, nela, tão somente uma fotografia verbal das distorções e mazelas que coexistiam doentiamente em sua alma. Ou seja, dito de outra forma, o prefácio, nas suas considerações de ordem biográfica e de ordem estética, apenas põe em prática a equação determinista e linear entre vida e poesia, entre subjetividade e texto poético.

Augusto dos Anjos, na materialidade expressiva de sua lírica, sofreu e ainda sofre dos males causados por aquilo que Umberto Eco chama de mero "uso do texto", por meio do qual as leituras de suas imagens inventivas e desconcertantes, são nada mais nada menos que simples projeções impressionistas de leitores despreparados para assimilar e compreender a complexidade artística de sua linguagem e de sua visão de mundo. Certas ilações, que se extraem do cotejo direto entre vida e poesia, não condizem, portanto, com as exigências do processo interpretativo, constituindo-se, assim, naquilo que o semiólogo italiano denomina de "superinterpretação".

O estranho da poética, resultado de uma refinada e renovadora formulação vocabular e vérsica, onde a dissonância rítmica e a originalidade da percepção se equilibram nas simetrias de som e sentido, não pode nem deve ser reduzido à veracidade dos elementos biográficos. O poema, que converte a experiência poética em expressão verbal e artística, é, antes de tudo, fantasia criadora, imaginação imagética, espetáculo da palavra.

Não poderia concluir este artigo sem me referir a Humberto Nóbrega. No seu livro *Augusto dos Anjos e Sua Época* (1962), considerado injusta e exageradamente "imprestável" por Otto Maria Carpeaux, reconstituiu, decerto, a imagem mais adequada do poeta, trazendo à tona, depois de intensas pesquisas, a figura do homem como um ser normal, professor, pai de família, sociável e inteiramente à vontade na vida cotidiana, inclusive, com pitadas de galanteio e de humor. Além do que, foi o primeiro a provar que Augusto não morreu de tuberculose, como ainda hoje se propaga na voz de alguns incautos, mas, de pneumonia.

(Em tempo: só para prestar uma homenagem à memória do grande poeta).

Colunista colaborador

FESTIVAL

Aruanda abre inscrições nesta segunda para filmes

Prazo vai até 22 de julho; a 19ª edição do evento começa em 28 de novembro

Esmejoano Lincol
esmejoanolincol@hotmail.com

O evento acontecerá apenas entre novembro e dezembro deste ano, mas, a partir de amanhã, os realizadores interessados em projetar seus filmes em um festival poderão inscrever seus trabalhos na 19ª edição do FestAruanda do Audiovisual Brasileiro. As submissões poderão ser feitas no site do evento, a partir do que versa o regulamento da mostra. Serão selecionados seis longas-metragens e 12 curtas-metragens para exibição na Mostra Competitiva Nacional; dentro da mostra paralela Sob o Céu Nordestino, haverá a indicação de quatro longas e 12 curtas. Serão aceitas apenas produções que tenham sido realizadas entre julho de 2023 e julho de 2024. As inscrições seguirão abertas até 22 de julho.

O evento contará com o patrocínio de empresas públicas e privadas, dentre elas a Companhia de Águas e Esgotos da Paraíba (Cagepa) e Companhia Paraibana de Gás (PB Gás). Também será oferecido um prêmio inédito de R$ 15 mil reais para o melhor curta-metragem dentro da Mostra Competitiva, oferecido pelo Canal Brasil, que também garantirá a exibição do filme vencedor dentro de sua grade.

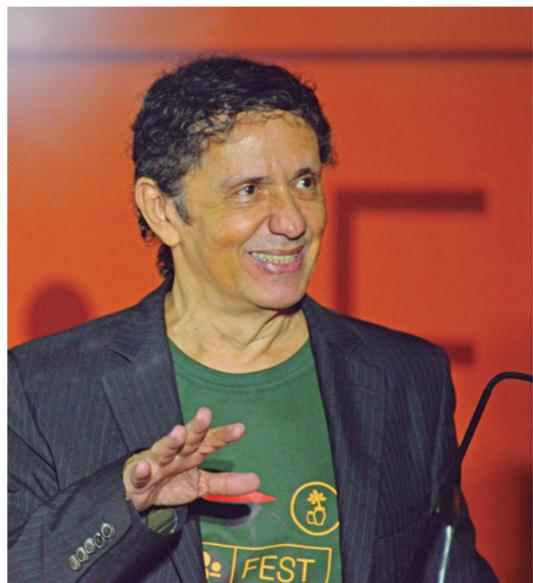



Foto: Mano de Carvalho/ divulgação

Lúcio Vilar é o coordenador geral do Fest Aruanda e comemora o crescente interesse pelo festival ano a ano

De acordo com Lúcio Vilar, curador e diretor artístico do FestAruanda, o interesse pelo festival cresce a cada ano. De 544 submissões em 2022, o número de filmes inscritos subiu para 650 em 2023. "Este ano, teremos como fator mobilizador o prêmio oferecido pelo Canal Brasil. Esperamos um número ainda maior nesta edição. Destaco ainda o fato de o festival viabilizar a vinda dos diretores curta-metragistas de todo o país e do interior da Paraíba para acompanhar as exibições e participar dos debates", detalha o diretor.

O filme submetido para o Aruanda não precisa ser inédito – ele pode ter passado por outro festival anteriormente. "No entanto, no caso dos filmes de longa-metragem selecionados para o festival, ele não pode ter sido exibido no circuito exibidor nacional", ressalva Lúcio. A lista com os filmes selecionados deve sair em setembro.

A 19ª edição do FestAruanda do Audiovisual Brasileiro acontecerá entre os dias 28 de novembro e 4 de dezembro, com projeções de filmes e debates nas salas de cinema da rede Cinépolis, no Manaíra Shopping.

Na edição de 2023, os vencedores dos prêmios de melhor longa e melhor curta-metragem dentro da Mostra Competitiva foram *Levante*, de LillahHalla, e *Pulmão de Pedra*, de Torquato Joel, respectivamente. Já na Mostra Sob o Céu Nordestino, os laureados foram o longa *Saudade Fez Morada Aqui Dentro*, de Haroldo Borges, e o curta *Céu*, de Valtyennya Pires. O grande homenageado da edição passada do festival foi o cantor e compositor paraibano Geraldo Vandré; na ocasião, foi exibido o curta *Vandré no Exílio*, registro do período em que o artista viveu fora do país, perseguido pelo regime militar.

AMANHÃ

Livro busca defesa do Ministério Público

Esmejoano Lincol
esmejoanolincol@hotmail.com

Em Defesa do Ministério Público – este é o forte título do livro que o procurador aposentado Paulo Barbosa de Almeida lança amanhã na sede da Procuradoria-Geral de Justiça da Paraíba, no Centro de João Pessoa, a partir das 9h. A obra reúne os principais pronunciamentos do jurista ao longo de sua carreira no Ministério Público; os textos foram selecionados pelo próprio Paulo.

"Em todos eles, faço reflexões sobre temas de grande interesse para a instituição ministerial, sempre pugnando por mais autonomia para ela", explica o autor.

Paulo afirma que o título sintetiza a premissa por trás de todos os textos que compõem a obra, pregando "a eliminação de mazelas que afetam a autonomia e a independência do Ministério Público", justifica.

Esta é a primeira publicação que Paulo lança em mais de cinco décadas de atuação no direito. Tendo ingressado no MP em 1977, permaneceu por lá até meados de 2015. Ele recorda que antes da promulgação da Constituição de 1988, a atuação do MP estava restrita às questões criminais. "Com a promulgação da atual Carta Magna, eclodiu um Ministério Público cível, com atribuição de defender os direitos difusos e coletivos e sociais", conta.

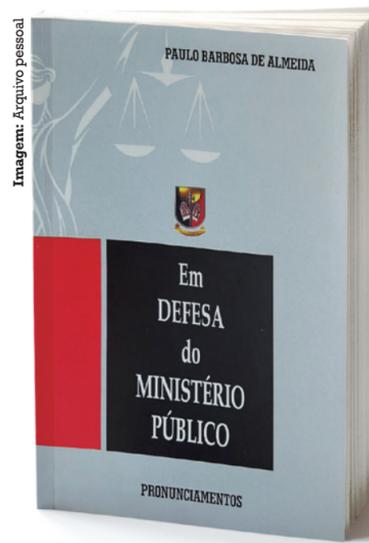



Imagem: Arquivo pessoal

Lançamento da obra de autoria do procurador aposentado Paulo Barbosa de Almeida será na sede da Procuradoria-Geral de Justiça da Paraíba, pela manhã

POVOS ORIGINÁRIOS

Representação política é pequena

Paraíba possui cerca de 30.140 pessoas que se autodeclaram indígenas, o que corresponde a 0,76% da população

Filipe Cabral
filipemscabral@gmail.com

Fotos: Arquivo pessoal

Mulheres com a prefeita de Marcação, única gestora municipal indígena do Brasil, durante evento para celebrar a cultura dos povos originários

Historicamente ocupada por povos originários como os Tabajaras, Potiguaras, Cariris e Tapúia-Tarairiús, a Paraíba possui, hoje, cerca de 30.140 pessoas que se autodeclaram indígenas, o que corresponde a 0,76% dos mais de 3,9 milhões de habitantes do estado - segundo dados de 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

O número reduzido em termos populacionais também se reflete na representação política indígena no estado. Nenhum dos parlamentares estaduais e federais, por exemplo, é indígena. E dos 223 municípios paraibanos, apenas quatro possuem representantes de povos originários em cargos eletivos. São eles: Baía da Traição, Marcação e Rio Tinto - no Litoral Norte do estado - e Emas, no Sertão.

Contudo, a ainda tímida participação nos espaços institucionais de poder não significa falta de interesse ou de organização política por parte das comunidades e aldeias. Pelo contrário, apesar de poucos, os políticos indígenas paraibanos têm mostrado que não só entendem a política como instrumento de luta por direitos e transformação da vida de seus povos, como também a têm utilizado para ensinar aos não indígenas que é possível - e necessário - respeitar, conviver e aprender com diferentes culturas e modos de vida.

Prefeita

Criada, desde a infância, entre os potiguaras na cidade de Marcação - quando esta ainda era distrito de Rio Tinto - Eliselma Oliveira da Silva é, desde 2016, a única prefeita indígena do Brasil. Segundo ela, que foi eleita para um cargo eletivo pela primeira vez em 2012, quando foi vice-prefeita do município, é "uma honra e um desafio" estar a tantos anos à frente da gestão de uma cidade que, segundo o Censo de 2022, possui 88% da população formada por indígenas.

De acordo com o IBGE, dos 8.999 habitantes de Marcação, 7.926 são indígenas, o que confere à cidade o sexto lugar no *ranking* de municípios brasileiros com maior percentual de pessoas indígenas residentes no Brasil. A vizinha Baía da Traição aparece em sétimo, com 7.992 indígenas do total de 9.224 habitantes, o que corresponde a cerca de 86% da população local.

Lili Oliveira, como é conhecida no município, conta que o interesse pela política começou dentro de casa. Ela lembra que sua avó, Severina Correia, era dona de cartório e "sempre gostou desses movimentos". Além disso, a mãe de Lili, Selma Maria de Oliveira Silva, foi eleita vice-prefeita de Marcação em 1996, na chapa com Gilberto Barreto.

Lili, por sua vez, foi eleita prefeita em 2016 e reeleita em 2020. Prestes a entregar o Executivo municipal, ela destaca que "o vínculo com as comunidades" e o "gosto pelo povo" sempre foi o que moveu sua carreira política.

"Eu sou enfermeira por profissão, trabalhava diretamente nas aldeias aqui, no assistencialismo do PSF [Programa Saúde da Família] no município, tinha vínculo diretamente com a comunidade no atendimento, na humanização, e partiu daí a minha relação com o povo. Naquele momento, eu não trabalhava com esse intuito, mas porque queria estar perto do povo e porque gosto do que faço. Então a vida articulou essa oportunidade e, naquele momento, eu vi uma forma mais ampla de poder chegar junto do cidadão e de poder ajudar de uma forma melhor. Isso aconteceu, deu certo e estamos aqui até hoje desempenhando o nosso trabalho", explica a prefeita.

Sobre os principais desafios à frente da Prefeitura de Marcação, ela ressalta justamente a habilidade para lidar com a diversidade e as especificidades dos povos da região.

"Um dos maiores desafios que eu encontrei foi o fato da gente ter aqui 15 aldeias, cada uma com as suas lideranças, com seus caciques, e cada cacique com seus pensamentos e o olhar voltado para a sua aldeia e seu povo. E a gente teve que trabalhar de forma articulada e harmoniosa, chamando eles para conversas quando queríamos implantar políticas públicas de desenvolvimento em cada aldeia. Fazer essas tratativas de forma cautelosa e com êxito é um desafio. Mas, graças a Deus, eu não tenho do que reclamar. Eu tive muito respeito e fui muito abraçada. Na verdade eu só tenho que agradecer", avaliou.

Preservar cultura e apresentar projetos

Vereador de Baía da Traição, José Ronaldo Chaves - o Ronaldo do Mel - é apicultor e morador da Aldeia São Miguel. Nascido e criado entre os potiguaras, ingressou na carreira política após as experiências como fundador e presidente da associação de apicultores Paraíba Mel e como articulador do Programa Nacional de Habitação Rural (PNHR) na região.

Vereador José Ronaldo

"Eu assumi a presidência da associação em 2011 e a gente começou a correr atrás de projetos e apoios, porque percebemos que a entidade organizada é muito forte e nós queríamos usar essa força em benefício da comunidade. Conseguimos trazer muitas coisas, nos capacitamos, viajamos para encontros em muitos estados do Brasil e pudemos adquirir muito conhecimento. Logo em seguida, fizemos um projeto de habitação através do qual construímos 93 casas na nossa aldeia. E aí começou a história de que eu daria um bom representante, um vereador que a comunidade aprovava", relembra.

Ronaldo considera "importantíssimo" que os indígenas ocupem cada vez mais os espaços de poder, porque, segundo ele, "é um olhar diferenciado que se tem". "Quem é de fora não tem esse olhar", comenta.

"O indígena é protetor das matas. É uma cultura diferente mesmo, um povo diferente, com estilos de vida diferentes que, às vezes, o branco não entende e acha que tem que ser do jeito dele. Mas não é assim que funciona. É claro que a gente precisa se atualizar, estudar e se preparar. Mas não podemos ser obrigados a perder nossa cultura, nossos costumes, nossas línguas e características. Não pode ser assim, de uma coisa ser imposta e a gente ter que cumprir com aquilo ali", pontua o vereador.

Ainda em relação à defesa da cultura e o modo de vida dos povos indígenas, Ronaldo destaca a luta pelo direito à terra e ao meio ambiente como a principal pauta dos potiguaras. Uma "bandeira pesada", ele diz, "porque vai contra a vontade de poderosos".

O vereador ainda complementa: "a gente sabe dos benefícios que tem a mata de pé para a nossa aldeia. Mas os benefícios também são para todas as pessoas e todo planeta".

Questionado se, de fato, confia na política institucional como forma de melhorar a vida dos povos indígenas, o parlamentar é sucinto. "A gente depende da política. Não existe nada que não passe pela política"

"Se plantar boas sementes, colherá bons frutos. Eu acho que isso é um resumo de tudo. Não basta ser só indígena, é preciso se capacitar como ser humano, honrar sua cultura, amar seu povo, sua crença, seu estilo de vida. É isso que eu aprendi e vejo nos meus 43 anos de vida. E é isso que deixo para as próximas gerações", conclui o vereador.

> É importante que os indígenas ocupem cada vez mais os espaços de poder

Eliselma Oliveira da Silva, Lili, é prefeita de Marcação

Martinho Sampaio

Técnico que não mediu esforços para domar a tecnologia foi até repórter

Da perfuração à chefia da oficina, os caminhos de um profissional que correu atrás da eficiência e da qualidade nos processos gráficos, tornou-se editor com mais de mil obras publicadas e hoje é responsável pelo Diário da Justiça

Luiz Carlos Sousa
lulajp@gmail.com

Martinho Sampaio fez de tudo um pouco nas oficinas d'**A União**. Chegou para trabalhar na perfuração, tecnologia nova que estava sendo implantada no jornal para a fotocomposição. Logo se destacou e alçou voos mais altos. Foi chefe de oficina e assumiu a responsabilidade de ser o elo entre a redação e a impressão. Mas não parou. Foi revisor e paginador nas necessidades, motorista e até repórter. Nesta conversa com o "Memórias **A União**", ele conta como acompanhou o que classifica como "evolução dos tempos", fala do convívio com pessoas que o influenciaram, incentivaram e torceram por ele. Sampaio é mais um que considera **A União** como escola, diz que sente saudades e que começaria tudo outra vez, fala da convivência com grandes nomes do jornalismo – até para tirar dúvidas sobre o uso dos computadores – e diz que **A União**, "por si só, é a própria história". E não deixa de dar um recado aos jovens e aos mais velhos sobre a tecnologia: "Reciclem-se. Não percam tempo".

A entrevista

■ *Martinho, você chegou n'**A União** já com a tecnologia ensaiando a digitação, abandonando a velha máquina de datilografia?*

É verdade. Quando cheguei, estava começando a evolução dos tempos. A função que era exercida à época era perfurador.

■ *Naquela máquina que tinha a fitinha amarela?*

Exatamente. A leitura, por sinal, era muito parecida, principalmente das letras. Do "A" ao "Z", era o mesmo código que era utilizado no Telex.

■ *E foi uma revolução, porque veio com o offset também?*

Sim, foi uma revolução. Já tinha *offset*. Dali saia um papel, de um computador gigante, e se tirava uma cópia, em papel fotográfico, chamada fotocomposição. Aquilo tinha um tempo, de 24 horas ou um pouquinho mais, para poder perder o tempo, porque ela se apagava.

■ *Você estudou na Escola Técnica. De onde veio seu interesse pela tecnologia?*

Comecei do zero, para ser bem sincero com você, no jornal O Norte. Foi a minha primeira oportunidade. Tinha 18 anos, só que já era casado e estava desempregado. Aloísio Moura era diretor, e havia três pessoas, cada um pior do que o outro, e ele escolheu a mim, graças a Deus, por eu ser casado. Ele comunicou aos três: "Vou dar uma chance a ele, que é casado. Vocês dois têm mais oportunidades por aí".

■ *Aloísio Moura também foi superintendente d'**A União**...*

Também trabalhei com ele aqui. Ele foi uma pessoa muito importante na minha vida, primeiro por ter dado a primeira oportunidade. Eu saí do nada, nem curso da datilografia tinha feito, nem fiz até hoje, mas, graças a Deus, sou, entre aspas, um "exímio digitador", de poucos erros. Tanto que no próprio jornal O Norte eu consegui, com a ajuda de um amigo, que tive a oportunidade de vê-lo agora há pouco, Paulo Sergio, que foi um cara que me incentivou.

■ *Outro de Jaguaribe...*

É, exatamente, casado com uma pessoa maravilhosa também. Ele me ensinou muito a trabalhar e, na época, eu não usava aparelho auditivo, o que era uma dificuldade para mim: não ouvir as coisas. Eu praticamente não ouvia as teclas e trabalhava com a "zoadinha" do perfurador, que era enorme. Então, cada som daquele para mim soava como uma letra, como um sinal que eu digitava, e assim eu fui adquirindo essa técnica própria.

■ *Martinho, quando você chegou n'**A União**, o superintendente era Nathanael?*

Era Nathanael Alves, e Agnaldo Almeida era o editor, meu primeiro editor aqui, mas eu não fui diretamente para a redação, vim para a gráfica trazido por um grande amigo, meu compadre Domício Córdula.

■ *O mago das cores?*

Exatamente, o mago das cores. Ave Maria, ele foi um uma pessoa fantástica. Me apresentou a alguém tão importante quanto Gonzaga Rodrigues, o Neguinho Gonzaga, até hoje meu amigo, considero um padrinho.

■ *Minha história no jornalismo também tem tudo a ver com Gonzaga...*

Ele me trouxe para a sala, onde era a presidência, e estava lá Nathanael Alves. E disse: "Entra aqui, mago", que era assim que ele chamava todo mundo. Nathanael foi consultar, pediu para eu fazer um teste na *composer* eletrônica, que foi a primeira máquina de composição diferenciada aqui na gráfica. E me trouxeram para cá por conta dessa máquina. Não tinha ninguém para operar, e eu fiz o teste com ele conversando comigo e perguntando: "Mago, como é que tu consegue fazer isso aí, eu conversando contigo e tu digitando ao mesmo tempo?". E eu expliquei: "Fico atento à leitura e, ao mesmo tempo, o meu ouvido fica virado para você.

■ *Você veio para cá para o setor gráfico e trabalhou com aqueles "monstros" Milton Nobrega, Naldo, Tonio?*

Milton eu conheci juntamente com Domício Córdula, na gráfica Santa Marta, onde a gente trabalhou na Rua da Areia. Quando vim para cá, por coincidência, já tinha Domício, que foi quem me trouxe, apresentou a Gonzaga, a Mituca, nosso grande Milton Nóbrega, outro artista fantástico.

■ *Você chegou à fotocomposição, começou ali com aquelas máquinas que representavam à época um grande salto tecnológico...*

Mas nem monitor tinha.

■ *E, quando errava, como que fazia?*

Eu percebia, voltava, apagava e continuava. A própria máquina fazia você voltar até o erro. Eu olhava a fitinha, ia voltando e corrigia.

■ *E depois se fazia a famosa emenda?*

Só se fosse no caso de já estar queimando o papel. Aí a gente ia lá, Paulo Sergio chegava e dizia o que era para fazer. Eu corrigia, dava um comando diferente, ele voltava a fita, colocava no lugar e corrigia tudo. Saía perfeito.

■ *De lá da fotocomposição, você ainda passou por algum outro departamento?*

Sim. Depois que eu saí da fotocomposição, eu estava na gráfica ainda com o Milton e o Domício, quando recebi a visita de Gonzaga Rodrigues, que chegou e disse: "Neguinho" (isso foi uma terça-feira), "na segunda-feira que vem, tu vai assumir a chefia das oficinas lá na João Amorim". Eu: "Como assim? Num é 'fulano', lá?". "É, mas ele vai sair, e você vai assumir". "Mas eu não tenho experiência nenhuma", retruquei. E Gonzaga sentenciou: "Eu confio em você. Pelo que você já faz aqui, vai se dar bem".

■ *E aí também o seguinte: o ambiente de redação é sempre favorável?*

"Comecei do zero, para ser bem sincero com você. Foi a minha primeira oportunidade"

Fotos: Edson Matos/Arquivo **A União**

Martinho conta que chegou a colher dados para uma matéria em Cabedelo com direito até a entrevista com um delegado

É aquela coisa bem leve e é um bom lugar de se trabalhar, porque você está diante de intelectuais. Tive a sorte de ter achado, no dia que eu assumi, uma equipe muito boa, competente, precisando de alguns ajustes.

■ *Você chegou lá para chefiar a fotocomposição ou toda aquela oficina que acabava no fotolito e vinha para o Distrito para gravar a chapa para imprimir?*

Toda a oficina. Depois da diagramação, que era a última parte da redação para descer para a oficina, tudo era comigo.

■ *Sempre com um papelzinho na mão, levando e voltando?*

Exatamente. Foi uma época maravilhosa. Eu posso dizer que, inclusive, para mim, **A União** foi uma escola profissional e para a vida também.

■ *Só para acrescentar: não houve uma pessoa que sentou nessa cadeira, que não teve essa mesma impressão ou esse mesmo sentimento em relação à importância **d'A União** na vida profissional ou pessoal...*

Isso é fato. Eu também tenho até outros colegas, amigos d'**A União**, que já foram d'**A União** e os que também continuam, que têm esse mesmo pensamento. Porque é a pura verdade isso, sem comparar épocas, mas, só falando daquela época, nós tínhamos verdadeiros profissionais habilitados a fazer o que sabiam fazer, o que Paraíba precisava fazer. Eram duas classes que tinham profissionais ultrapreparados: jornalismo e o meio gráfico.

■ *Você percebeu que aquele era um momento histórico, com a chegada de uma nova tecnologia?*

Senti isso. É tanto que achei que, para enveredar por esse caminho, seria um caminho sem volta, no bom sentido da palavra. E não queria fazer outra coisa. Achei tão bom, que até hoje estou nesse campo.

■ *Quando o desafio chega, você senta na frente do computador e resolve?*

Muito mais facilitado. Com o monitor, você vê o erro ali mesmo; o próprio programa já ajuda, dizendo que aquela grafia está estranha. O próprio Word fica vermelhinho, você já vê o que é que ele quer chamar atenção, uma concordância, se é uma palavra errada, faltando alguma letra; tudo isso facilitou bastante, esse avanço tecnológico.

■ *Você se lembra que teve gente que não aceitou?*

Não me lembro de alguém nominalmente, não, até porque eu perdi um pouco o contato com muita gente.

■ *Mas na redação havia muitos...*

Ah, sim. Hélio Zenaide era um que não gostava, mas, na realidade, usava só um dedinho, mas ele produzia. Produzia que não era brincadeira. Gonzaga também nunca gostou. Eu vou até citar uma situação: Martinho Moreira Franco. Ele sempre recorreu a mim quando estava com problemas em casa. Não pessoais, nem nada de texto, mas ele tinha muita dificuldade em dominar o editor de texto. Então, às vezes, ele errava qualquer coisa – bateu numa tecla, apagava tudo –, ele se desesperava e ligava para mim. Aquele jeitão dele: "Sampa, estou perdido aqui". Eu perguntava: "O que foi que houve?". "Se apagou tudo", ele dizia. Eu fazia nova pergunta: "Faz tempo que você fez isso? Se foi agora mesmo, dê um *control Z*". Aí ele: "Pera aí, contra o quê"?. "Digite Ctrl Z". Ele, então, satisfeito: "Eita, apareceu tudo que marquei". Era uma figura, eu gostava demais dele.

■ *Como foi que você saiu d'**A União** e enveredou por outros caminhos na vida profissional?*

Eu tinha recebido um convite antes, que, por sinal, foi o próprio Gonzaga Rodrigues quem me indicou para essa pessoa, que foi quem realmente me encaminhou na área de tecnologia propriamente dita, porque até então eu vinha da perfuração, que era uma coisa boa, já era para a época, mas eu tinha uma vontade de dar voos mais altos. Então, quando recebi esse convite, aceitei. Foi para a Secretaria de Educação, com Santino Gomes, funcionário da Educação e era quem comandava a gráfica. Quem era o superintendente na época era Aloísio Moura.

■ *Aloísio Moura de novo na tua vida?*

Ele até me fez um grande favor. Ele disse: "Martinho, pelos trabalhos que você fez... eu vou dizer isso com muita clareza... pelo que você prestou de serviço aqui para **A União**, vou fazer o contrário e vou demitir você, para você ter seus direitos e tal". E eu: "Não precisa disso, não". "Mas vamos fazer assim. É melhor para você", disse Aloísio. Aceitei e embarquei nessa de ir para a Educação. Foi quando eu me aprimorei. Fui para São Paulo fazer curso. Fui para a IBM, em Pernambuco, fazer cursos também. Em São Paulo, eu fiz uns três ou quatro cursos dentro da área de Educação.

■ *Você se lembra que **A União**, mesmo sendo no jornal do governo, teve umas ideias e editoriais do Jornal de Domingo, aquelas entrevistas longas? O Correio das Artes já existia e ganhou novo fôlego quando ganhou aquele prêmio em São Paulo?*

A União sempre acompanhou a evolução dos tempos, sempre. É uma empresa antiga, é o mais antigo jornal da Paraíba, um dos mais antigos do Brasil e sempre acompanhou a evolução dos tempos, principalmente nessa área de composição gráfica. Sempre foi pioneiro.

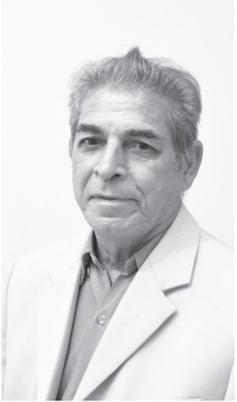
■ *Mas você nunca perdeu o vínculo com **A União**?*

Olha só, muita coincidência da vida. Eu, quando trabalhava n'**A União** como o chefe das oficinas, era responsável pelo Diário Oficial e pelo Diário da Justiça, para a impressão. A edição era de Walter de Souza. Então, por coincidência, quando fui para o Tribunal de Justiça, fui justamente para trabalhar no Diário da Justiça. Fui ser o editor e, com o tempo, fiz um projeto para esquecer a parte impressa, que era muito caro. Apesar de ser com **A União**, que era a minha casa. Foi a minha casa, considero a minha casa ainda, mas eu estava trabalhando em outra instituição. Então, é até outro poder. A gente conseguiu a aprovação desse projeto. E deixamos de fazer o jornal impresso, partimos para o PDF e disponibilizamos no nosso portal, como até hoje. Foi um avanço muito bom, muito fundamental para diminuir os custos, porque a nossa edição é gratuita, não fazia muito sentido estar pagando tão caro.

■ *Você também desenvolveu uma carreira de editor?*

Estou até trazendo alguns aqui. Algumas ilustrações aqui de livros de história, por exemplo, dizem respeito à Comarca de João Pessoa, o livro sobre Abelardo Jurema Filho, o livro sobre a Comarca de Alagoa Grande, Alagoa Grande. Um livro de Gonzaga Rodrigues, "Com os olhos no chão", eu acho que foi até o último livro dele.

■ *Uma pessoa ligada à tecnologia, que começou do zero e hoje terminou sendo editor, o que precisa de uma bagagem intelectual diferenciada...*

Tive uma escola muito boa de profissionais. Vou começar por Milton Nóbrega. As coisas que ele fazia, eu sempre olhava muito, prestava muita atenção em tudo. Inclusive na forma como ele trabalhava. E passei a fazer capas também. Claro que bem abaixo do nível dele. Mas aprendi. Já a parte de visualização, de programação visual, eu tive uma outra escola como professor: Juca Pontes. Foi através dele que consegui fazer outros livros. Ficou mais fácil, porque Juca tinha uma forma bem diferenciada de demonstrar as coisas.

Tem que se reciclar. Não pare no tempo, porque você perde, tem que acompanhar a evolução"

■ *E sempre na relação com **A União**?*

Algumas sim, outras não, porque nem sempre a gente fazia trabalhos com exclusividade para ninguém. Trabalhava para todos que nos procuravam. Ele ia lá para casa, a gente chegou a ter um escritório próprio. Mas acabou que não deu certo, eu preferia continuar em casa trabalhando e, às vezes, a gente virava a noite lá em casa.

■ *O "cabra" no pé querendo o término do trabalho?*

O compromisso é com o autor, com a gráfica, com o público que está aguardando o lançamento, no dia tal, com a imprensa, que você tem que dar aquela satisfação. Se você atrasar o seu trabalho, atrasa o de todo mundo, um efeito cascata.

■ *Você falou que **A União** foi escola, foi casa também e foi asa?* Como você avalia?

A União, por si só, já é história. E o valor que ela dá aos seus jornalistas, seus funcionários, é o que faz com que permaneça ainda nessa longevidade toda. E com o mesmo carinho e atenção dos leitores. Eu conheço muita gente que é assinante d'**A União.** A gente, às vezes, pensa que **A União** caiu em nível de leitor, mas não caiu, não. Ledo engano.

■ *Bote uma notinha que descontente alguém, que, no outro dia...*

É uma empresa, uma instituição responsável, que tem grandes profissionais e, graças a Deus, sempre conseguiu manter essa linha. Saem grandes profissionais, entram outros, porque é um ciclo natural. Ela nunca deixou de acreditar no que faz, no que fez no passado.

■ *Você, que hoje é um homem de livros e da era digital também e está fazendo essa análise, como vê a importância d'**A União** com a nova tecnologia, que surgiu, que bota na sua mão uma telinha que você lê, se informa e acessa até um processo na Justiça?*

É verdade. Veio para facilitar por um lado. Por outro lado, tem a questão de pessoas que perderam seus empregos, porque a própria tecnologia faz com que menos gente seja ocupada.

■ *Faz uma ruptura também?*

Faz uma certa ruptura. Mas não deixa de ser coisa boa. Aqueles profissionais que realmente têm competência para continuar estão aí na linha, à frente de tudo.

■ *Se reciclando?*

Se reciclando. Tem que se reciclar. Isso é importante. Tem que se reciclar. Não pare no tempo, porque você perde, porque você tem que acompanhar a evolução e assim tem que ser feito.

■ *Você acredita que ainda há muito espaço para essa plataforma do impresso, tanto para livro como para jornal?*

Está acabando. Tá acabando porque agora, com a questão da mídia digital, em todas as plataformas você encontra uma edição de um livro, um anúncio. Está mais complicado.

■ *E as redes sociais?*

Uma coisa absurda de boa. Às vezes, tem algumas questões discutíveis, mas de um modo geral, como as *fake news*, que deixam bastante a desejar.

■ *E as novas gerações realmente não querem contato com o impresso, com um livro...*

Acredito que até mesmo a questão dos colégios vai ter um fim, vai acabar sendo tecnológico.

■ *E temos agora a inteligência artificial...*

Exatamente. Está aí a discussão, pois veio mesmo para pegar todo mundo de vez. E vai ser difícil qualquer tipo de impresso, um livro, uma revistinha. Um documento como esse aqui, que você vai ver depois, é complicado. E eu dou, estourando, uns cinco anos mais para a frente. Muita gente vai ter saudade, vai ficar na nossa memória. É algo que a juventude de hoje jamais vai poder ter noção do que é isso, jamais vai entender a feitura de cada peça dessa que a gente faz. Hoje, fisicamente, só tem **A União** circulando aqui na Paraíba. E poucos no Brasil. **A União** mantém porque é uma tradição, aqui é uma escola, e ela não quer perder essa identidade.

■ *Você lembra de algum fato, de alguma iniciativa de reportagem, de algo que lhe chamou atenção e que você guarda até hoje na memória?*

Tenho algumas coisas bem interessantes. Primeiro, como eu ficava por último, desligava tudo. Era papel e, do papel, transformava em matéria pura, para a montagem e, na composição, às vezes, acontecia de títulos errados. Eu, muitas vezes, ligava para Agnaldo Almeida, Pedro Moreira, e dizia: "Olha, o título está assim". Mas nunca fiz nada sozinho, nunca fiz nada por conta própria.

■ *Até porque, se tem um trabalho que é feito de cooperação, de um ajudando o outro, é jornal, é gráfica...*

Claro. E tudo tem uma sequência, bem direitinho, um atrás do outro. Se você não tiver um elo e um bom relacionamento, vai dar zebra. Inclusive, houve algumas situações que eu fiquei até como motorista. Eu era chefe das oficinas, e teve situações que o motorista ou faltou, adoeceu, não terminou o horário. Só encerrava o expediente quando a gente encerrava também. Teve dia de amanhecer porque o computador quebrou e só ia embora depois que consertasse tudo. Paulo Sergio, inclusive, era um dos que operava um desses computadores, e Eduardo Felix. Teve situação que tive que dar uma de motorista, porque não tinha como outro. Não tem problema, não. Enquanto eu estava comandando alguma coisa lá na paginação, deixava tudo em ordem... "Vou ali deixar 'fulano'". Eu pegava o carro, ia e voltava para cá.

■ *Fez alguma reportagem também?*

Uma vez houve um crime em Cabedelo, o editor era Pedro Moreira. "Eu estou agoniado", disse ele e acrescentou: "Estou sem jornalista aqui para cobrir". Perguntei: "O que foi que houve?". Ele disse... não me lembro direito. "Olha, a única coisa que eu posso fazer, se você quiser... eu vou e lá faço as devidas anotações". Peguei o carro e fui lá. Ainda consegui uma pequena entrevista com o delegado e trouxe as informações. Ele publicou.

■ *Alguma saudade desse tempo?*

Toda a saudade do mundo. Se eu pudesse nos tempos voltar, eu aceitaria. Eu trabalhava com muito prazer, sempre foi um desafio, mas um desafio prazeroso. E ninguém que não tenha conhecimento de como é feito vai entender como foi feito isso aqui. Você vê a perfeição do impresso, mas não vê a dificuldade.

■ *Nem imagina...*

Nem sequer imagina o quanto é difícil. Não imagina porque realmente é. Exige uma cadeia produtiva muito bem organizada e, em cada setor dessa cadeia, profissionais extremamente treinados.

■ *Há algo que você gostaria de acrescentar?*

Na parte de publicação de livros, de jornais e revistas, de tudo isso que eu fiz, tenho, pelo menos, na minha produção, por mais de 40 anos, em torno de uns mil livros. Como editor, como programador visual, como digitador, ou simplesmente como perfurador. Isso me orgulha bastante. Ao mesmo tempo, agradecer ao convite do "Memórias **A União**" e dizer que estou muito feliz.

Aponte a câmera do celular e confira a entrevista no YouTube

EDIÇÃO: Luiz Carlos Sousa
EDITORAÇÃO: Paulo Sergio

NORDESTE

Ceará e Alagoas abrem 1.100 vagas

Certames em andamento são para os cargos de socioeducador, analista socioeducativo e técnico judiciário

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

Se você está em busca de novas oportunidades de trabalho, inclusive para além da Paraíba, vale ficar atento aos concursos públicos que foram abertos nos estados do Ceará e Alagoas. O primeiro é promovido pelo Sistema Estadual de Atendimento Socioeducativo do Ceará (SEAS) e dispõe de 1.080 vagas de nível médio e superior, divididas entre os cargos de socioeducador (964) e analista socioeducativo nas áreas de Serviço Social (50), Psicologia (49) e Pedagogia (17). A remuneração prevista é de R$ 2.654,90, referente a uma jornada de trabalho de 40 a 44 horas semanal. Já em Alagoas, o concurso do Tribunal de Justiça do Estado (TJAL) está ofertando 20 vagas de nível médio para o cargo de técnico judiciário, com jornada semanal de 30 horas e remuneração de R$ 3.006,69.

Foto: Cecília Bastos/USP Imagens

Ambos os certames exigem que candidatos tenham conhecimentos em Língua Portuguesa e algumas áreas de Direito

Mais de mil vagas no Ceará

Para participar do concurso do SEAS, o candidato deve acessar o site da banca organizadora (www.cev.uece.br), que no caso é a Universidade Estadual do Ceará, e realizar a inscrição até o dia 16 de maio. A taxa de inscrição varia de R$ 100 a R$ 150, de acordo com a escolaridade do cargo escolhido. Quanto à organização do certame, além da prova objetiva que está prevista para ocorrer em 30 de junho, os participantes deverão passar por exame toxicológico, avaliação psicológica, avaliação de capacidade física, investigação social, avaliação de títulos e curso de formação profissional.

A prova objetiva será composta por 50 questões de múltipla escolha sobre Língua Portuguesa, Direitos Humanos e Legislação, incluindo o regimento interno e portarias específicas ligadas ao SEAS. De acordo com o edital, o resultado das provas da primeira fase do concurso e os gabaritos oficiais serão divulgados no dia 26 de julho, após as 17h, no site da instituição. Já o cronograma com as demais etapas ainda não foi confirmado pelo órgão. Os profissionais que forem selecionados pelo certame poderão atuar nos municípios de Fortaleza, Juazeiro do Norte e Sobral.

Oportunidades em Alagoas

No concurso promovido pelo Tribunal de Justiça de Alagoas (TJAL), as inscrições seguem abertas até 14 de maio e devem ser efetuadas no site da Fundação Carlos Chagas (www.concursosfcc.com.br), que é a responsável pela organização do certame. Para o cargo de técnico judiciário, a taxa de inscrição estipulada é no valor de R$ 90; já a escolaridade mínima requisitada é Ensino Médio completo (neste caso, deve-se apresentar o diploma devidamente registrado no Ministério da Educação).

Prevista para o dia 14 de julho, a prova objetiva terá duração de três horas e será composta por 60 questões de múltipla escolha. No conteúdo programático, constam temas ligados à Língua Portuguesa e Legislação Específica do Estado de Alagoas. O candidato também precisa conhecer Direito Administrativo, Constitucional, Civil, Processual Civil, Penal e Processual Penal.

O edital do concurso do TJAL prevê o seguinte cronograma após a aplicação da prova: no dia 15 de julho serão divulgados o gabarito e as questões; já o resultado preliminar deverá sair no dia 23 de agosto. O resultado definitivo, por sua vez, deverá ser publicado até 9 de setembro, enquanto a perícia médica está prevista para acontecer no dia 20 do mesmo mês. Nesse período, também serão convocados os candidatos negros, indígenas e quilombolas para avaliação. Para dúvidas e outras informações sobre os concursos do Sistema Estadual de Atendimento Socioeducativo do Ceará e do Tribunal de Justiça do Estado de Alagoas, acesse os respectivos editais nos sites das bancas organizadoras.

Além da docência: a pedagogia pelo olhar socioeducativo

Quando se fala em Pedagogia, logo vêm à mente os profissionais que atuam dentro das escolas, em apoio aos professores para o desenvolvimento do trabalho educativo ou como gestores, planejando as estratégias para garantir o melhor processo de aprendizagem. Além disso, o pedagogo ainda tem a função de integrar a comunidade escolar, estabelecendo o diálogo com professores e alunos. Mas nem tudo se limita à sala de aula, até porque as demandas de hoje estendem o campo da Pedagogia para fora das escolas. Da neurociência à psicopedagogia, passando por temas como desenvolvimento infantil e empreendedorismo, há muitos estudos e instituições que podem contar com a importante contribuição desse profissional, incluindo hospitais, ONGs e asilos, isso sem falar na sua colaboração dentro do sistema socioeducativo.

Foto: Marcello Casal Jr./Agência Brasil

Pedagogos aprovados no concurso da SEAS vão atuar com atividades escolares, recreativas, culturais e esportivas

> Campo de atuação dos pedagogos não está restrito às salas de aula tradicionais

É justamente esse profissional que o Sistema Estadual de Atendimento Socioeducativo do Ceará está buscando. Com jornada de 40 horas semanais, o futuro analista socioeducativo do SEAS deverá apresentar formação superior em Pedagogia e participar, caso avance no certame, do Curso de Formação Profissional, de caráter classificatório e eliminatório, que será ofertado na modalidade on-line pela CEV/UECE. A formação terá um total de 202 horas de conteúdos teóricos. Quanto à prova objetiva, que é o primeiro passo do concurso, a avaliação será composta por 10 questões de Língua Portuguesa, 10 de Direitos Humanos, 10 de Legislação Especial e 20 sobre Legislação do SEAS, abordando o regimento interno e portarias ligadas ao órgão.

Entre as atribuições do cargo de analista estão o planejamento, a coordenação e o desenvolvimento de ações na unidade socioeducativa, incluindo atividades escolares, recreativas, culturais e esportivas; além de oficinas formativas, ocupacionais e profissionalizantes. Também cabe a esse profissional realizar, acompanhar e supervisionar o andamento da programação pedagógica, avaliando o desempenho dos adolescentes nas atividades, entre outras funções ligadas à aprendizagem desses jovens, incluindo o suporte às famílias.

Nas palavras da pedagoga Erika Aranha Fernandes Barbosa, que também é assistente social, psicopedagoga, neuropsicopedagoga e professora do Centro Universitário de João Pessoa (Unipê), o compromisso desse profissional é com a educação para a vida. "O nosso papel é ensinar com afeto os valores da vida. Sem trocadilhos, é oportunizar valores que, no tempo do desenvolvimento da criança e do adolescente, foram retirados por motivos diversos", resume. Segundo ela, dentro da área socioeducativa, o pedagogo atua atendendo jovens, familiares e idosos em situação de vulnerabilidade social por meio de dinâmicas de intervenção que visam à reconstrução de vínculos.

Mas, como ela própria destaca, não se trata de um trabalho solitário: quanto mais conectada e multidisciplinar for essa intervenção, melhor será o resultado. "Dessa forma, conseguimos restabelecer mais rapidamente os laços familiares, sempre respeitando o território e a cultura de cada pessoa que atendemos", complementa Erika. Para a professora do Unipê, são esses elementos que possibilitam ao pedagogo, como agente socioeducativo, contribuir para a reinserção na sociedade com respeito e controle social.

Selic	Salário mínimo	Dólar $ Comercial	Euro € Comercial	Libra £ Esterlina	Inflação	Ibovespa
Fixado em 20 de março de 2024 10,75%	R$ 1.412	-0,96% R$ 5,199	-0,86% R$ 5,539	-1,19% R$ 6,437	IPCA do IBGE (em %) Março/2024 0,16; Fevereiro/2024 0,83; Janeiro/2024 0,42; Dezembro/2023 0,56; Novembro/2023 0,28	125.124 pts +0,83%

IMPOSTO DE RENDA

Núcleo de Apoio Contábil e Fiscal ajuda contribuintes

NAFs são projeto da Receita Federal em parceria com instituições de ensino

Bárbara Wanderley
babiwanderley@gmail.com

Os contribuintes que têm dificuldades com a declaração de imposto de renda podem contar com os sete Núcleos de Apoio Contábil e Fiscal (NAFs) existentes na Paraíba. O NAF é um projeto desenvolvido pela Receita Federal em parceria com instituições de ensino, com objetivo de oferecer serviços contábeis e fiscais gratuitos para cidadãos e pequenas empresas. No estado, há NAFs em João Pessoa, Campina Grande, Cajazeiras e Monteiro.

A líder do NAF Uniesp, Michele Soares, explicou que o núcleo funciona o ano inteiro, mas tem uma demanda maior durante o período de declaração do Imposto de Renda, que este ano termina no dia 31 de maio. O núcleo funciona na sede do Procon-PB, em João Pessoa, com atendimentos de segunda a quarta-feira, das 8h às 12h, sendo que as fichas só são distribuídas até às 11h.

"Além do Imposto de Renda Pessoa Física, também fazemos imposto de renda de MEI e trabalhamos com demandas de e-Social e Regularize", explicou. Michele Soares afirmou, no entanto, que, nesse período do ano, 99% das pessoas que procuram o NAF estão interessadas nas declarações de imposto de renda.

O contador, coordenador do curso de Ciências Contábeis do Uniesp e o principal responsável pelo projeto, Thyago Henriques, destacou que "todos os cidadãos que precisam declarar o imposto de renda estão aptos para ter acesso à assessoria até 31 de maio. Temos um núcleo de apoio que oferece orientação gratuita para a elaboração correta e tranquila da declaração, ajudando a evitar problemas com a Receita Federal".

Outro NAF que funciona em João Pessoa é o da Faculdade FPB, que acontece na própria faculdade, localizada no bairro de Tambiá, com atendimentos nas segundas, quartas e sextas-feiras, das 14h às 17h e nas terças-feiras das 19h às 21h, por ordem de chegada.

> **Todos os cidadãos que precisam declarar o imposto de renda estão aptos para ter acesso à assessoria até 31 de maio**
>
> Thyago Henriques

Foto: Roberto Guedes

Ação do núcleo viabiliza acesso a informações sobre a normatização para que cidadãos se organizem acerca do imposto de renda

Não ter conta no Gov.br é problema recorrente

Coordenadora do NAF FPB, a doutora em Economia Camila Mirela, destacou que a ação do núcleo é de extrema importância, porque viabiliza acesso a informações sobre a dinâmica, regras e normatização, para que os cidadãos se organizem acerca do imposto de renda.

"Notamos que, quando chega no momento da declaração, muitas pessoas não sabem como proceder ou quais documentos são necessários. Há contribuintes que não fazem ideia de que devem declarar e pagar o imposto de renda, não entendem o que é uma restituição. Então, tanto por questão de acesso à informação, quanto por fazer a declaração para pessoas que têm uma situação financeira menos privilegiada, a equipe do NAF FPB estará disponível para dar esse suporte", disse.

Michele Soares explicou que um problema comum é os contribuintes não terem uma conta Gov.br. A conta, no nível ouro ou prata, possibilita o acesso à declaração pré-preenchida, facilitando a vida do contribuinte na hora de declarar o imposto, além de ser necessária para gerar boletos de pagamento, se for o caso. "Sempre orientamos a criar a conta, já fizemos até um manual passo a passo que a gente entrega a eles", contou.

Além da conta, é importante que o contribuinte tenha em mãos seus documentos pessoais (RG, CPF e título de leitor), informes de rendimentos, informes de despesas com saúde e educação suas e de dependentes, além de informações relativas a alimentandos, se houver. É importante lembrar também que cada núcleo tem o seu próprio horário de atendimento, sendo necessário telefonar antes para informação nesse sentido.

Núcleos na Paraíba

Cajazeiras
- FAFIC

Campina Grande
- UNESC

Monteiro
- UEPB

João Pessoa
- FPB
- IESP
- Uninassau
- Unipê

Fonte: Receita Federal

Economia em Desenvolvimento

João Bosco Ferraz de Oliveira
joaobferraz3@gmail.com | Colaborador

Cuidados essenciais antes de iniciar um negócio

O cenário empresarial tem sido marcado por desafios crescentes, como evidenciado pelo aumento no número de negócios que fecharam as portas. Conforme dados do Serasa, desde 2021, observamos esse crescimento linear. Diante dessa realidade, é crucial que empreendedores adotem medidas preventivas antes de investir em um novo empreendimento, visando mitigar riscos e alcançar o tão sonhado sucesso empresarial.

Ao iniciar o processo de abertura de um negócio, muitos empreendedores se concentram na formalização, seja como Microempreendedor Individual (MEI) ou em outra natureza jurídica. No entanto, poucos dedicam tempo para realizar um estudo de viabilidade do negócio, etapa fundamental para avaliar não apenas questões financeiras, mas também para refletir sobre os desafios e identificar oportunidades que possam ser exploradas para evitar fracassos nos primeiros meses de operação da empresa.

O estudo de viabilidade é um documento que engloba projeções financeiras do negócio e diversos indicadores. Um dos indicadores mais importantes que entregamos ao empreendedor é o ponto de equilíbrio, que determina o quanto o negócio precisa faturar para cobrir todos os custos, alcançando o ponto de "zero a zero". Com esse indicador em mãos, o empreendedor pode estabelecer metas claras e tangíveis para a equipe, proporcionando uma direção clara para onde seguir.

Além do ponto de equilíbrio, é essencial conhecer o potencial de lucratividade do negócio. Muitos empreendedores iniciam suas atividades sem estimar corretamente a capacidade de geração de lucro da empresa e se veem perdidos nos primeiros meses, mesmo com vendas elevadas, devido à falta de gestão financeira. Já ouvi diversos relatos de empreendedores que têm faturamento elevado, mas a empresa não sai do vermelho. Tenho dito: o faturamento é apenas uma parte da equação para muitos empreendedores.

Um dos piores erros que um empreendedor pode cometer é não precificar corretamente os produtos ou serviços da empresa. A falta de compreensão dos números do negócio impossibilita determinar para onde a empresa está indo no médio e longo prazo. O processo de precificação é complexo e requer uma análise detalhada dos números, antes mesmo de iniciar o negócio. Diversos fatores podem influenciar a precificação, como a concorrência; mesmo assim, é um esforço necessário para ter essa métrica bem alinhada.

Outro equívoco comum é subestimar a importância do investimento em *marketing*. Na era atual, a dinâmica de consumo mudou, os hábitos mudaram. Muitos empreendedores acreditam que podem lidar com todas as áreas do negócio e acabam negligenciando estratégias que poderiam impulsionar as vendas. Uma boa estratégia de *marketing*, com profissionais especializados, aliada a uma análise financeira sólida, pode equilibrar receitas e despesas, promovendo a sustentabilidade do empreendimento.

Por fim, existem diversas outras métricas que poderiam ser citadas aqui, relevantes para o sucesso do negócio. Uma coisa é certa: investir na análise inicial da empresa deveria ser o primeiro passo. Reduzir significativamente o risco de falência e trazer à tona as incertezas visa tornar a gestão mais eficiente, garantindo serviços de maior qualidade e possibilitando à empresa enfrentar os desafios de forma adaptável às constantes mudanças da conjuntura local e econômica.

ATÉ 31 DE MAIO

MEIs devem apresentar declaração

Documento presta conta de valores de faturamento com a venda de produtos e serviços prestados pela empresa

Os microempreendedores individuais (MEIs) devem estar atentos à data-limite para apresentação da Declaração Anual do Simples Nacional para o Microempreendedor Individual (DASN-Simei). Essa ação é obrigatória e deve ser realizada até o dia 31 de maio. O procedimento da declaração é gratuito e feito on-line através do endereço eletrônico https://www.gov.br/empresas-e-negocios/pt-br/empreendedor.

Conforme a analista técnica do Sebrae-PB, Germana Espínola, é fundamental que os microempreendedores individuais estejam atentos ao prazo e façam o processo de apresentação da declaração para evitar futuros problemas. "Essa declaração deve ser feita independente do faturamento alcançado pela empresa. Pois é uma obrigação que deve ser cumprida para manutenção da regularidade fiscal do MEI e uma das dicas do Sebrae é não deixar para fazer esse processo nos últimos dias", pontuou.

O documento da declaração é caracterizado pela apresentação de dados sobre os valores de faturamento com a venda de produtos e serviços prestados pela empresa e o ganho anual não pode ultrapassar o teto de R$ 81 mil. O envio da declaração também vale para os microempreendedores que encerraram suas atividades no ano anterior.

Em casos de dúvidas, é possível consultar o Manual da Declaração Anual do Simples Nacional para o Microempreendedor Individual (DASN-Simei), disponível no QR Code no fim da matéria, ou recorrer ao atendimento da sala do empreendedor de sua cidade.

O microempreendedor individual que não cumprir com o envio das informações até o dia 31 de maio fica sujeito ao pagamento de multa no valor mínimo de R$ 50,00. "Além de cumprir com sua obrigação junto a receita, os microempreendedores individuais que enviam a declaração asseguram a manutenção de benefícios importantes como o acesso à previdência social, emissão de notas fiscais e a facilidade no momento de buscar crédito em instituições financeiras", enfatizou Germana Espínola.

Foto: Divulgação/Sebrae-PB

Para analista do Sebrae-PB, é fundamental que microempreendedores estejam atentos ao prazo para evitar futuros problemas

■ Quem não cumprir com o envio até o dia 31 de maio fica sujeito ao pagamento de multa

Também é possível verificar informações sobre o processo da DASN-Simei no *site* do Sebrae (www.sebrae.com.br/paraiba), ou fazer contato através dos serviços do WhatsApp e da Central de Relacionamento da instituição, ambos pelo número 0800 570 0800.

Acesse o QR Code para baixar o Manual da Declaração Anual do Simples

ACADEMIA ASSAÍ

Instituto premia 570 empreendedores da região Nordeste

As inscrições do Prêmio Academia Assaí estão abertas até 15 de maio e visa reconhecer e desenvolver pequenos empreendedores do setor alimentício por meio da capacitação, além de oferecer mais de R$ 1,3 milhão em prêmios. Nesta edição, serão contemplados 2.100 talentos em todo o Brasil. Desses, 570 selecionados(as) serão da região Nordeste.

O prêmio é idealizado pelo Instituto Assaí, organização social do Assaí Atacadista, tem como um dos seus principais eixos de atuação o fomento ao Empreendedorismo. As inscrições só podem ser feitas pelo *site* https://premioacademiaassai.com.br/nordeste.

Comerciantes, ambulantes e micro e pequenos empreendedores do ramo alimentício, formais ou informais, de qualquer região do Brasil são o público-alvo desse prêmio.

De acordo com a organização, esse evento tem como objetivo fortalecer e impulsionar esses empreendedores para que tornem os seus negócios ainda mais estruturados e prósperos. Ao longo das últimas seis edições, mais de 80 mil empreendedores se inscreveram e mais de cinco mil foram premiados, totalizando mais de R$ 3,7 milhões em prêmios distribuídos em todo o país.

Na edição de 2023, a paraibana Vanessa Lima de Almeida, da cidade de Santa Rita e proprietária do Bolos da Nêssa, foi a vencedora da categoria Vendas por Encomenda e representou o estado na etapa nacional.

"Os pequenos negócios respondem por mais de um quarto da economia brasileira, de acordo com os dados mais recentes do Sebrae, e apontam para cerca de nove milhões de micro e pequenos empreendedores em atuação. Isso significa que reconhecer e fortalecer esses pequenos negócios é fundamental para a geração de valor e crescimento do país", avalia Sandra Vicari, diretora executiva do Instituto Assaí.

Prêmio Regional e Nacional

Para reforçar o olhar regional do Assaí nas praças em que atua, a iniciativa se divide em duas etapas: o Prêmio Regional, para cada uma das cinco regiões do país: Norte, Nordeste, Sul, Sudeste e Centro-Oeste e o Prêmio Nacional.

São oferecidos uma série de benefícios aos participantes, incluindo cursos gratuitos, virtuais e presenciais, prêmios em dinheiro, celulares, vales-compra do Assaí e ainda assessoria individual para o negócio. Os empreendedores podem se inscrever entre três categorias:

- Vendas por encomenda;
- Ponto de venda fixo;
- Vendedor ambulante

Foto: Divulgação

Comerciantes, ambulantes e micro e pequenos empreendedores do ramo alimentício são o público-alvo desse prêmio

Como funciona?

Premiados: São selecionadas 700 pessoas de cada categoria, totalizando 2.100 premiados(as), que receberão R$ 300 na carteira digital da PicPay e quatro dias de capacitação on-line.

Finalistas: Entre os 2.100 premiados, 210 finalistas são selecionados e recebem adicionalmente R$ 2 mil em dinheiro na carteira digital da PicPay e R$ 500 em vales-compra do Assaí. Esses 210 finalistas enviarão um vídeo com um *pitch* sobre o seu negócio e concorrerão a vencedor regional.

Vencedores regionais: Serão seis vencedores em cada uma das regiões do país, sendo dois de cada categoria. Além do prêmio em dinheiro, os vencedores receberão um celular, uma assessoria individual para o seu negócio e participarão de uma imersão em São Paulo, capital, com todas as despesas pagas, para concorrer ao Prêmio Nacional.

Vencedor Nacional: Na etapa nacional, realizada na cidade de São Paulo (SP), sede do Assaí, os 30 vencedores regionais participarão de uma semana com capacitações, vivências e preparação para realizarem uma apresentação sobre os seus negócios para a banca de avaliação, que irá selecionar o vencedor nacional de cada categoria, que será premiado com o valor de R$ 15 mil em dinheiro na carteira digital da PicPay – que se soma aos valores já recebidos nas etapas anteriores.

Categorias especiais: Além do grande prêmio de vencedor nacional, os participantes desta etapa também concorrerão aos prêmios de: inovação, tecnologia e sustentabilidade. O ganhador de cada um destes prêmios receberá R$ 5.000 na carteira digital da PicPay.

Como participar?

Para participar do Prêmio Academia Assaí 2024, é necessário ter mais de 18 anos, residir no Brasil e ser um empreendedor do setor alimentício. Quem não possui CNPJ ou registro do negócio também pode participar. Os interessados devem realizar, gratuitamente, um curso rápido on-line na Academia Assaí e responder algumas questões sobre seu negócio para efetivar a inscrição. As inscrições podem ser feitas até o dia 15 de maio pelo *site* da premiação.

PROJETO LIMITE DO VISÍVEL

Secretaria premia jovens indígenas

Foram entregues tablets aos participantes da maratona de jogos Monhang Game Jam, na Baía da Traição

Iluska Cavalcante
iluskacavalcante@secties.pb.gov.br

Fotos: Ravi Pacheco

Secretário de Estado de Ciência e Tecnologia, Cláudio Furtado (E), ao lado dos beneficiados com a premiação, em alusão ao Dia dos Povos Indígenas

A Secretaria de Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior (Secties), promoveu, na última semana mais inclusão digital e oportunidades na Paraíba, com a abertura de 400 vagas para o Projeto Limite do Visível e a premiação de *tablets* para jovens indígenas que participaram da matarona de jogos *Monhang Game Jam*.

Os dispositivos foram entregues na sexta-feira (19), pelo secretário da Secties, Claudio Furtado, e pelo vice-governador da Paraíba, Lucas Ribeiro, durante evento em alusão ao Dia dos Povos Indígenas, realizado no Terreiro Sagrado da Aldeia São Francisco, em Baía da Traição.

De acordo com Cláudio Furtado, o equipamento consolida o reconhecimento do trabalho de inclusão que está sendo realizado com os povos originários, levando empoderamento e inserção no mercado de trabalho. "Esses tablets vão ser muito importantes para a vida acadêmica desses estudantes que participaram dessa maratona", comentou.

Nathália Sofia, de 16 anos, é estudante da Escola Estadual Indígena Pedro Poti, e representou os ganhadores da premiação durante a entrega dos equipamentos. Segundo ela, além da experiência que recebeu durante a participação na maratona, os *tablets* irão contribuir com os seus estudos. "Foi uma inovação para a nossa aldeia participar do game jam, a gente dividiu conhecimento, e agora com os *tablets*, vai ajudar muito na nossa vida, estamos muito animados e ansiosos para utilizar essa ferramenta", disse Nathália.

Já o presidente da Associação Nacional para Inclusão Digital (Anid), Percival Henriques, que também esteve presente durante a premiação, ressaltou a importância de não apenas proporcionar conectividade para todos, como também de entregar ferramentas para que essa inclusão possa acontecer de maneira eficaz. "Os *tablets* são equipamentos melhores para essas pessoas, que vão agora poder acessar a internet em uma tela maior, para além do celular", afirmou.

Nathália Sofia, 16 anos, da Escola Estadual Indígen Pedro Poty, representou os ganhadores

Game Jam

A Monhang Game Jam, uma maratona de criação de jogos, aconteceu em dezembro do ano passado, na Aldeia Alto do Tambá, em Baía da Traição. Ao todo, 30 jovens participaram presencialmente e mais 25 em modo remoto trabalhando em regime de imersão para criar *games* a partir do tema "Como projetar a cultura indígena para fora".

A Monhang Game Jam aconteceu dentro do evento Acampamento Inclusivo, que tem como objetivo ser um espaço de diálogo e intercâmbio, reunindo uma diversidade de participantes, desde especialistas em tecnologia até representantes de povos indígenas. É uma colaboração entre a Associação Nacional para Inclusão Digital (Anid); o Governo da Paraíba; a Secretaria de Educação da Baía da Traição, e apoio da Prefeitura Municipal da Baía da Traição e do Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br)

Inscrições para a etapa do semestre 2024.2 estão abertas

As inscrições para o segundo semestre de 2024.2 do Projeto Limite do Visível vão até o próximo dia 20 de maio. Estão sendo ofertadas 400 vagas remanescentes para estudantes egressos da Rede Estadual de Ensino da Paraíba que estejam interessados em ingressar em dois cursos tecnólogos: Análise de Desenvolvimento de Sistemas e Ciência de Dados. As inscrições podem ser feitas até o dia 20 de maio, por meio de formulário disponível no *link* https://sigfapesq.ledes.net.

Para auxiliar no processo de inscrição dos estudantes, a Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior da Paraíba (Secties) irá fornecer uma equipe técnica especializada que estará presente na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), polo de João Pessoa. O projeto Limite do Visível é realizado pelo Governo da Paraíba, por meio da Secties, juntamente com a UEPB e a Fundação de Apoio à Pesquisa (Fapesq) e tem como objetivo fomentar a formação superior em áreas prioritárias para o desenvolvimento do Estado, com foco no desenvolvimento tecnológico e na inovação.

Cada estudante receberá uma bolsa de incentivo no valor mensal de R$ 1 mil pelo período de dois anos, que corresponde à duração total do curso. As aulas serão conduzidas em formato presencial. O início do ano letivo está programado para o dia 29 de julho, em conformidade com o calendário acadêmico da UEPB.

Vagas

Estão sendo oferecidas 400 vagas, sendo 160 vagas para a entrada para o curso de Análise e Desenvolvimento de Sistemas e 240 vagas para o curso de Ciências de Dados. Os candidatos têm a flexibilidade de selecionar os cursos baseando-se nos critérios a seguir: Opção única - Escolher somente um curso, de acordo com a preferência pessoal, sem a obrigação de indicar uma segunda opção; Dupla opção - Optar por até dois cursos, especificando claramente a preferência como primeira e segunda opções, estabelecendo assim uma ordem de prioridade entre eles. Até 2026, serão oferecidas duas mil vagas.

Artesanato produzido no Terreiro Sagrado da Aldeia São Francisco era comercializado no local

Os cursos

O curso de Análise e Desenvolvimento de Sistemas gradua profissionais que projetam, implementam e coordenam infraestruturas de tecnologia da informação, atendendo a necessidade de mudanças provocadas pelas inovações tecnológicas no mercado e na sociedade.

Já o curso de Ciências de Dados forma profissionais para atuar na área de ciência de dados, atendendo demandas por mão de obra qualificada, do setor de tecnologia da informação nacional, promovendo o desenvolvimento sustentável, a inovação tecnológica e o desenvolvimento de novos negócios com potencial inovador.

Fotos: Divulgação/Procase

Especialista explica que abelhas são fundamentais para o equilíbrio do meio ambiente

Abelhas são essenciais para natureza

Processo de polinização e manutenção da biodiversidade depende dos insetos, que correm risco de extinção

Samantha Pimentel
samanthapimentel.jornalista@gmail.com

As abelhas exercem papéis fundamentais na manutenção do meio ambiente, e talvez o mais importante deles seja a polinização, que é a transferência de grãos de pólen da parte masculina (anteras) para a parte feminina de uma planta (estigma). Esse processo garante a produção de frutos e a reprodução de diversas plantas que são essenciais à preservação da biodiversidade.

> Abelhas nativas da Paraíba são do tipo melipona, popularmente chamadas de "sem ferrão"

De acordo com o professor aposentado Patrício Borges Maracajá, da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), o equilíbrio da natureza depende da atuação de abelhas. Colaborador do Programa de Pós-Graduação em Gestão e Sistemas Agroindustriais (PPGGSA), ele aponta que até mesmo os frutos das árvores são mais saudáveis e completos quando há polinização.

"Podemos usar como exemplo o maracujá. Às vezes, você compra um e ele está até bonito por fora, mas, quando você corta, vê que ele exala um cheiro diferente. Isso ocorre porque não houve polinização completa", diz.

A polinização também é realizada por moscas, borboletas, pássaros e até mesmo pelo vento, porém são as abelhas as principais agentes desse processo, pois elas conseguem espalhar o pólen por grandes áreas.

"As abelhas são fundamentais para sobrevivência do ser humano na terra", crava Patrício Borges Maracajá.

Diversidade

Em todo o mundo, existem mais de 20 mil espécies de abelhas e cada uma dessas espécies possui hábitos diferentes, além da variedade de cores e tamanhos. Segundo o professor Patrício Borges Maracajá, 16 espécies são comuns na Paraíba. Ele cita como exemplos a jandaíra, presente do Cariri até o Sertão; a urucu-nordestina, cultivada no Brejo; além das abelhas canudo, cupira e jataí.

Conforme o especialista, as abelhas nativas da Paraíba e de toda a América Latina são do tipo melipona, popularmente chamadas de "sem ferrão". A alcunha, no entanto, não representa as reais características dos insetos.

"O povo diz que são abelhas sem ferrão, mas, na verdade, elas são abelhas com ferrão. Só que o ferrão delas é atrofiado, então elas não ferroam. Ou seja, elas não oferecem risco algum, são abelhas dóceis", esclarece.

Além das abelhas meliponas, existem na Paraíba abelhas com ferrão de defesa, mas essas são resultados do cruzamento entre espécies.

Pesquisadores fortalecem preservação das espécies

Devido às mudanças climáticas, desmatamento, aumento da monocultura e outros fatores, as abelhas vêm sendo ameaçadas de extinção. Por isso, é preciso que haja ações para salvar os insetos. Desde 2011, pesquisadores do campus de Pombal da UFCG desenvolvem pesquisas e projetos para minimizar os danos às espécies existentes na Paraíba.

"Na área de apicultura, temos trabalhos na área de comportamento de abelhas, alguns no intuito de melhoramento de seleção de abelhas produtivas", destaca a professora e doutora em Zootecnia, Rosilene Agra, coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Gestão e Sistemas Agroindustriais (PPGGSA).

Os pesquisadores da UFCG também realizam ações educativas. "Já fizemos trabalhos na área de toxicidade. Algumas plantas são tóxicas, mas a gente não elimina essas plantas da flora apícola. Pelo contrário, a gente trabalha junto às associações e às comunidades para que essa vegetação nativa seja preservada", acrescenta Rosilene Agra.

Conscientização

A professora acredita que, aos poucos, a população tem entendido a importância das abelhas para o meio ambiente. Entre os temas tratados no trabalho de conscientização estão os riscos do desmatamento e do uso de agrotóxicos e defensivos agrícolas para as espécies.

"A gente tem percebido que as pessoas estão vendo a criação de abelhas como atividade empreendedora. A universidade mostra para os produtores os trabalhos científicos que está desenvolvendo e explica a relevância de manter as ações em parceria com a comunidade. As pessoas estão ficando mais conscientes da importância das abelhas", conta.

Abelhas levam cerca de um mês para produzir mel

Atividade tem alto potencial econômico

Dois projetos executados com recursos do Governo do Estado da Paraíba focam no potencial econômico da criação de abelhas com ferrão de defesa (apicultura) e com ferrão atrofiado (meliponicultura).

O Projeto de Desenvolvimento Sustentável do Cariri, Seridó e Curimataú (Procase) investiu mais de R$ 160 mil na construção de uma unidade de extração e processamento de mel ligada à Associação dos Apicultores e Meliponicultores de São José dos Cordeiros, no Cariri paraibano.

Já o Projeto Cooperar destinou mais de R$ 1,6 milhão em projetos ligados a cooperativas nos municípios de Catolé do Rocha, Aparecida, Poço José de Moura e Princesa Isabel. O montante foi usado para compra de equipamentos, montagem de laboratórios, aquisição de colméias e veículos, entre outras ações.

O assessor técnico das alianças produtivas do Projeto Cooperar, José Estrela, exalta a capacidade do estado no setor. "A Paraíba produz mais de 600 toneladas de mel. Nós temos que trabalhar muito e lutar para que essas organizações possam ter uma melhor renda, sem depender do atravessador", pontua.

Retorno financeiro

Todos os anos, o município de São José dos Cordeiros realiza o Festival do Mel. Reconhecido como o maior evento de apicultura do estado, o festival promove debates com especialistas na área, apresenta pesquisas que podem potencializar o setor e incentiva a comercialização de mel.

Procase investiu cerca de R$ 160 mil em processamento de mel

> **Ano passado, produzi 170 quilos de mel. Este ano, já consegui colher 350 quilos**
>
> Etiene Ferreira

Um dos produtores da região, o apicultor Etiene Ferreira, conta que a apicultura depende das condições climáticas. Ele explica que as abelhas precisam de chuva para iniciar o processo de produção de mel.

"Uma colmeia produz, aproximadamente, dependendo do inverno, até uns 60 quilos de mel. Com duas 'chuvas boas', as abelhas começam a produção e, depois de aproximadamente um mês, já temos mel", afirma.

Segundo Etiene Ferreira, a cultura de 2024 tem sido melhor que a do ano passado. "Esse ano está até bom, graças a Deus. Já fizemos duas colheitas. Ano passado, produzi 170 quilos de mel. Neste ano, já consegui colher 350 quilos", celebra.

Além do inverno bom, o trabalho da Associação de Apicultores e Meliponicultores de São José dos Cordeiros também contribuiu para o aumento da produção de Etiene Ferreira. A entidade, fundada em 2007, possui máquinas e equipamentos que potencializam a produção local, além de firmar parcerias para a comercialização de mel em maior escala.

Grande João Pessoa

A produção de mel não é restrita ao Cariri. O apicultor Lynaldo Cavalcante Filho, que trabalha com abelhas italianas no município de Conde, Região Metropolitana de João Pessoa, acredita no potencial econômico da atividade no litoral. Ele ressalta, ainda, a importância da apicultura para o meio ambiente.

"A produção é viável e prazerosa. O retorno financeiro é bom. A nossa região tem muitas flores, tanto de matas como de plantas rasteiras e árvores frutíferas. As abelhas fazem a polinização e aumentam a produtividade de todas as frutíferas", frisa.

CONTRA O FLORESTA

Belo inicia caminhada rumo à Série B

Botafogo começa a sua participação no Campeonato Brasileiro da Série C jogando fora de seus domínios, no Ceará

Danrley Pascoal
danrleyp.c@gmail.com

O Botafogo inicia, hoje, sua décima primeira edição consecutiva do Campeonato Brasileiro Série C. Na estreia, o Belo enfrenta o Floresta, no Estádio Presidente Vargas, em Fortaleza, a partir das 19h. Fora de casa, o time paraibano buscará sua primeira vitória contra os cearenses em jogos válidos pela terceira divisão.

O Belo ocupa o posto de segundo clube que mais disputou a Série C, foram 20 participações, apenas o Confiança/SE tem mais aparições, 22, de acordo com o site ogol.com.br. O volante Edmundo, contratado especialmente para jogar a competição, comentou sobre as expectativas em relação à estreia e ao desempenho do time na edição deste ano. Ele que chega do Treze direto para o rival da capital.

"Estou me adaptando, sentido um pouco os treinamentos. Mas se o professor me levar para a partida, vou estar preparado. O objetivo é tentar estrear com vitória. Particularmente é um novo desafio para mim, poder disputar a competição foi o que me motivou a vir para o Botafogo. Pelo que eu vi dos meus companheiros, temos um bom elenco, ano passado o clube quase subiu e tenho certeza que, neste ano, vamos conseguir esse acesso e dar essa alegria para a torcida", disse o atleta.

O Alvinegro da Estrela Vermelha ainda não conseguiu vencer o Floresta em confrontos pela Série C. Em quatro partidas, houve três empates e uma vitória para o time do estado do Ceará. A única vez que o Botafogo saiu vencedor de um enfrentamento contra o Verdão foi na Copa do Brasil de 2018, na época, o duelo seria o primeiro entre as equipes.

Na estreia, o Botafogo reencontrará o técnico Felipe Surian, o profissional comanda o Floresta desde o início de janeiro. Em 2023, Surian esteve à frente do Belo durante toda a campanha na Série C. Conforme o site transfermarkt.com.br, em 25 partidas, obteve oito vitórias, 10 empates e sete derrotas. A equipe terminou a primeira fase na sexta posição, no entanto, amargou o último lugar no quadrangular final.

Foto: Cristiano Santos/Botafogo

Wil Viana(D) durante treinamento na Maravilha do Contorno dentro dos preparativos para a estreia contra o Floresta, pela primeira rodada da Série C

Sonho do acesso

Para alcançar o acesso, o Belo aposta na estrela do treinador Evaristo Piza. O profissional esteve presente em uma das melhores campanhas da equipe na terceira divisão. Em 2018, o técnico levou o clube às quartas de finais da competição, sendo eliminado pelo seu homônimo de São Paulo nos pênaltis. Após aquela desclassificação, Piza conquistou o Estadual e foi finalista da Copa do Nordeste em 2018.

Em 2024, Piza terá a oportunidade de está à frente do Botafogo em um novo formato de Série C, no regulamento atual não há quartas nem semifinais, além disso, o acesso é definido em um quadrangular. No atual formato, a melhor campanha do time da Maravilha do Contorno foi em 2021, quando chegou ao quadrangular final e ficou apenas a um ponto do acesso. O Criciúma, que garantiu vaga na Série B, ficando com a segunda vaga do grupo, fez nove pontos, enquanto o Belo, oito.

Na fase inicial, 20 times enfrentam-se em turno único, os quatro últimos serão rebaixados. Já os oito melhores seguem para o quadrangular do acesso, em que estarão dispostos em dois grupos, de acordo com a posição na classificação final. Na segunda fase, os dois primeiros colocados de cada chave sobem para a Série B. Os líderes farão a final, à qual define o campeão da terceira divisão.

Primeira rodada

Além de Floresta e Botafogo, hoje também jogam Figueirense e Ferroviário; Náutico e São Bernardo. A rodada será complementada com Confiança e Londrina; e Ferroviária e ABC, nesta segunda-feira (22); e encerra na quarta-feira (24) com Aparecidense e Sampaio Corrêa.

Desempenho na Série C

- **2014 (12º)** Botafogo - 25 pontos
- **2015 (12º)** Botafogo - 23 pontos
- **2016 (7º)** Botafogo - 29 pontos
- **2017 (15º)** Botafogo - 21 pontos
- **2018 (8º)** Botafogo - 29 pontos
- **2019 (11º)** Botafogo - 25 pontos
- **2020 (15º)** Botafogo - 20 pontos
- **2021 (6º)** Botafogo - 35 pontos
- **2022 (9º)** Botafogo - 29 pontos
- **2023 (8º)** Botafogo - 33 pontos

Jogos do Belo na Série C

- **1ª rodada** 21/4 (**19h**) Floresta x Botafogo
- **2ª rodada** 28/4 (**19h**) Botafogo x Caxias do Sul
- **3ª rodada** 5/5 (**16h30**) Botafogo x Remo
- **4ª rodada** 12/5 (**19h**) Volta Redonda x Botafogo
- **5ª rodada** 18/5 (**19h30**) Botafogo x São José-RS
- **6ª rodada** 27/5 (**20h**) Sampaio Corrêa x Botafogo
- **7ª rodada** 3/6 (**20h**) Botafogo x Athletic Club-MG
- **8ª rodada** 9/6 (**16h30**) Botafogo x Ferroviário
- **9ª rodada** 16/6 CSA x Botafogo
- **10ª rodada** 23/6 Londrina x Botafogo
- **11ª rodada** 30/6 Botafogo x Aparecidense
- **12ª rodada** 7/7 São Bernardo x Botafogo
- **13ª rodada** 13/7 Botafogo x Confiança
- **14ª rodada** 21/7 Botafogo x ABC
- **15ª rodada** 28/7 Ypiranga x Botafogo
- **16ª rodada** 4/8 Botafogo x Figueirense
- **17ª rodada** 11/8 Náutico x Botafogo
- **18ª rodada** 18/8 Tombense x Botafogo
- **19ª rodada** 25/8 Botafogo x Ferroviária

Observação: CBF definiu os horários até a oitava rodada

BRASILEIRO A2

VF4 busca reabilitação contra o UDA

Time feminino da Paraíba tem a chance de pontuar neste domingo em jogo que acontece no Almeidão a partir das 15h

É um time muito bem preparado e que gosta de atuar de forma propositiva, algo que o VF4 também faz

Guilherme Paiva

Danrley Pascoal
danrleyp.c@gmail.com

O VF4 entra em campo, hoje, para enfrentar o UDA-AL, pela segunda rodada do Brasileirão Feminino Série A2, o duelo acontece no Estádio Almeidão, às 15h. Na estreia da competição, o time foi goleado por 5 a 0 para o 3B Amazônia. O técnico Guilherme Paiva, que já comandou o adversário desta tarde, falou sobre o confronto.

"Várias meninas da equipe deles já foram treinadas por mim. Isso me dá uma noção do que esperar do adversário. É um time muito bem preparado e que gosta de atuar de forma propositiva, algo que o VF4 também faz. Eles jogam, mas deixam jogar, por isso acho que será um bom jogo, em que as duas equipes buscarão o gol o tempo inteiro", afirmou.

Paiva ressaltou que espera de suas atletas uma postura diferente da estreia. Agora, segundo ele, será possível competir e quem sabe conquistar a primeira vitória. "Sabíamos da força do 3B, é uma equipe muito qualificada. Fomos com o objetivo de nos defender e talvez fazer um ponto. Tínhamos o entendimento de que era difícil, eles montaram um time para subir e disputar o título. Já contra o UDA, esperamos impor nosso jogo. É uma equipe mais parecida com a nossa", destacou.

O Campeonato Brasileiro Feminino A2 é disputado por 16 clubes, que estão divididos em dois grupos, com oito times cada. Na primeira fase, as equipes enfrentam-se entre si dentro dos grupos, em turno único. Os quatro melhores de cada chave passam para as quartas de finais, enfrentando-se em confrontos de ida e volta, de acordo com a posição final na fase classificatória. Os vencedores passam à semifinal e depois à grande final, ambas também em partidas de ida e volta.

Jogos de hoje

Brasileiro Feminino

10h30
Internacional x Flamengo
15h
Atlético-MG x Cruzeiro

Feminino A2

10h
Minas Brasília xAthletico-PR
11h
Mixto-MT x Bahia
15h
VF4-PB x UDA
16h
Recanto x 3B Sport
16h30
Remo x JC

NÚMERO DE MEDALHAS

Projeção de empresa aponta que o Brasil vai ter desempenho inferior nos Jogos de Paris

Agência Estado

Projeção feita pela empresa americana Nielsen aponta que o topo do quadro de medalhas da Olimpíada de Paris-2024 deve repetir o resultado final dos Jogos de Tóquio, disputados em 2021. Estados Unidos e China devem ocupar as duas primeira colocações gerais, desta vez com maior vantagem da delegação americana. O Brasil deve ficar no 14º posto geral, caindo duas posições em relação ao evento realizado no Japão.

Se a projeção se confirmar, a delegação do Brasil cairia duas colocações em comparação aos Jogos de Tóquio, quando ficou no 12º lugar geral. A Nielsen prevê o Time Brasil no 14º posto, com nove medalhas de ouro e 18 pódios no total, atrás de Espanha (20-5) e Hungria (19-5), países que superou há três anos.

O Comitê Olímpico do Brasil (Cob) não estipulou nenhuma meta específica sobre número de medalhas e posição no quadro geral em Paris-2024. Mas o presidente Paulo Wanderley já afirmou que a meta é superar os números da última edição da Olimpíada, quando o Time Brasil somou 21 pódios, com sete medalhas de ouro, seis de prata e oito de bronze.

A previsão da Nielsen foi divulgada na última quarta-feira, data que marca a contagem regressiva de 100 dias para o início das Olimpíadas. Os Jogos Olímpicos de Paris vão começar no dia 26 de julho e serão encerrados em 11 de agosto.

Esta projeção foi feita pela Gracenote Sports da Nielsen, que fornece análises estatísticas para ligas esportivas de todo o mundo. A empresa americana também acompanha as principais competições envolvendo esportes olímpicos que antecedem os Jogos

A projeção é que os EUA ganhem 123 medalhas no total, sendo 39 de ouro. A China deverá ganhar 35 ouros, com 89 pódios no total. Os dois países também terminaram em 1º e 2º lugares em ambas as categorias, há três anos, em Tóquio. Na ocasião, o time americano obteve 39 medalhas de ouro, apenas uma a mais que os chineses. No total, a diferença foi maior: 113 a 88.

Se a projeção se confirmar, será a oitava vez consecutiva que os EUA conquistam o maior número de medalhas nos Jogos Olímpicos. Em 1992, em Barcelona, a chamada Equipe Unificada liderou a contagem geral. Esses atletas pertenciam a 12 de 15 ex-repúblicas da União Soviética que decidiram competir juntas após a dissolução do país.

A última vez que os Estados Unidos não lideraram a contagem de medalhas de ouro nos Jogos Olímpicos foi na edição de Pequim-2008, onde a China investiu pesadamente e obteve sucesso - 51 a 36 medalhas de ouro.

Depois dos EUA e da China, a previsão para o quadro de medalhas tem na sequência a Grã-Bretanha (66 medalhas no total, sendo 13 de ouro), França (55-28), Austrália (50-13), Japão (49-13), Itália (47-12), Holanda (38-18), Alemanha (36-9) e Coreia do Sul (24-9).

Foto: Divulgação/COB

Alguns dos medalhistas brasileiros nas Olimpíadas de Tóquio, em 2021; Comitê Olímpico Brasileiro espera superar as 21 medalhas conquistadas

Ex-nadador desiste de ser o padrinho de atletas

Agência Estado

O empresário Joel Jota renunciou ao papel de padrinho do Time Brasil nos Jogos Olímpicos de Paris-2024 após ser alvo de críticas por mentir sobre a sua carreira na natação. O *coach* e ex-nadador também atuaria como mentor dos atletas da delegação na capital francesa. Ele comunicou a decisão em publicação nas redes sociais nessa sexta-feira e voltou a se defender, afirmando que a função não tem qualquer relação com as participações olímpicas ou conquistas de medalhas.

"Após ter ficado muito feliz pelo convite, cheguei à conclusão que será melhor para mim e para a minha família que eu não participe mais como padrinho da delegação brasileira em Paris", escreveu Jota, na publicação.

O anúncio de Jota pelo Comitê Olímpico do Brasil (Cob) como padrinho e mentor do Time Brasil repercutiu negativamente no meio esportivo. Outros atletas apontaram como mentiras trechos do site de Jota, que atua como "treinador mental" e com performance esportiva. As críticas foram levantadas principalmente por Joanna Maranhão, finalista olímpica em Atenas-2004 no 400m medley, e Bruno Fratus, medalhista de bronze nos Jogos de Tóquio, em 2021, nos 50 metros livre. Nas redes sociais, eles reiteraram um incômodo da comunidade esportiva por Joel se vender como ex-integrante da Seleção Brasileira de Natação.

Ao Estadão, o ex-atleta rebateu as críticas e falou sobre sua carreira. "O Cob veio atrás de mim por conta de tudo aquilo que fiz na minha carreira após a natação. Eu não estou indo para nadar. Eu estou indo porque eu sou uma pessoa que tem rede social grande, que posso mostrar os valores olímpicos. Vou dar uma levantada na motivação. Não vou fazer nenhum papel de treinador, não vou fazer nenhum papel de psicólogo", disse sobre o motivo de ter sido chamado como padrinho e mentor.

A reportagem do Estadão apurou que Joel Jota nunca foi convocado para defender a Seleção Brasileira de Natação. Ele conquistou medalhas e esteve em torneios em que bastava o pagamento de taxas de inscrição para participar, sem a necessidade de alcançar determinado índice. Compõem a seleção nadadores que obtiveram marcas suficientes para se classificar para torneios de maior relevância - como Campeonato Mundial ou Jogos Olímpicos - ou que foram chamados pela Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos (CBDA).

"Eu já fui para a Copa do Mundo de natação como nadador e é uma convocação de seleção brasileira. Você não vai achar em nenhum lugar eu dizendo: 'Eu fui para Olimpíada'", defende Jota. "Tem seleção brasileira de Copa do Mundo, de categoria juvenil. Imagina eu palestrando para 10 mil pessoas e falar: 'Então, gente, deixa eu falar uma coisa para vocês. Eu fui seleção brasileira na categoria...' Não importa. Fui seleção, atleta, fui campeão. Sou escritor, dou um *overview*. E vivi uma vida regrada e disciplinada no esporte", concluiu.

A Copa do Mundo que Joel Jota se refere é um torneio composto por diversas etapas e organizada pela World Aquatics, a federação internacional de esportes aquáticos. Ele afirma que atuou representando o Brasil nas edições de 2005, em Durban, na África do Sul, e em 2006, em Belo Horizonte, o que é confirmado no site da CBDA, que também aponta 64 medalhas de ouro para o ex-nadador, incluindo torneios regionais, juvenis e juniores.

Apesar da organização da World Aquatics, o torneio tem nível técnico menor do que o Campeonato Mundial de Esportes Aquáticos, competição de maior prestígio, junto aos Jogos Olímpicos. Jota disputou duas etapas da Copa do Mundo, cuja maioria das etapas são de piscina curta (25 metros), ou seja, com menor status no universo da modalidade.

Pelo convite do Cob, o empresário ficaria 20 dias com o Time Brasil em Paris. Ao Estadão, ele afirmou que não receberia cachê, mas teria os custos de passagem, estada e alimentação cobertos pela entidade. A ideia, segundo ele, era divulgar atletas nas suas redes e em seu *podcast* e incentivar patrocinadores.

O programa de madrinhas e padrinhos do Cob tem famosos do esporte e de diversas áreas da sociedade, como Zico, Murilo Rosa, Fernanda Tavares, Larissa Manoela, Pedro Scooby, Sabrina Sato, Hugo Gloss, Wesley Safadão e Casimiro Miguel. A intenção do Cob é "engajar a torcida e ajudar a promover o esporte olímpico e os atletas nacionais".

Quem é Joel Jota?

Jota ficou mais conhecido após a carreira como nadador, quando passou a atuar como influenciador digital, acumulando mais de 5 milhões de seguidores no Instagram. Ele começou a trabalhar como *coach* esportivo em 2013 e já ministrou cursos para o pai de Neymar, o que o levou a ser coordenador do Instituto Neymar Jr entre 2014 e 2021.

No meio do futebol, Joel Jota também atuou com o atacante Rodrygo, do Real Madrid e da Seleção Brasileira, com "treinamentos mentais" em 2022. Antes, ele trabalhou com o ex-jogador Gilberto Silva. No ano passado, o Santos contou com palestras de Jota para incentivar o elenco que vivia má fase e tentava fugir do rebaixamento.

PALMEIRAS X FLAMENGO

Rivalidade a toda prova em São Paulo

As duas melhores equipes do futebol brasileiro medem forças no Allianz Parque pela terceira rodada do Brasileirão

Geraldo Varela
gvarellajp@epc.pb.gov.br

A terceira rodada do Campeonato Brasileiro da Série A será complementada com mais cinco jogos neste domingo (21) e o destaque maior fica para o confronto Palmeiras x Flamengo, às 16h, no Allianz Parque, hoje, as duas melhores equipes do futebol nacional e candidatas ao título, principalmente o Alviverde que busca o tricampeonato. Nos últimos cinco anos foram dois títulos do Flamengo e dois do Palmeiras com um do Atlético Mineiro.

Na rodada anterior quem se deu melhor foi o Rubro-Negro que venceu o São Paulo, no Maracanã, por 2 a 1, enquanto o Palmeiras, mesmo atuando em seus domínios, perdeu de 1 a 0 para o Internacional. O time carioca segue invicto na temporada e já se foram 21 jogos, incluindo o Carioca, Brasileiro e dois amistosos nos Estados Unidos. Tanto Flamengo como Palmeiras devem poupar alguns jogadores porque no meio de semana terão compromissos importantes pela Copa Libertadores.

O Verdão vai ao Equador enfrentar o Independiente del Valle, já o Rubro-Negro pega o Bolívar e terá uma tarefa bem mais complicada na altitude de 3.640 metros acima do nível do mar em La Paz, onde a pressão e a concentração do oxigênio acabam sendo um terror para os jogadores visitantes.

Nos últimos três jogos, todos em 2023, uma vitória para cada lado e um empate. No começo daquele ano, o Palmeiras ganhou a Supercopa do Brasil ao vencer por 4 a 3, depois empatou de 1 a 1 no Allianz Parque pelo Brasileirão e foi goleado pelo Flamengo, no Maracanã, por 3 a 0 no jogo da volta. O domingo também é de clássico baiano, uma repetição da decisão do Estadual, em que o Vitória levou a melhor.

O jogo acontece no Barradão, às 16h. No meio de semana, o Bahia derrotou o Fluminense por 2 a 1, em casa, enquanto o Vitória não entrou em campo já que seu jogo contra o Cuiabá foi adiado devido participação do time cuiabano na semifinal da Copa Verde quando perdeu o primeiro jogo para o Vila Nova por 2 a 0. Mais três jogos estão programados para hoje: Athletico-PR x Internacional, às 16h, na Arena da Baixada, um jogo dos mais esperados devido à boa campanha do Colorado e o adversário que busca a reabilitação. Tem ainda, Botafogo x Juventude, às 18h30, no Nilton Santos e Atlético-GO x São Paulo, no mesmo horário, no Antônio Accyoli.

Foto: Marcelo Cortes/Flamengo

No último confronto, disputado no Maracanã, a vitória foi do Flamengo, por 3 a 0 no jogo de volta do Brasileiro

Jogos de hoje

Brasileirão

16h

Vitória x Bahia - Premiere

Palmeiras x Flamengo - Globo e Premiere

Athletico-PR x Internacional - Cazé TV

18h30

Botafogo x Juventude - Premiere

Atlético-GO x São Paulo - Premiere

Série B

18h

Ponte Preta x Coritiba

LIGA DOS CAMPEÕES

Semifinais prometem mais emoções no fim de abril

Agência Estado

A Liga dos Campeões já conhece os quatro semifinalistas. De um lado, Paris Saint-Germain e Borussia Dortmund disputam uma vaga na final. O vencedor vai encarar quem se der melhor entre Real Madrid e Bayern de Munique, que se classificaram esta semana. Os jogos de ida devem ocorrer entre 30 de abril e 1º de maio, e as partidas de volta, entre 7 e 8 de maio. A final será em 1º de junho, no Estádio Wembley, em Londres.

Nas quartas de final, o PSG não se intimidou com a derrota por 3 a 2 no primeiro jogo para o Barcelona. Com dois gols de Mbappé, a equipe saiu perdendo na Espanha, mas virou para 4 a 1 e saiu com a classificação. No outro jogo de terça-feira, o Borussia Dortmund também contrariou a vitória de 2 a 1 do Atlético de Madrid na ida e fez 4 a 2 na partida disputada na Alemanha.

Já o Manchester City recebeu o Real Madrid no Etihad Stadium após o empate em 3 a 3 no jogo de ida. A equipe espanhola saiu na frente com o brasileiro Rodrygo, mas levou o empate com Kevin De Bruyne. Sem definição na etapa regulamentar e na prorrogação, a decisão foi nos pênaltis, e Real Madrid venceu por 4 a 3.

No outro duelo, Bayern de Munique e Arsenal entraram em campo na Allianz Arena pela partida da volta com o placar agregado empatado em 2 a 2. O time da casa sofreu para furar a marcação dos visitantes, mas Kimmich balançou as redes na segunda etapa e garantiu o clube alemão na semifinal da Champions League.

PSG

O clube francês busca o título inédito após dois anos sendo eliminado nas oitavas de final. A equipe não chegava a uma semifinal desde a temporada 2020/21. Antes disso, o time bateu na trave e foi vice-campeão em 2019/20, quando o torneio foi realizado em menos jogos devido à pandemia de covid-19.

Desta vez, é também a última chance de Kylian Mbappé conquistar o título europeu pelo PSG, já que tudo indica como certa a transferência dele para o Real Madrid ao final da temporada. O poder de decisão do craque é a principal força da equipe de Luís Enrique, que não fez grande campanha até então: classificou em segundo lugar na fase de grupos, com duas vitórias, dois empates e duas derrotas. Nas oitavas, superou um adversário mais fraco, o Real Sociedad.

A remontada contra o Barcelona foi um ponto fora da curva, mas com desempenho abaixo na derrota na ida. O time empilhou atacantes, que tiveram dificuldades em encontrar espaços, ainda que tenham conseguido marcar duas vezes. Já no jogo de volta, foi o astro que desequilibrou, além da expulsão do zagueiro Ronald Araújo.

Borussia Dortmund

Os alemães caíram no "grupo da morte", junto de PSG e Milan, e surpreenderam conseguindo a classificação na liderança, com apenas um revés, justamente para o próximo adversário, o time de Paris. Nas oitavas, o time comandado por Edin Terzic passou sem sustos pelo PSV. A situação foi diferente contra o Atlético de Madrid, que tem um time mais estrelado.

A última semifinal de Liga do clube havia sido na temporada 2012/13, quando foi vice-campeão para o Bayern de Munique. O único remanescente é o zagueiro Hummels, que chegou a defender a equipe da Baviera. Ele é um dos mais representantes dos experientes no elenco, que se junta a jovens talentos como o parceiro de zaga Schlotterbeck e os atacantes Sancho e Adeyemi. Ainda que tenha destaques individuais, o trunfo do Dortmund é justamente obediência tática da orquestra montada por Terzic no que é o primeiro trabalho como técnico do alemão.

Real Madrid

O Real Madrid é o maior campeão da Liga dos Campeões com 14 títulos e sempre entra no torneio como um dos favoritos ao troféu. Na temporada 2023/24, a equipe madrilenha caiu no Grupo C, que tinha também Napoli, Braga e Union Berlin, e ficou em primeiro lugar na chave com 18 pontos. Nas oitavas, bateu o Red Bull Leipzig com 2 a 1 no agregado, e nas quartas de final superou o Manchester City.

O time comandado por Carlo Ancelotti tem jogadores brasileiros como os principais destaques. Vini Jr. é um dos líderes de participações em gols na equipe, e Rodrygo já se tornou o jogador do país com mais gols pelo Real Madrid na competição. Além da dupla de ataque, o técnico italiano tem à disposição atletas experientes como Rudiger, Toni Kroos e Luka Modric, e o talento do jovem Jude Bellingham.

Bayern de Munique

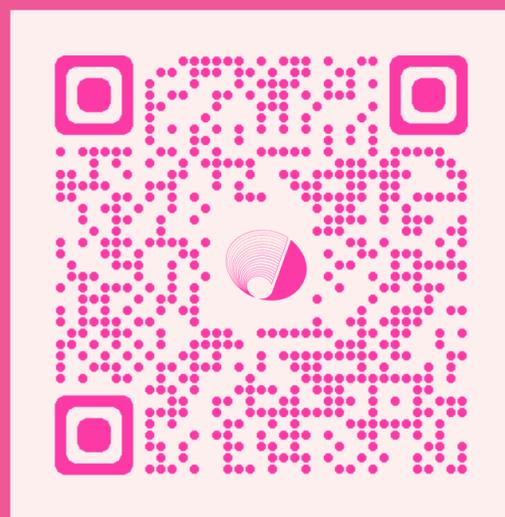
Bayern de Munique busca a sétima taça do torneio e já viveu fases melhores. Acostumado a ser um dos times mais temidos na Europa, o clube perdeu o título do Campeonato Alemão pela primeira vez em 11 anos para o Bayer Leverkusen e sofreu para chegar às quartas de final da Liga dos Campeões 2023/24. Sob o comando de Thomas Tuchel, integrou o Grupo A ao lado de Manchester United, Copenhagen e Galatasaray, e fez 16 pontos.

O time alemão perdeu para a Lazio no jogo de ida das oitavas por 1 a 0, mas conseguiu a classificação em casa ao fazer 3 a 0 na partida de volta. A Allianz Arena também fez a diferença no duelo pelas quartas de final contra o Arsenal. Na Inglaterra, o Bayern empatou em 2 a 2 com os comandados por Arteta, e na Alemanha garantiu a vaga nas semi ao vencer por 1 a 0.

Um dos principais destaques do clube na temporada é o atacante Harry Kane, que vive a expectativa de levantar o primeiro troféu da carreira. O título pode chegar às mãos do centroavante inglês em um lugar que ele conhece bem, já que a final deste ano será no Estádio de Wembley, em Londres. Contudo, para isso, Kane e companhia precisam passar pelo Real Madrid nas semifinais.

Foto: Reprodução/Instagram

Jogadores do Real Madrid comemoram a classificação após bater o City nos pênaltis

COMO VOCÊ
NUNCA
OUVIU
acesse com o qr code
cinema
criativa
CULTURA
POP
teatro
literatura
urbana
música
NOVA
ARTES

EDIÇÃO: Audaci Junior
EDITORAÇÃO: Paulo Sergio

Quem foi Tiradentes?

Hoje é relembrado o sacrifício de Joaquim José da Silva Xavier, figura tarimbada nos livros de História por ser o principal símbolo da Inconfidência Mineira, revolta que almejava a independência do Brasil na época imperial

Anderson Lima
Especial para A União

"Joaquim José da Silva Xavier, morreu a 21 de abril, pela independência do Brasil", é assim que a cantora Elis Regina narra a trajetória de Tiradentes, em sua canção exaltação ao mártir. Ele nasceu em uma família de origem humilde, no município de Ritápolis, em Minas Gerais, no dia 12 de novembro de 1746. Joaquim perdeu prematuramente os seus pais, então precisou trabalhar logo cedo. Segundo o historiador Valdir de Lima Silva, ele foi Alferes, um dentista leigo, que lhe rendeu o apelido de Tiradentes. Perpassando por vários ofícios, considerado uma pessoa muito inteligente, ele passou a ocupar um destaque dentro da sociedade mineira.

De acordo com Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), os primeiros colonizadores da área que hoje compreende o município de Tiradentes foram os paulistas, atraídos por cascalhos e manchas de ouro nos montes e na Bacia do Rio das Mortes. A região foi desbravada por Tomé Portes del Rei, guarda-mor estabelecido nas imediações da atual São Miguel del Rei, durante seu trajeto a caça de outro, um de seus garimpeiros – João de Siqueira Afonso – chegou naquela região e alertou Portes sobre a existência de ouro na parte baixa da Serra de São José.

O desenvolvimento da mineração de ouro impulsionou o crescimento populacional, resultando na construção de igrejas e casas comerciais. No ano de 1719, o município de São José del Rei foi criado, mais tarde passou a se chamar São José do Rio das Mortes. O distrito foi estabelecido em 1724 e, em 1849, Tiradentes foi separado de São João del Rei. Onze anos depois, tornou-se cidade e, em 1889, recebeu o nome de Tiradentes.

Inconfidência Mineira

A Inconfidência Mineira foi uma revolta organizada pela elite socioeconômica de Minas Gerais, contra o domínio da Coroa Portuguesa. A insatisfação dos mineiros começou a partir de uma derrama – operação fiscal realizada pela Coroa Portuguesa para cobrar impostos atrasados – fato que mobilizou as elites contra o domínio português. Tiradentes era um dos envolvidos na conspiração, pois era um defensor do Iluminismo, como também tinha sido prejudicado pela gestão de Visconde de Barbacena, quando foi retirado do comando da cavalaria que fiscaliza as estradas da região.

O plano conspiratório das elites mineradoras, contudo, nunca se concretizou. Todos os participantes foram delatados por Joaquim Silvério dos Reis, motivado pelo desejo de quitar suas dívidas com a Coroa Portuguesa. Em 1789, o Visconde de Barbacena interrompeu a derrama e deteve os conspiradores, incluindo Tiradentes.

A prisão dos inconfidentes ocorreu após uma investigação, o procedimento de julgamento dos envolvidos durou cerca de três anos. Por todo esse tempo, muitos dos presos negaram a sua participação no movimento, com exceção de Tiradentes, que assumiu claramente o seu envolvimento. A sentença dos presos saiu em 1792: pena de morte por enforcamento para as 10 pessoas, porém, por meio da rainha D. Maria I, nove dos envolvidos na Inconfidência foram perdoados e condenados apenas a saírem do Brasil, enquanto a sentença foi mantida para Tiradentes.

Ainda, segundo o Iphan, Tiradentes foi condenado e enforcado, depois de percorrer as principais ruas do Centro do Rio de Janeiro. Após a sua morte, sua cabeça foi cortada e o seu corpo esquartejado, com o seu sangue, findou-se a confirmação que a sua sentença foi cumprida. Os seus restos mortais foram mergulhados em salmoura, utilizado para conservar alimentos, e levados à Capitania de Minas Gerais. A sua cabeça, foi colocada em uma gaiola, que apodreceu em um poste, em Vila Rica, enquanto outras partes do seu corpo ficaram expostas ao longo do caminho que Tiradentes percorria pregando a libertação do Brasil da Coroa Portuguesa.

Imagem messiânica

"Dentre as diversas curiosidades sobre Tiradentes, há também muitas controvérsias. Até onde ele era um herói e um mártir?", assim pontua o historiador Valdir de Lima Silva."O mesmo estado que assassinou Tiradentes é o mesmo que depois o santifica. Ele passou a ser lembrado, visto que também carregava os princípios iluministas, da Revolução Francesa, que pregava a igualdade, liberdade e fraternidade. Então, tudo isso contribuiu muito para que ele fosse lembrado como um herói da pátria. Então, esse Tiradentes que se foi, virou ícone da luta pela liberdade da Independência Brasileira e no governo de Deodoro da Fonseca, foi estabelecido o dia 21 de abril, data da sua morte, como um feriado nacional", explicou.

Há também sobre as imagens produzidas de Tiradentes a partir das iconografias, que o associavam muito à imagem que construíram também de Jesus Cristo, segundo Valdir de Lima. "Tiradentes foi um homem branco, alto, magro, de cabelos e barbas grandes, mas as controvérsias vêm por conta de que ele era militar, então logo vê-se que não tinha como usar cabelos e barbas grandes naquele tempo, provavelmente ele não teria".

Além disso, o historiador ressalta que todo o seu equipamento de trabalho que ele usava como dentista foi leiloado em 1792, por apenas 800 réis. Após um tempo, a cidade de São José passou a se chamar Tiradentes e até hoje é um lugar que respira história, sobretudo, em sua homenagem. Em todo o Brasil esse nome ganhou força e passou a ser nome de ruas, praças, escolas, de diversos logradouros e, até hoje, a imagem de Tiradentes é associada a de um herói nacional.

Imagem: Acervo do Museu Paulista da USP

Tiradentes na visão do artista fluminense Oscar Pereira da Silva, pintado em 1922: uma iconografia associada a Jesus Cristo

Tiradentes Esquartejado

Pedro Américo traz uma imagem impactante para a época

Retrato trágico de um mártir pintado por um paraibano

Paraibano oriundo do município de Areia, Pedro Américo (1843-1905) é o responsável por diversas pinturas históricas retratadas nos livros de História e de artes, como o famoso *Independência ou Morte!*, também conhecido como *O Grito do Ipiranga*. Uma das obras mais trágicas e impactantes do artista, inclusive, é a de *Tiradentes esquartejado*.

A obra de 1893 traz uma imagem nada comum para a época: Tiradentes após o enforcamento e esquartejado, com pedaços do seu corpo bem detalhados. A cabeça repousa sobre um pano branco, enquanto o seu tronco está deitado e a sua parte inferior coberta com uma toalha e uma das suas pernas pendurada com estacas de madeira e amarrada, enquanto a outra está ao lado do seu tronco.

O cenário pintado pelo paraibano é um local montanhoso, que remete a Minas Gerais. Ao fundo, tem uma casa com pessoas na porta, como se tivessem acabado de ver o "espetáculo" que ali aconteceu. A Academia Brasileira de Arte (Abra) explica que a representação do corpo de Tiradentes – sem deformidades e com pouco sangue à mostra – denota uma cena mais "idealizada", até mesmo com o tom mais pálido da pele. Ainda assim, Pedro Américo conseguiu retratar os detalhes, mostrando muitas referências de obras do Renascimento.

Genival Ribeiro

“Lorde” ajudou a escrever a história da publicidade na Paraíba

Ilustração: Tônio

Nascido no município de Esperança (PB), publicitário incorporou um estilo representativo no segmento, misturando a propaganda com o cinema e cultivando práticas do chamado 'network '

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

Desbravar caminhos novos exige capacidade inventiva e determinação. Essas qualidades Genival Ribeiro tinha de sobra, e foram elas que fizeram dele um desbravador da propaganda. O “lorde”, como ficou conhecido, é uma das figuras pioneiras da atividade no estado e sua vida bem que poderia dar uma *storytelling*: do menino pobre que, apesar da pouca formação, galgou importantes degraus e chegou a ser considerado o *number one* da publicidade na Paraíba.

Nasceu no município de Esperança, mudou-se ainda menino com a mãe e os oito irmãos para a capital, onde deu início ao primeiro emprego, em uma sorveteria que ficava perto da Rádio Arapuan. Ali começou a vender anúncios, e, em pouco tempo, estava trabalhando nos estúdios, produzindo programas e lançando apresentadores, como Cardivando de Oliveira.

Mesmo sem formação específica, estreou no mercado publicitário com a instalação do escritório Lord Publicidade, em sociedade com Francisco Ribeiro, Erisinor Faustino e Ivan Thomaz. Não foi somente daí que Genival passou a ser conhecido como “Lorde”: era também seu carisma, motivação e espírito inventivo. Na década de 1970, ele deixou a sociedade e fundou a própria agência, a GR Propaganda, que levava as iniciais de seu nome.

“Visionário de primeira hora, coube a ele, de pouca leitura, escrever uma nova história no segmento, vindo a criar a primeira agência nos moldes como a conhecemos hoje”, escreve Alberto Arcela, com quem trabalhou na nova empresa.

O empreendimento decolou em pouco tempo e a agência passou a assinar campanhas como a do grupo São Braz, da Polyutil e das Indústrias Lechef, conquistando prêmios em âmbito regional e até nacional. “Numa dessas premiações, em Salvador (BA), o Lorde, bem ao seu estilo, levou 12 pessoas para um hotel cinco estrelas, entre elas um fotógrafo e um cabeleireiro. Em outra ocasião, inventou de abrir uma filial no Rio e por lá passamos 15 dias instalados num hotel de luxo, à beira-mar de Copacabana, traçando planos para o futuro. Assim era o Lorde, que durante toda a vida nunca perdeu a pose”, recorda Arcela.

Foi através de Alberto Arcela que Walter Santos, jornalista e analista político, foi apresentado a Genival. Para Santos, o publicitário incorporou um estilo representativo no segmento, misturando a propaganda com o cinema e cultivando práticas de Relações Públicas, o chamado *network* (“rede de relacionamentos”), que são a base para muitas negociações.

“Foi Genival quem primeiro soube explorar proativamente o *marketing* sobre o universo da propaganda na Paraíba, antes afeita apenas aos muros internos da aldeia tabajara, de João Pessoa e da Paraíba, levando-a para conhecimento dos demais estados do país, tanto que foi responsável pela instalação entre nós do capítulo da Associação Brasileira das Agências de Propaganda (Abap)”, reconhece Walter Santos.

Apesar de ser um publicitário de produtos, Genival Ribeiro se aventurou na propaganda política e conseguiu levar para a GR, em 1986, a campanha publicitária de Tarcísio Burity e Raimundo Asfora ao Governo do Estado, que saiu vitoriosa. Arcela, que também atuou nesse processo, relata que para dar “um molho” foi gravar a música da campanha nos estúdios do Rio de Janeiro. Outra empreitada inovadora da dupla foi o programa televisivo *Paraíba Debate*. “Naquele tempo não tinha produtora, a gente gravava o programa sem muitos recursos, na própria GR, e toda semana eu ia para Maceió (AL) para editar na televisão de Collor, na *Gazeta de Alagoas*”, explica.

Nos tempos áureos, a agência ocupava um endereço nobre, na Almirante Barroso, e chegou a contar com uma equipe de até 30 funcionários, representando bem a Paraíba no cenário da publicidade nacional. Ribeiro não poupava em investir na equipe e sempre enviava seu pessoal para fora do estado para produzir vídeos publicitários. Porém, aos poucos, o mercado começou a crescer e o surgimento de outras grandes agências obrigaram o Lorde a fechar a GR.

Outro companheiro de Genival nessa jornada foi o motorista Genilson Diniz, que o acompanhou de 1977 até o início dos anos 1990. Dentre as muitas memórias, ele se recorda do Chevette vermelho ano 1980 que dirigia para o publicitário e que impressionava, no início, mas depois passou a ser utilizado com reserva pelo empresário. “Quando o carrinho estava chegando ao fim, ele tinha vergonha. Aí eu o deixava na esquina e ele ia até o cliente a pé. Depois, eu esperava ele voltar ou iria apanhá-lo na outra esquina”, conta Genilson, que posteriormente recebeu o veículo de presente do patrão.

Após um período sem manter escritório, Genival Ribeiro voltou ao mercado em 1994, com o lançamento da agência GCA, que foi considerada uma das melhores do estado. Dentre os sócios, estava Abelardo Carlos, paraibano que retornando do Ceará procurou Genival para pedir emprego, mas sem sucesso. Depois de montar seu próprio escritório e começar a atender alguns clientes, foi procurado pelo Lorde. “Fizemos algumas campanhas, daí dei um ultimato pra ele. Viramos sócios e criamos a GCA – Grupo Criativo de Propaganda e Marketing”, confessa Abelardo.

Foto: Arquivo A União

Com mais de quatro décadas dedicadas à comunicação e publicidade, Ribeiro se destacava na capacidade de saber prospectar os negócios

Curiosidade transformou Genival Ribeiro em um autodidata

“O que destacava Genival Ribeiro era a sua capacidade de saber prospectar negócios. Ele tinha as suas estratégias para conquistar o mercado e as pessoas”, referenda o sócio Abelardo Carlos, sublinhando sua inteligência, mesmo sem ter concluído os estudos. “Ele tinha visão, poder de persuasão, de penetração em todas as camadas políticas e sociais. Pra você ter uma ideia, quando viajávamos para São Paulo, Rio, Bahia, Recife, Brasília entre outras capitais, Genival era reconhecido e cumprimentado mais do que em João Pessoa. Já começava do avião”, relembra ele.

Walter Santos reitera essas e outras qualidades: “Bom papo, companheiro solidário e visionário, o “*Lord*” – como também Ivan Thomaz, sócio e amigo, o apelidou – cativou amizades por todas as partes, em todos os recantos, até pela alma boa que sempre conduziu com o jeito certeiro de quem estava sempre pronto para uma viagem de negócios, um almoço em bom restaurante, enfim, nos ambientes comuns à quem soube viver a vida intensamente”.

Alberto Arcela aponta que a curiosidade de Genival o tornou um autodidata. O jeito excêntrico, a coragem e a capacidade inventiva fizeram dele um importante personagem para a publicidade no Estado da Paraíba. “Ele antecipou o que está havendo em propaganda hoje. Ele é muito responsável por tudo isso, mesmo sem saber escrever uma linha, sem saber dirigir um filme, pouco importa… Ele era o maestro dessa história, o maestro com seu imaginário”, salienta o antigo sócio.

Genival Ribeiro faleceu na madrugada de 27 de novembro de 2007, vítima de uma parada cardíaca, aos 62 anos, 42 deles dedicados à publicidade. Os relatos dos amigos e pessoas próximas sobre os últimos encontros com ele revelam um homem que, mesmo enfermo, não deixava de fazer planos e projetos para voltar à atividade pela qual sempre foi apaixonado. “Ainda era o mesmo publicitário que pensava em mudar o mundo, mas que não teve tempo para isso. Morreu pouco depois com a cabeça no colo da mulher amada. Bem ao seu estilo. Mais que uma morte. Uma verdadeira arte-final”, conclui Arcela.

Angélica Lúcio

angelicallucio@gmail.com

O vídeo está presente em quase todos os lares brasileiros

O consumo de vídeo é massivo no Brasil, e tal formato de mídia está presente em 99,63% dos lares. É o que aponta a edição 2024 do *Inside Video*, um estudo anual da Kantar Ibope Media, com base no ano anterior. Mais: cerca de 21% do público costuma ver TV linear e vídeos on-line no dia a dia, mas o percentual dos que consomem apenas vídeo on-line é menor: 19%.

O estudo da Kantar também mostra uma grande intersecção entre TV/CTVs (publicidade na TV conectada) e *Smartphones*. Isso porque o vídeo se posiciona como elemento capaz de se adequar a cada contexto e tela, consolidando-se como um formato multiplataforma. Em outras palavras, trata-se do vídeo *crossmedia*.

Os dados indicam que as empresas devem apostar em narrativas líquidas, equilibrando os investimentos entre canais on-line e off-line. Tal orientação se baseia no fato de que os formatos (on-line e off-line) são complementares, por isso haverá resultados mais assertivos se as marcas souberem explorar as particularidades de cada um.

Na prática, mostra o *Inside Video* 2024, "o conteúdo pode ser visto em uma tela, passar para outra plataforma e ainda ganhar vida na forma de um *meme*, que viraliza". Outro dado que reforça a necessidade de investimentos em narrativas líquidas é que 33% das pessoas que veem TV, costumam comentar o que estão assistindo nas redes sociais.

"Por ser fluido, podemos consumir seu conteúdo de forma linear, pela TV aberta ou paga, depois podemos ver recortes desse mesmo material em uma plataforma on-line e, em seguida, recebê-lo nas redes sociais. Hoje, o vídeo se impõe em todos os aspectos de nossas vidas, tornando-se cada vez mais difícil – senão impossível – ignorá-lo", explica Melissa Vogel, CEO Brasil da Kantar Ibope Mídia.

Foto: Mohamed Hassan/Pixabay

Segundo estudo da Kantar Ibope Media, consumo de vídeo está em 99,63% dos lares brasileiros

Se o vídeo é o protagonista da comunicação, a TV linear ainda é a grande estrela nas casas dos brasileiros. Prova disso é que, em 2023, o alcance desse sistema foi de 99,2%. Em tempo: o termo TV linear se refere ao sistema clássico em que um espectador assiste a um programa de TV, quando ele é transmitido em seu canal original. Nesse caso, o conteúdo é visto por meio de uma antena ou com o telespectador sendo assinante de serviço a cabo ou satélite.

"A TV linear é dona de um lugar de destaque nas casas e permanecerá por muito tempo assim, adaptando-se aos avanços tecnológicos e gerando conversas que se desdobram para outros meios", aponta o estudo. Para efeito de comparação: o tempo médio de consumo por dia de TV Linear entre os brasileiros é de 5h14, enquanto 2h23 é o tempo médio de consumo por dia de vídeo *on-line*.

Além disso, segundo o estudo, as narrativas em vídeo são um formato potente para comunicar regionalismos e engajar por meio da cultura. Nessa linha, "entender costumes, crenças e hábitos de consumo regionais e, a partir disso, criar projetos que promovam conexões culturais com as pessoas estão entre as prioridades do *marketing* em 2024", revela a Kantar.

Outro aspecto muito importante é que, conforme o *Inside Video* 2024, o vídeo se posiciona como um formato transgeracional; ou seja, atravessa diferentes audiências com fluidez e efetividade. Sim, o vídeo atinge todas as gerações: *baby boomers*, *millennials*, geração silenciosa, geração X, geração Z e geração alpha!

Enfim, as possibilidades do vídeo são múltiplas. Cabe a você, como produtor de conteúdo ou anunciante, descobrir qual a melhor forma de usar tal formato de mídia para causar impacto nas várias jornadas do consumidor *crossmedia*.

Tocando em Frente

Professor Francelino Soares
francelino-soares@bol.com.br

Os conjuntos vocais – XIII

Nilo Amaro e seus Cantores de Ébano – A tônica do que chamamos conjuntos vocais, evidentemente, se refere a grupos que usam a voz, com as suas múltiplas possibilidades de criação. Em quase sua totalidade, esses grupos optaram pelo uso de um instrumental que lhes parecesse adequado a um bom desempenho e encantamento dos que os ouviam. Não foi isso que aconteceu com Nilo Amaro e os seus Cantores de Ébano, que usavam apenas o vocal. De qualquer forma, estes satisfizeram a um considerável público que se encantou com o seu estilo, o que ficou demonstrado pela enorme aceitação deles, embora a sua existência tivesse sido tão curta: somente atuaram por quatro anos, de 1961 a 1964.

O estilo vocal do conjunto era inspirado em outros semelhantes que pontuaram naqueles anos, sobretudo nos Estados Unidos, constituídos por aqueles que atuavam na música gospel, com fortes influências do *spiritual*, mas que também dominavam a chamada música *pop*, a exemplo do The Platters.

O grupo surgiu, como dito, em 1961, no subúrbio carioca do Méier, sendo de imediato saudado pela crítica como um dos mais originais de nossa música popular. Sob a arregimentação de participantes e orientação de Nilo Amaro (Moisés Cardoso Neves – Rio de Janeiro, 1928-Goiânia, 2004), arranjador e regente, era constituído por 12 integrantes, todos de origem humilde e pele morena: duas sopranos, uma mezzo soprano, dois contraltos, dois baixos, um tenor, três barítonos e, claro, o maestro Nilo Amaro, dentre os quais se sobressaía o chamado baixo profundo Noriel Vilela.

Imagem: Reprodução

Embora sua existência tivesse sido bastante curta (1961-1964), o grupo carioca foi saudado pela crítica como um dos mais originais conjuntos vocais da música popular

Apesar do curto período de sua existência, o repertório era eclético, com ingerência de temas folclóricos (‘Leva eu, sodade!’ e ‘Uirapuru’), autêntica música popular brasileira (‘A Lenda do Abaeté’), sofisticação poética (‘Azulão’, de Manuel Bandeira), até boleros tradicionais (‘A Noiva’ / ‘La Novia’) e *hits* norte-americanos, ora em versões (‘Greenfields’), ora no original (‘Down by The Riverside’).

Quando do surgimento do grupo, diretores de emissoras de rádio e televisão, além de agências de publicidade, ficaram atônitos com o ineditismo e formação harmônica imprimida ao conjunto por Nilo Amaro, porém o que mais surpreendeu foi a voz de baixo profundo de Noriel, que se tornou uma espécie de cartão de visitas. Isso os levou a serem requisitados e a apresentarem-se em quase todos os estado do país, e a excursionarem por países das Américas.

Prestes a se apresentarem também na Europa, veio o afastamento de Noriel Vilela, o que causou enorme constrangimento ao conjunto. Como Nilo Amaro e seus Cantores de Ébano não podia desaparecer assim de repente, vários candidatos foram testados: o primeiro, dentro do próprio grupo, foi feita uma experiência com o baixo Denílson; depois de idas e vindas, em uma conversa comum em um bar, enfim, foi descoberto outro substituto, Geraldo, que era alheio ao universo musical e, após inúmeros ensaios, assumiu o vazio deixado por Noriel, guardadas, é claro, as devidas proporções.

Tudo o que foi feito não evitou o desmembramento de um dos mais originais dentre os conjuntos vocais da época.

TECNOLOGIA

Nova rede social faz uma mistura de X e Clubhouse

Aplicativo Airchat permite que os usuários publiquem apenas áudio no 'feed'

Bruna Arimathea
Agência Estado

Imagem: Reprodução

Apresentada no final ano passado, rede alcançou mais de 45 mil 'downloads' desde que foi lançada

Uma nova rede social está empolgando investidores e entusiastas de tecnologia do Vale do Silício – e pode ser um verdadeiro pesadelo para muitas pessoas. Chamada Airchat, a plataforma é uma espécie de Twitter misturado com Clubhouse e mensagens de voz no WhatsApp e só permite que os usuários publiquem áudio no *feed*.

O aplicativo parece uma plataforma comum com um *feed* de usuários e blocos de texto. Mas não se engane: tudo o que tiver escrito na tela é transcrição do áudio do usuário. O verdadeiro intuito é ouvir as publicações como grandes áudios do WhatsApp, o que pode não agradar todo mundo.

Para garantir que não exista a possibilidade de mesclar os conteúdos, o Airchat não possui ferramentas de teclado e o usuário tem acesso apenas ao botão de gravar áudios. Depois de publicado, a plataforma se encarrega de transcrever a mensagem para gerar uma publicação em texto que acompanha a nota de voz – a parte escrita é feita pela Inteligência Artificial (IA) da empresa.

Assim, outros perfis podem ter uma ideia do que se trata a publicação, além de poder avançar ou retroceder no arquivo de áudio. Também é possível acelerar a mensagem nas configurações, curtir e deletar publicações.

"Twitter falado"

Diferente do Clubhouse, a intenção do Airchat não é abrir salas de bate-papo com várias pessoas ao mesmo tempo e, sim, ser uma espécie de "Twitter falado". A rede se autodenomina, inclusive de "*walkie talkie* social", em referência aos aparelhos de rádios de comunicação.

Criada por Naval Ravikant e Brian Norgard em 2023, a rede social chamou a atenção até de Sam Altman, dono da OpenAI, que investiu financeiramente na empresa. A plataforma atraiu a maior parte dos seus usuários após relançar a plataforma neste ano. De acordo com o site *Sensor Tower*, a rede alcançou mais de 45 mil *downloads* desde que foi lançada.

Por conta do sucesso da novidade, o Airchat parou de aceitar novos usuários temporariamente, para trabalhar na capacidade da rede social de atender as demandas de seus novos perfis.

Imagem: Pixabay

Charada

Francelino Soares:
francelino-soares@bol.com.br

Resposta da semana anterior: Oscula (2) = beija + uma rosa (2) = flor. Solução: bela ave (4) = beija-flor. **Charada de hoje:** Anda ao lado (1) de um caixa grande (2), buscando um distrito judicial (3).

Tiras

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com

O Conde

Zé Meiota

Foto: Dida Sampaio/Estadão Conteúdo

Eita!!!!

 # O que é o "Efeito Mandela"?

Já houve o caso de você ter jurado de pé junto que alguém morreu e, na verdade, estava "vivinho da Silva"? O "Efeito Mandela" é um fenômeno que consiste na difusão de um falso conceito comum. Geralmente, quando muitas pessoas compartilham uma memória coletiva que nunca aconteceu são vítimas do fenômeno. Isso tende a acontecer com ícones ou momentos da cultura pop em geral, assim como na música ou no cinema.

 # Origem

O efeito psicológico leva o nome do ex-presidente da África do Sul, o ativista e político Nelson Mandela (foto acima), devido à crença coletiva equivocada de que ele tinha morrido na década de 1980, enquanto ainda estava na prisão. Em 1994, Mandela presidiu o primeiro governo a pôr um fim ao regime racista, após 27 anos confinado. Ele morreu apenas em 2013, após uma infecção respiratória prolongada. O conceito foi criado por Fiona Broome – uma autoproclamada investigadora paranormal – durante uma conferência, em 2010.

 # Causas possíveis

Uma das possíveis causas do "Efeito Mandela" é a ideia de falsas memórias ou memórias distorcidas de um acontecimento, nas palavras da psicóloga Holly Schiff, para a revista *Forbes*. "A memória não é infalível e às vezes pode não ser confiável". Cada vez que é criada uma memória, as redes cerebrais alteram a forma como o evento é recordado. A internet, por exemplo, desempenha um papel fundamental na lembrança incorreta de um conceito, por vezes brincando com a nossa percepção através da desinformação, o que pode resultar em falsas memórias, segundo a terapeuta somática integrativa Aimee Rai, também para *Forbes*.

 # Exemplos "clássicos" do fenômeno

Dois exemplos são "clássicos" do "Efeito Mandela": no final da música 'We are the champions', da banda Queen, muitas pessoas acham que acaba com a frase "...of the world", o que não existe na gravação original. Apesar disso, em várias apresentações Freddie Mercury cantou essa parte ao vivo para agradar o público. Outro exemplo é na ficção científica: na grande revelação do filme *Star Wars: O império contra-ataca* (1980), muitos acreditam que Darth Vader disse: "Luke, eu sou seu pai", mas a frase correta é: "Não, eu sou seu pai". A Disney, mesmo antes de adquirir a franquia de George Lucas, também já foi alvo do efeito com uma de suas grandes animações: *Branca de Neve e os Sete Anões* (1937). Na cena em que a Rainha Má fala com o espelho mágico, muitos se lembram de ela começar por "Espelho, espelho meu...". No entanto, essa fala nunca foi dita: ela se refere ao objeto somente como "espelho mágico".

9 diferenças

Antonio Sá (Tônio)

Solução

1 – seta; 2 – prego; 3 – nota musical; 4 – papel no chão; 5 – touca da enfermeira; 6 – bola de menino; 7 – tapete; 8 – nome do PS; e 9 – camisa do menino.

Uma em cada 160 crianças no mundo se encontra no espectro autista. Mesmo com os avanços nos estudos e na divulgação a respeito do assunto, ainda há preconceito e informações equivocadas sobre o distúrbio neurológico. Nesta edição, haverá uma discussão acerca do tema e a função das redes de ensino no incentivo à formação da cidadania dos alunos e alunas com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

Ensinamentos do "bê-á-bá" na inclusão efetiva dos alunos com TEA

Vista como um "segundo lar", qual o papel da escola no desenvolvimento intelectual e social no dia a dia de crianças e jovens com o Transtorno do Espectro Autista?

Camilla Barbosa
acamillabarbosa@gmail.com

Nos primeiros anos de vida, João Lucas apresentou alguns comportamentos diferentes das demais crianças da sua idade, como a autolesão e o atraso no desenvolvimento da fala – o garoto só veio a se comunicar verbalmente aos seis anos de idade. Ao notar os sinais evidenciados, há mais de uma década, sua mãe, a pedagoga Danielle Santiago, buscou ajuda de médicos, os quais, assim como a sociedade em geral naquela época, ainda eram inexperientes no assunto a respeito da saúde mental, amplamente difundido nos dias atuais. "Falaram assim para mim: é no tempo dele, ele vai falar, mas é no tempo dele, tudo no tempo dele. Mas o tempo foi passando e nada", relembra ela.

Depois de uma busca incansável e quase dois anos após o nascimento do filho, o diagnóstico foi recebido: ele faz parte da comunidade cada vez maior de pessoas com o Transtorno do Espectro Autista (TEA), um distúrbio neurológico caracterizado por sintomas que geralmente se manifestam precocemente na infância, afetando o desenvolvimento e o funcionamento cotidiano do indivíduo.

Nesse sentido, é fundamental o olhar atento dos pais, principalmente na fase inicial da vida dos filhos, como aponta o psicólogo, mestre em neurociência cognitiva e de comportamento pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), pós-graduando em neurologia e membro da Fundação Centro Integrado de Apoio à Pessoa com Deficiência (Funad), Manuel Francisco. "Os primeiros sinais já podem ser notados ali, nos primeiros meses de vida da criança. É imprescindível a visualização e sensibilidade dos pais nesse sentido", alerta ele.

De acordo com dados da Organização Mundial de Saúde (OMS), uma em cada 160 crianças no mundo está no espectro autista, sendo a prevalência nas do sexo masculino: a cada quatro meninos, existe uma menina autista, e a condição é mais severa na população feminina.

Segundo o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5), uma referência para diagnóstico psiquiátrico, o TEA é categorizado por deficiências em duas áreas principais: carências na comunicação social e interação social e padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades.

Fotos: Roberto Guedes

Vida escolar do autista é importante não só no desenvolvimento intelectual, como também na sua melhora cognitiva e social

Sinais variam com a realidade de cada um

As manifestações dos sinais do autismo variam de acordo com a realidade de cada indivíduo – daí a razão de ser denominado "espectro". Porém, os sintomas mais comuns envolvem a dificuldade de desenvolver sociabilidade; seletividade alimentar; interesse e domínio em determinado assunto ou ação (desenho, tecnologia, história, entre outros); aversão a ambientes barulhentos; déficit na comunicação (atraso no desenvolvimento da fala ou a ausência da comunicação verbal); comportamentos restritos e/ou repetitivos; dificuldades em manter contato físico e visual; e hipersensibilidade sensorial.

Ainda de acordo com o DSM-5, os três níveis de suporte do autismo são uma maneira de categorizar a intensidade das necessidades de suporte que uma pessoa no espectro autista pode ter. É baseado neles que há a orientação a fim de direcionar o tratamento individualizado e fornecer suporte adequado com base nas necessidades específicas de cada pessoa. É, também, uma forma de substituir as expressões "autismo leve", "autismo grave" e similares, ainda muito utilizadas popularmente.

As pessoas autistas com "nível 1" de suporte podem enfrentar desafios na interação social e na comunicação, e mesmo que, muitas vezes, consigam lidar com a vida cotidiana, podem precisar de suporte leve.

No "nível 2", os desafios do TEA se tornam mais evidentes e começam a interferir mais significativamente na vida diária. As pessoas com este nível podem ter dificuldades mais notáveis na comunicação verbal e não verbal, na interação social e no comportamento adaptativo, e precisam de mais ajuda. No "nível 3", os reflexos do autismo são mais graves e tendem a exigir suporte muito substancial em todas as áreas da vida. O suporte familiar e comunitário desempenham um papel crucial na promoção do bem-estar e da qualidade de vida para tais indivíduos.

Apesar dos avanços nos estudos e na disseminação de informação a respeito do tema, algumas questões ainda permanecem sem resposta concreta, como as causas do transtorno. Entretanto, há a possibilidade da combinação de fatores como o genético, pais com idade mais avançada, bebês desnutridos ou que entraram em contato com ácido valproico (usado no tratamento de epilepsia), que podem contribuir para o desenvolvimento do espectro autista.

Em linhas gerais, destaca-se a necessidade da inclusão efetiva das pessoas com o Transtorno do Espectro Autista (TEA) nos mais variados âmbitos da sociedade, inclusive na educação. Nesse ínterim, a escola, principalmente nos anos iniciais, tem papel fundamental, não só no desenvolvimento intelectual e avanço às fases acadêmicas seguintes, como também na melhora cognitiva, na socialização, e no incentivo à formação do senso de cidadania dos alunos com TEA.

Foto: Roberto Guedes

Vital

Atualmente, existe mais mobilização pela inclusão efetiva das pessoas com o Transtorno do Espectro Autista (TEA) nos mais variados âmbitos da sociedade, inclusive na educação

Foto: Roberto Guedes

De acordo com o Censo Escolar 2023, estudantes com TEA integravam 35,9% das matrículas na Educação Especial no país, um aumento de 48% em relação ao ano letivo anterior

PANORAMA

Educação inclusiva cresce a cada ano

Aumento pode ser atribuído à criação de dispositivos legais que facilitam entrada de autistas no ambiente escolar

Camilla Barbosa
acamillabarbosa@gmail.com

No Brasil, os números de matrículas de autistas têm crescido significativamente nos últimos anos. De acordo com o Censo Escolar 2023, divulgado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), órgão vinculado ao Ministério da Educação (MEC), 636.202 estudantes com Transtorno do Espectro Autista matriculados integravam 35,9% das inscrições na Educação Especial no ano. Em 2022, estavam matriculados 429.521. Ou seja, o aumento foi de 48% em relação ao ano letivo anterior.

Esse panorama animador pode ser atribuído à criação de diversos dispositivos legais que viabilizam a facilitação da entrada desses indivíduos no ambiente escolar, além da busca por parte dos educadores de conhecimento e especialização sobre o TEA e suas implicações no âmbito educacional.

A Constituição Federal, em seu artigo 6º, estabelece o direito à educação como sendo fundamental a todos, sem discriminação. A Lei Berenice Piana, publicada em dezembro de 2012, instituiu a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, além de classificar os indivíduos com TEA como pessoas com deficiência, o que lhes assegurou ainda mais direitos.

Já o artigo 27 da Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência determina que o sistema educacional seja inclusivo em todos os níveis de aprendizado ao longo de toda a vida, para que seja possível o alcance máximo do desenvolvimento possível dos talentos e habilidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais, segundo suas características, interesses e necessidades de aprendizagem.

Todas essas legislações supracitadas apontam para um fim comum: deve-se haver um esforço conjunto para viabilizar a adaptação dos ambientes escolares com vistas à inclusão das pessoas com deficiência, inclusive dos indivíduos autistas. E é baseada nessa premissa que as redes estadual e municipal de ensino têm atuado.

De acordo com a professora Rejane Lira, chefe da Divisão da Educação Especial (DEE) da Secretaria de Educação e Cultura de João Pessoa (Sedec-JP), dos 70 mil alunos matriculados no ano letivo de 2024, 2.261 são estudantes autistas.

Para melhor atendê-los, todas as escolas e Centros Municipais de Educação Infantil (CMEI), as creches, da capital paraibana contam com mediadores (também conhecidos como acompanhante terapêutico, cuidador, tutor, entre outros). A exigência de tais profissionais no ambiente escolar está prevista na Lei Federal 12.764, que afirma que "em casos de comprovada necessidade, a pessoa com transtorno do espectro autista […] terá direito a acompanhante especializado".

A Escola Municipal Ubirajara Targino Botto, localizada no bairro Cristo Redentor, contando com seis mediadores, é a instituição de ensino da rede municipal que tem o menor número desses profissionais em toda a capital paraibana. Já a Escola Municipal Professora Anayde Beiriz, no Bairro das Indústrias, é a que tem o maior quantitativo, totalizando 38.

Além disso, reformas têm sido feitas nas instituições de ensino a fim de modernizá-las, e recursos didáticos pedagógicos tecnológicos têm sido empregados em todas as unidades escolares, para facilitar o processo de aprendizagem dos alunos.

Conhecer, se especializar e buscar compreender as implicações do Transtorno do Espectro Autista são também objetivos que devem ser alcançados pelos professores da rede municipal. "Eles têm um *menu* formativo que é a formação continuada do município. Então, é uma formação que se dá para o segmento professores, eles passam por uma formação dos anos iniciais com todas as temáticas, inclusive com a educação especial", destacou Rejane Lira.

"Não tem como fugir dessa realidade, não só os professores, mas quem é da área de educação – os especialistas, gestores, professores – não tem mais a opção de querer ou não se atualizar na área da educação inclusiva, porque a cada ano esse número vem crescendo, e, graças a Deus que eles estão tendo acesso. Antes era um público segregado, agora ele está dinâmico dentro dos espaços", completou o professor.

Preparo psicológico

As dificuldades potencializadas pelas desigualdades socioeconômicas e conflitos familiares também representam um dilema a ser contornado pelos gestores escolares. Muitas vezes, em função do baixo poder aquisitivo, ou até dificuldades de acesso ao tratamento adequado para o transtorno através do Sistema Único de Saúde (SUS), alunos e alunas autistas acabam se desregulando emocionalmente no ambiente escolar. São nesses momentos que cautela, empatia e sensibilidade são os maiores aliados do docente.

Em suma, a Educação Especial requer daquele que leciona total foco no desempenho da sua profissão. Para além, Gabriella Souza, professora de Educação Infantil em escola da rede privada de ensino em Campina Grande, pontua que é necessário muito preparo psicológico. "Existem algumas situações que, se você não tiver um preparo, pés firmes no chão, você acaba querendo desistir. Porque é um mundo muito gigante, é um quebra-cabeça de 1.500 peças, precisa de muita atenção, de muito preparo, da sua disponibilidade e da sua vontade de aprender e entender tudo isso", afirmou.

O professor e os demais responsáveis pela educação são todos componentes da engrenagem que conduz os alunos com Transtorno do Espectro Autista ao mundo mais inclusivo, através da educação. "Tem que estar todo mundo de mãos dadas, porque se algum cair, o outro levanta. Tem que ter a união de todo mundo para a inclusão funcionar", conclui a pedagoga Gabriella Souza.

Governo do Estado investe na especialização dos cuidadores

Um dos aspectos importantes no acompanhamento dos alunos e alunas com TEA, além do acompanhamento e qualificação do próprio corpo docente, é o investimento nos cuidadores escolares, que ocupam também um papel fundamental no processo de inclusão do estudante com alguma deficiência física, intelectual e/ou transtorno específico, pois o auxilia nas atividades de alimentação, higiene e locomoção.

O Governo do Estado, através da Fundação Centro Integrado de Apoio à Pessoa com Deficiência (Funad) trabalha para oferecer uma melhor qualidade de desempenho para esses profissionais. "Nós temos trabalhado na especialização dos cuidadores, porque, os autistas precisam deles, então, essa pessoa, esse apoio, ele tem um papel importante do sistema de ensino para que as pessoas autistas possam acessar todos os serviços dentro da escola e também a atenção do apoio que essas pessoas dão", explicou a presidente da Funad, Simone Jordão.

Foto: Roberto Guedes

Funad qualifica os profissionais envolvidos na Educação Especial, tanto na rede estadual quanto na municipal de ensino

A gestora apontou ainda que a Funad é também uma instituição que dá formação à rede de ensino, seja ela estadual ou municipal, para qualificar a intervenção dessas pessoas, dos profissionais envolvidos na Educação Especial, seja o professor ou apoiador. "Inclusive, recentemente nós entregamos o certificado para 160 apoiadores da rede de ensino que acabaram concluindo um curso de cuidador na Funad da rede estadual e alguns da rede municipal também, que nós estamos dando apoio aos municípios", frisou ela.

"O que o Governo do Estado tem feito é qualificar os profissionais, para que eles possam ter uma abordagem mais qualitativa dentro do sistema de ensino, garantir a presença do apoio escolar e fazer com que toda a escola qualifique melhor a atuação junto a todas as pessoas autistas e promova a inclusão", complementa Simone Jordão. "O que eu acho que é o mais importante: exatamente promover a inclusão dessas pessoas, não apenas o acesso à escola", concluiu a presidente da Funad.

DESAFIO

Estímulos ajudam a superar desafios

Convivência em sala de aula é fundamental para o desenvolvimento de habilidades motoras, cognitivas e sociais

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

"O que eu quero para o João? Que ele possa estudar, trabalhar e ter uma vida plena". Esse é o futuro com o qual Danielle Santiago sonha todos os dias ao acompanhar seu filho até o colégio, uma escola regular no bairro do Bessa, na capital, que tem acolhido o jovem desde seus primeiros dias como estudante. "A educação é um direito de todos, está na Constituição", complementa a mãe, consciente de que a verdadeira inclusão demanda ações práticas, como a promoção de ambientes escolares humanizados que levem em conta as necessidades e experiências individuais de cada aluno. Pode parecer uma utopia, mas ela acredita ser possível com o empenho de pais, professores e demais agentes ligados à educação.

Mesmo que a socialização das crianças com Transtorno do Espectro Autista represente um desafio e tanto para as instituições de ensino, sabe-se hoje que a educação inclusiva é, de fato, fundamental para o desenvolvimento de suas habilidades sociais, sendo igualmente valiosa para seu amadurecimento intelectual.

Para João Lucas, essa convivência em sala de aula é o que o ajuda a superar suas dificuldades de interação com os colegas, uma vez que, como a própria mãe observa, ele não tem filtro social. "Na escola, não temos problemas de aprendizado. A questão é comportamental, de ficar no ambiente. Meu filho tem QI elevado, mas não faz questão de ter por perto outras pessoas. Quando ele não é compreendido, ele prefere ficar no quarto", conta Danielle Santiago.

Pessoas com "nível 2" de suporte como João podem apresentar dificuldades na comunicação e interação social, assim como sensibilidade à luz e aos sons. Não à toa, a escola precisa estar preparada para o acolhimento de forma responsável, tendo em vista que qualquer alteração na rotina, como a simples troca de sala, pode desencadear uma crise. Nesse contexto, um olhar atento às demandas do aluno acaba sendo determinante para uma bem-sucedida socialização, o que demanda muita sensibilidade por parte dos profissionais que o acompanham no ambiente escolar.

Foto: Arquivo Pessoal

Danielle Santiago ao lado do filho, João Lucas: inclusão demanda ações práticas da família e da escola

De acordo com o diretor pedagógico da Escola Municipal Rodrigo Otávio, Márcio Diniz, a empatia é a chave para estimular a criança com TEA, independentemente da idade ou do nível de suporte demandado, a desenvolver suas habilidades motoras, cognitivas e sociais. Um estímulo na direção certa pode ajudá-la a superar desafios diversos, desde tarefas simples como amarrar os cadarços até a resolução de exercícios mais complexos em sala de aula.

Muitas vezes, como o próprio diretor pedagógico destaca, o desafio da educação começa na adaptação com o cuidador, que é quem vai construir uma rotina ao lado desse estudante com empatia e acolhimento. "A gente aprende mais com eles do que eles com a gente", complementa Paloma Pereira, uma das 17 cuidadoras da escola, que atualmente acompanha um adolescente de 14 anos com TEA "nível 1". "Quando ele chegou aqui, não queria participar de nenhuma atividade. Não gostava de pegar na caneta. Então, comecei a criar uma rotina e hoje ele é capaz de copiar tudo sozinho e adora interagir com os professores. Está progredindo a cada dia", conta ela com orgulho. A socialização, segundo Paloma, envolve duas condutas fundamentais: identificar as necessidades específicas de cada aluno e reconhecer que cada um tem o seu tempo.

"São histórias de vidas que vão sendo construídas"

Já do lado do professor, Márcio Diniz explica que cabe a ele elaborar atividades que abordem o mesmo conteúdo ensinado aos demais, porém de forma mais lúdica e adaptada, para que esse aluno seja ativo durante a aula. "Pode ser uma atividade de pintura ou de ligar os pontos, desde que esteja alinhada ao conteúdo e faça o estudante avançar. O professor precisa estar atento em como vai repassar esse conhecimento", observa o diretor pedagógico.

Por outro lado, quando o obstáculo está relacionado ao seu comportamento, isso pode dificultar não apenas a interação da criança com o professor e os colegas, mas também afastá-la do ambiente escolar. Márcio compartilha um exemplo em que a empatia foi fundamental para superar o problema. "Tivemos um aluno que gostava de ficar na biblioteca e sempre pegava seis livros por dia. Então, decidimos colocar os mesmos seis livros em uma cestinha e levá-los para a sala de aula. Com essa adaptação, ele não sentiu mais essa necessidade de ir à biblioteca", lembra.

Além disso, a equipe do Colégio Rodrigo Otávio observou que ele gostava de tecnologia e que, inclusive, sabia escrever muitas palavras, mas apenas no computador, devido à falta de coordenação motora fina. "Foi aí que a professora começou a levar um Chromebook e propor atividades por meio dele. Tentar identificar as habilidades de cada um é fundamental, pois nos auxilia nessa jornada de superação". Ao final desse processo – que é de pura conquista por parte dos professores, cuidadores e psicólogos – muitas barreiras são quebradas, gerando muito mais do que boas notas. O resultado é marcado por um carinho genuíno, como o demonstrado por Lorenzo, de nove anos, que ao avistar a gestora da escola, Marinês Cunha de Carvalho Lisboa, faz questão de abraçá-la – derrubando a ideia de que crianças com TEA não são sociáveis. "São histórias de vidas que vão sendo construídas. Uma dedicação que muda totalmente a criança. É uma transformação", resume.

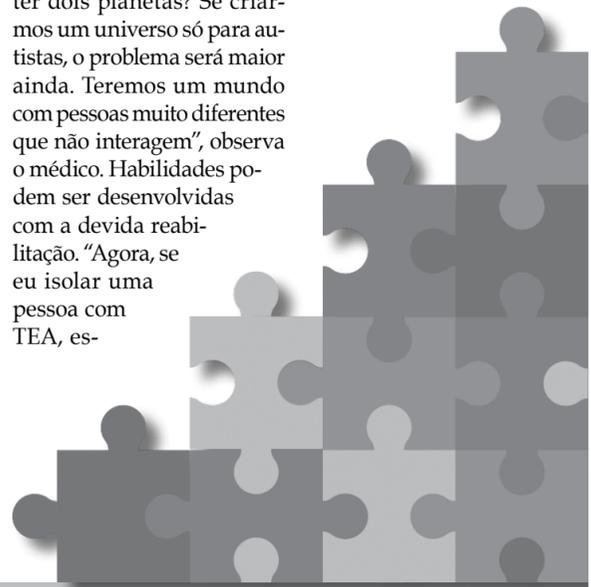
Foto: Arquivo Pessoal

Lorenzo (ao lado), de nove anos, faz questão de abraçar a gestora da escola, Marinês Cunha de Carvalho Lisboa – derrubando a ideia de que as crianças com TEA não são sociáveis

O trabalho de socialização, como ela própria sublinha, demanda sensibilidade, inclusive, na hora de compor as turmas. As classes comportam até quatro alunos deficientes, mas evita-se que tenham mais de dois autistas nelas, em consonância à recomendação do Conselho Municipal de Educação. "São salas com até 35 alunos. Precisamos entender o que é possível e ter bom senso para observar se aquela turma só comporta aquele número ou mais, e aí fazemos adaptações. Não é uma receita de bolo. Tivemos uma turma na qual apostamos em colocar mais um aluno e deu certo, mas nem sempre é assim", explica a gestora administrativa. Nas palavras de Marinês, a inclusão não se resume à abertura de vagas, mas a um compromisso diário com o aluno. Isso implica em encorajá-lo a sair de sua zona de conforto, mesmo que envolva mudanças em sua jornada dentro da escola, incluindo a troca de cuidador. "A família precisa confiar na escola", finaliza.

Flexibilidade

A importância da inclusão é indiscutível. Segundo o psicólogo Manuel Francisco, colocar o aluno autista ao lado de colegas diversos é imprescindível para a sua socialização. Vez ou outra, a discussão sobre a inviabilidade dessa "mistura" vem à tona, mas é logo contestada por conta dos benefícios que a diversidade traz à formação desses jovens. "Pode até separar na sala de aula, mas na vida não dá. Vamos ter dois planetas? Se criarmos um universo só para autistas, o problema será maior ainda. Teremos um mundo com pessoas muito diferentes que não interagem", observa o médico. Habilidades podem ser desenvolvidas com a devida reabilitação. "Agora, se eu isolar uma pessoa com TEA, estarei reforçando suas características, inclusive as negativas", complementa.

A interação entre autistas no ambiente escolar é um desafio complexo, dado que cada um apresenta sintomas e critérios incomuns, além de posicionamentos e personalidades totalmente diferentes. Nesse contexto, é possível que a presença de um estudante influencie o comportamento do outro, exigindo um trabalho multidisciplinar muito próximo para garantir a tão fundamental estimulação cognitiva. Como o psicólogo enfatiza, embora desafiadora, essa tarefa é crucial para que eles consigam interagir entre si com empatia.

DESCOBERTA

Diagnóstico tardio gera aflição e sentimento de incapacidade

Crianças com TEA e TDAH que chegam à fase adulta sem acompanhamento médico podem enfrentar uma vida de estigmas sociais e incompreensão

Foto: Jonne Roriz/Estadão Conteúdo

Atriz mineira Letícia Sabatella recebeu o diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista recentemente, depois de a filha receber a mesma identificação

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

Às vezes, o diagnóstico chega tardiamente; em outros casos, não é tão preciso, deixando a família e o próprio paciente com dúvidas quanto ao futuro. Será ele capaz de se relacionar com o mundo de forma independente, com a autonomia esperada? Seja como for, o que realmente faz a diferença na vida de crianças e adolescentes com TEA e outros transtornos neurobiológicos, como o famoso TDAH (Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade), é a identificação precoce de suas particularidades.

O doutor Manuel Francisco salienta que esse indivíduo "funciona de um jeito diferente, não porque ele quer, mas por conta de processos neurológicos próprios". Mas nem sempre essas características comportamentais são tão gritantes a ponto de serem facilmente notadas pela família, e aí o diagnóstico só vem na fase adulta, com anos de atraso. "São as pessoas que mais sofrem. Elas até conseguem ter uma convivência razoável, mas são taxadas de preguiçosas, elétricas ou quietas demais. Para esse paciente, é uma experiência muito dolorosa", explica o psicólogo.

Peculiaridades invisíveis

Em muitos casos, o adulto com TEA ou TDAH acaba adotando uma postura muito negativa em relação a si próprio e alimentando uma aflição sem fim sobre quem ele realmente é. "Isso faz com que você crie crenças a seu respeito muito fortes. Nunca fui um bom aluno, não sou inteligente, não consigo me relacionar. Embora sejam pessoas com processos cognitivos mais desenvolvidos, elas apresentam atrasos em alguns domínios que causam um grande prejuízo em suas vidas", complementa Manuel.

Assim como o descrito pelo profissional, o editor de vídeo Paulo Henrique Araújo, também conhecido como PH, de 38 anos, passou a juventude acreditando que não era bom o suficiente para os estudos. Sem conseguir se concentrar, encontrava dificuldade para compreender o assunto debatido em sala. "Eu não conseguia ler duas linhas de um livro sem me esquecer do conteúdo. Mais velho, já não conseguia levar mais nada para frente, gerando um espírito de desistência muito forte que me fez acreditar por muitos anos que não poderia, sequer, fazer uma faculdade", relata PH.

Embora desconfiasse de que sofria de déficit de atenção, ele só descobriu o TDAH com 37 anos, depois de comparar seu comportamento aos sintomas descritos por um *youtuber* especializado no tema. "Naquele momento, me vi em uma lista assinalando 45 de 50 sintomas. Foi aí que entendi que precisava consultar um médico", relembra o editor. O diagnóstico foi motivo de alívio, mas também significou um recomeço para Paulo Henrique, que dali em diante passaria a contar com o apoio de um profissional para organizar sua jornada. "Reavaliei vários aspectos da minha vida, a forma de pensar, de tomar decisões. Hoje, eu entendo o que acontece comigo. Em vez dos esquecimentos repentinos, tenho mais disposição para lidar com o dia a dia. Ainda não está perfeito, mas estou no caminho certo", pondera PH.

Letícia Sabatella, Anthony Hopkins e Elon Musk são outros exemplos de como esses traços comportamentais nem sempre são visíveis ao primeiro olhar, tendo em vista que todos eles são bem-sucedidos e famosos.

Foto: Mubi/Divulgação

"Oscarizado" por duas vezes, ator galês Anthony Hopkins é um exemplo de como os traços de comportamento do TEA nem sempre são visíveis ao primeiro olhar

Foto: Royal Society/Divulgação

Em 2021, em um programa de TV, o empresário Elon Musk relevou que tinha síndrome de Asperger, quadro de menor gravidade dentro do guarda-chuva do TEA

Em sua rede social, a atriz mineira contou que tem grau leve de autismo, um diagnóstico recente (depois de a filha receber a mesma identificação) que a fez compreender os motivos que a fizeram perder amizades ou evitar experiências sensoriais mais fortes, como ir ao cinema.

Já o ator galês Anthony Hopkins só chegou ao veredicto aos 70 anos de idade sem, em nenhum momento da vida, ter se sentido diferente, como ele bem aponta. "Na verdade, eu não acredito nisso. Talvez eu esteja errado, eles chamam de neurodiversidade. É um rótulo chique", disse o ator à revista norte-americana GQ.

O bilionário dono da Tesla e do X (ex-Twitter) relevou apenas em 2021, durante o programa norte-americano *Saturday Night Live*, que tinha síndrome de Asperger (quadro de menor gravidade dentro do escopo do TEA).

Estereótipos sociais podem levar à "romantização" do diagnóstico

Da surpresa do diagnóstico à compreensão desses "porquês", são anos de questionamentos sem resposta. A falta de entendimento sobre si mesmo chega a incomodar, mas não o suficiente para que o indivíduo procure ajuda. O problema, segundo o psicólogo Manuel Francisco, tem a ver com estereótipos sociais que levam pessoas a ignorarem a realidade devido ao "rótulo" que é comumente associado a esses diagnósticos. Isso resulta em preconceito, que por sua vez as afasta do tratamento necessário.

Por outro lado, também há muito mais gente, hoje, falando sobre TEA e TDAH nas redes sociais. No entanto, não é incomum se deparar com listas de sintomas em publicações de influenciadores, o que acaba esvaziando o debate. Segundo o psicólogo, as mães desta geração querem compreender melhor o comportamento de seus filhos, porém, muitas vezes, começam essa busca por informações de maneira equivocada. "Depois de pesquisarem no Google, chegam a ter plena convicção de que aquela criança é autista, pulando todo um processo de avaliação. É como se as pessoas quisessem, inconscientemente, que seus filhos, sobrinhos ou netos fossem autistas", reflete Francisco.

Na visão do médico, o uso de *checklists* não apenas banaliza o diagnóstico, como também leva a interpretações equivocadas. Por exemplo, se alguém tem dificuldade em se concentrar durante aulas entediantes, isso não é necessariamente um indicativo de TDAH. "A pessoa vê um vídeo no TikTok e já normaliza aquele comportamento, justificando-o com base naquelas informações. Buscamos sempre nos encaixar em um grupo", completa. O editor Paulo Henrique Araújo concorda com o médico e observa: "Hoje, qualquer coisa é motivo para dizer que tem TDAH, quase como se fosse uma carta branca para agir livremente".

Como Araújo bem destaca, a explosão de casos de TDAH não é uma invenção, embora muitas famílias ainda não encarem o problema com a seriedade necessária. "Isso é muito frustrante. Ninguém me pergunta se estou bem ou se preciso de alguma ajuda".

De acordo com a Associação Brasileira do Déficit de Atenção (ABDA), mais de dois milhões de adultos sofrem com os sintomas desse transtorno, como desatenção e hiperatividade. No mundo, o número varia entre 5% e 8% da população. "Queria que lá atrás, quando eu tinha 12 anos e não conseguia prestar atenção nas aulas, alguém tivesse me notado. Minha vida poderia ter sido muito diferente", lamenta PH Araújo.

Foto: Acervo Pessoal

Para o psicólogo Manuel Francisco, estereótipos levam pessoas a ignorarem a realidade devido ao "rótulo" que é associado aos diagnósticos